

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
LEANDRO RODRIGUES GONZALEZ FERNANDEZ**

**HOSPITALIDADE E ENCONTRO: O RELACIONAMENTO
ENTRE MORADORES E TURISTAS DE SEGUNDA
RESIDÊNCIA EM PRAIA GRANDE**

**SÃO PAULO
2009**

LEANDRO RODRIGUES GONZALEZ FERNANDEZ

HOSPITALIDADE E ENCONTRO: O RELACIONAMENTO ENTRE MORADORES E TURISTAS DE SEGUNDA RESIDÊNCIA EM PRAIA GRANDE

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sênia Regina Bastos.

**SÃO PAULO
2009**

LEANDRO RODRIGUES GONZALEZ FERNANDEZ

**HOSPITALIDADE E ENCONTRO: O RELACIONAMENTO
ENTRE MORADORES E TURISTAS DE SEGUNDA
RESIDÊNCIA EM PRAIA GRANDE**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sênia Regina Bastos

Aprovado em

Prof^a Dr^a Sênia Regina Bastos

Prof^a Dr^a Marielys Siqueira Bueno

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo

AGRADECIMENTOS

À Maria Antonia, o maior e mais atual propósito da minha existência, agradeço ao estímulo demonstrado em cada sorriso, abraço, carinho e afeição.

À Camila, pela paciência e acolhida nos momentos mais difíceis e exaustivos. Esse trabalho também é seu. Se em algum momento deixamos de ser “um”, foi por motivo nobre, a relação implica nessas ocasiões, nesses sacrifícios. Voltemos então ao estado anterior.

Aos meus pais José e Lizete e tia Dora, por andarem sempre ao meu lado, incentivarem, me apoiarem e ajudarem. Obrigado por existirem e serem assim. Jamais conseguiria sem vocês.

À Selma Ligeiro Rein, responsável pelo pontapé inicial desta caminhada.

Às oportunidades de conhecimento fornecidas pelo Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, por trazerem Isabel Baptista e sua obra, hoje partes de meu repertório acadêmico.

Aos mestres do Programa que, com profissionalismo e amor, proporcionaram conhecimento e admiração.

À especial amizade de Rodrigo de Benedictis Delphino e família, fruto do convívio entre os colegas de Mestrado.

Aos alunos da UNISA e da FAMEC, cuja convivência é tão gratificante que estimulam a sede por conhecimento.

A todos que colaboraram com o trabalho: entrevistados, colegas, professores, Camila e meu pai.

Agradeço especialmente a minha orientadora, Prof^a Dr^a Sênia Regina Bastos. Obrigado pela acolhida, pela luz dada no momento de desespero, pelas orientações. São pessoas como você que me encorajam e incentivam a prosseguir os estudos, demonstram o que é a arte de ensinar e orientar, um autêntico e sincero encontro. Muito obrigado!

À Deus, pelas oportunidades de encontro com todas essas pessoas.

Que o Universo conspira a nosso favor e possamos sempre manter e ampliar esses vínculos...

[...] nos realizamos “com os outros” e não “através dos outros”.
(BAPTISTA, 2007, p. 140)

FERNANDEZ, Leandro Rodrigues Gonzalez. **Hospitalidade e Encontro: o relacionamento entre moradores e turistas de segunda residência em Praia Grande**. 2009. 143 p. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade)- Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sênia Regina Bastos

RESUMO

O objeto da presente pesquisa constitui-se nas relações provenientes do encontro entre moradores de Praia Grande e turistas de segunda residência. A pesquisa bibliográfica e documental é utilizada para a contextualização do objeto de estudo, seguindo uma linha teórica que privilegia o conhecimento do território, fundamentando-o como palco de relações sociais onde os indivíduos se relacionam entre si e com o próprio espaço criando suas territorialidades. Objetivou-se estudar o encontro optando pela pesquisa exploratória revelada sob a ótica do morador. O método utilizado é a análise de conteúdo obtido por meio de entrevistas em profundidade com o uso de tópicos guias. A seleção dos entrevistados contou com três moradores que vivem com a família no território turístico e que possuem profissões diferentes. O referencial teórico utilizado enfoca a dádiva e a hospitalidade como requisitos para que exista encontro interpessoal nas relações, mas sem excluir a possibilidade de haver hostilidade nos relacionamentos. Sendo uma pesquisa que trata de pessoas, demonstrou toda a diversidade própria do ser humano, obtendo-se como resultado uma diversidade de relações que envolvem dádiva, hospitalidade, encontro, sinais de apaziguamento, sacrifício e interesses advindos de situações proporcionadas pela atividade turística. Os sentimentos que os moradores têm em relação ao turismo tais como empatia e hostilidade também foram retratados. Sugere-se uma mudança de postura em relação ao planejamento da atividade turística que visa a maximização dos fluxos como forma de crescimento do setor.

Palavras-chave: Hospitalidade. Dádiva. Encontro interpessoal. Relacionamento. Hostilidade.

FERNANDEZ, Leandro Rodrigues Gonzalez. **Hospitalidade e Encontro: o relacionamento entre moradores e turistas de segunda residência em Praia Grande**. 2009. 143 p. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade)- Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sênia Regina Bastos

ABSTRACT

The object of this research is on the relationship from the meeting between residents of Praia Grande and tourists from the second residence. The literature search and document is used for the contextualization of the object of study, following a line that focuses on theoretical knowledge of the territory, supporting it as the scene of social relations in which individuals relate to each other and with creating their own space territorialities. The objective was to study the meeting in case of exploratory research revealed from the viewpoint of the resident. The method used is the analysis of content obtained through in-depth interviews with the use of topical guides. The selection of respondents had three residents who live with family in the tourist area and who have different occupations. The theoretical framework used focuses on the gift and hospitality requirements as to any meeting in interpersonal relations, but without excluding the possibility of hostility in relationships. As a research dealing with people, has all the diversity of the human being itself, obtaining as result a variety of relationships involving donation, hospitality, meeting, signs of appeasement, sacrifice and interest arising from situations offered by tourism. The feelings that residents have in relation to tourism such as empathy and hostility were also depicted. It is suggested a change of attitude in relation to the planning of tourism which aims to maximize the flows as a growth sector.

Key-words: Hospitality. Donation. Meet. Relationship. Hostility.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TURISMO E TERRITÓRIO	12
1.1 A dialética turismo-território.....	12
1.2 O município de Praia Grande como núcleo receptor de Turismo.....	16
1.3 Territorialidade e residências secundárias	32
1.4 Espaços de deslocamento	45
1.5 Núcleos emissores de turistas para Praia Grande	46
2 DÁDIVA, HOSPITALIDADE E ENCONTRO	49
2.1 Hostilidade e encontro turístico	66
3 PROCESSAMENTO DA PESQUISA	70
3.1 Análise das entrevistas	76
3.2 Análise dos tópicos guias complementares	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXO 1 – Atrativos Turísticos de Praia Grande.....	106
ANEXO 2 – Pesquisa sobre o perfil do turista de Praia Grande	114
ANEXO 3 – Transcrição das entrevistas	125

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca uma conciliação entre os estudos do Turismo e da Hospitalidade, pois parte de um contexto turístico para invocar os conceitos da hospitalidade, analisando como esta se apresenta no encontro entre turistas de segunda residência¹ e moradores.

O contexto turístico refere-se ao espaço litorâneo do Estado de São Paulo, especificamente o município de Praia Grande-SP, cidade caracterizada pelo turismo de massa e marcada pela especulação imobiliária, esta visualmente materializada na avenida beira-mar.

A interação entre vida cotidiana e espaço o institucionaliza², transformando-o em território e caracterizando o que se denomina de territorialidade (ALBAGLI, 2004).

A territorialidade (ALBAGLI, 2004) da população de Praia Grande – SP é alterada à medida que o município recebe pessoas advindas de outro local, habituadas a outro tipo de interação com seu espaço.

Esse encontro de pessoas, turistas e moradores, nada mais é do que um aspecto da sociabilidade humana doravante denominada hospitalidade, resultante da atividade turística, mas resultante também do encontro de pessoas que dividem o mesmo espaço e possuem territorialidades diferentes.

Estudar a Praia Grande é relevante, por ser um dos poucos municípios que agregam um histórico turístico maduro, trata-se de um destino que já passou por várias fases do ciclo de vida das destinações turísticas (BUTLER, 1980 apud RUSCHMANN, 1997), constituindo-se hoje num local consagrado como destino sol e praia.

Durante muitos anos e no período da graduação em Turismo, o autor frequentou uma residência secundária localizada na Baixada Santista, no município de Praia Grande, testemunhando várias vezes conflitos nas ruas entre turistas e moradores, ouvindo afirmações como:

Esse pessoal que vem de São Paulo é muito folgado, só porque tem casa ou apartamento aqui, se sente o dono do mundo...

Esses mauricinho não sabem de nada, passam o ano inteiro fora e quando chegam ficam metendo o bedelho num negócio que não tem nada a ver com eles...

Ai que inferno! Essa turistada só vem aqui para engrossar a fila do pão. [uma senhora moradora reclamando sobre as filas nas padarias durante o período de maior movimento, entre o Natal e a passagem do ano].

¹ Neste estudo, entende-se como turista de segunda residência o proprietário ou familiar do dono da residência.

² Informação verbal adquirida em aula ministrada pelo Prof. Dr. Davis Gruber Sansolo na disciplina Planejamento e Gestão Ambiental – a Hospitalidade do Lugar Turístico do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi durante o primeiro semestre do ano letivo de 2008.

Quando percebo que o vendedor aumentou o preço por causa dos que vêm de fora eu logo falo que sou daqui e que o preço certo não é esse, que o preço pra mim é outro. Eu moro aqui, acompanho os preços semanalmente, como é que pode aumentar assim de uma hora para outra? E o pior que a gente que é daqui percebe que eles aumentam os preços sim...³

Tais afirmações despertaram, já na graduação, uma curiosidade científica acerca das relações sociais provenientes da atividade turística em Praia Grande. Já naquela época o autor identificava que o contexto turístico levava a uma insatisfação mútua no relacionamento entre moradores locais e turistas, mas ainda não conseguia identificar as causas desse contexto, tanto que essa curiosidade resultou no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Impactos Sociais da Obra de Reurbanização da Orla Marítima de Praia Grande – SP” (2000).

Em outra ocasião, já na pós-graduação, o autor escreveu a dissertação “Custos e Benefícios do Turismo de Massa de Peruíbe sobre a Estação Ecológica Juréia-Itatins”. Embora tenha se desviado do local aqui focado, neste estudo o pesquisador buscou descrever como as comunidades que vivem no interior da Juréia sentem os efeitos advindos da atividade turística. Ou seja, de outra forma, buscou descrever o resultado do encontro entre duas territorialidades: a dos turistas de massa que freqüentavam Peruíbe – SP com a das comunidades que habitam o interior da unidade de conservação.

O presente estudo explica-se por uma trajetória pessoal e de maturidade intelectual. Explica-se também por um envolvimento pessoal com o tema abordado que ganha força à luz da hospitalidade, visto que a análise desta é resultante do relacionamento entre turistas e moradores. Trata-se aqui de uma pesquisa centrada nas pessoas, cujo objeto de estudo se pauta na relação entre elas.

Nesse sentido, o referencial teórico buscado pautou-se na teoria da dádiva expressa aqui por Godbout (1999) e Caillé (2006), na hospitalidade contida nos estudos de Camargo (2004), Lashley e Morrison (2004) e Baptista (2002; 2005; 2007), nos conceitos de encontro e relacionamento expressos por Baptista (2002; 2005; 2007), Baumann (2004), Krippendorf (2003) que aproxima esse conceito da realidade do turismo e tantos outros que foram citados ao longo deste trabalho e não são menos importantes.

De qualquer maneira vale registrar o fascínio e influência nesta pesquisa exercida pela beleza da teoria explanada pela Prof^ª Dr^ª Isabel Baptista no curso de extensão internacional “Hospitalidade e Pedagogia Social”, oportunidade vivenciada em novembro de 2007 graças à iniciativa de professores do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, que certamente trará muitos frutos na carreira acadêmica do autor.

³ Depoimento dado durante entrevista estruturada para realização de trabalho de conclusão de curso.

Uma influência mais antiga, atuante desde os tempos de graduação, faz-se presente na obra de Krippendorf (2003), cujo trecho subscrito e intitulado pelo autor de “O Autóctone Mudo” alia-se à perspectiva teórica aqui desenvolvida:

Nesse ponto de minha obra, na realidade são os próprios autóctones que deveriam se expressar. Eu deveria basear-me em estudos e pesquisas que apresentassem o ponto de vista da população local, que descrevessem a situação em que vive e revelasse seus objetivos, as esperanças que depositou no turismo, assim como suas exigências a esse respeito. Pois nada mais é como antes, quando a hospitalidade era uma questão de honra. Quando se recebia o pior inimigo como se fosse o melhor amigo do mundo. O advento do turismo transformou a bela virtude humana da hospitalidade espontânea e gratuita num ganha-pão e numa profissão. Mas nesta grande indústria que é o turismo, é evidente que prevalece a escala de valores dos turistas e dos promotores. Pouco importa o que a população local sente, pensa e quer. Como explicar, de outro modo, o fato de não existirem informações sobre suas necessidades? Assim a biblioteca do Instituto de Pesquisas Turísticas da Universidade de Berna possui mais de 4.000 volumes relativos ao lazer e às viagens e guarda milhares de outros manuscritos, dissertações e artigos de jornais. Quem consultar essa vasta documentação constatará rapidamente que a reflexão está quase sempre centrada no turista ou nos interesses da indústria que vive das viagens[...] (KRIPPENDORF, 2003, p. 67-68)

Compartilha-se aqui com a preocupação de Krippendorf (2003) em dar voz ao morador das localidades turísticas e não cair mais uma vez na tradição das pesquisas que visam apenas o lado do viajante, denominadas de pesquisa de mercado. É com a perspectiva de quem dá voz aos atores envolvidos na recepção turística, ou seja, os moradores, que se tem como objetivo desta pesquisa estudar o encontro entre turistas de segunda residência e moradores do município de Praia Grande.

Sob este enfoque é que realizaram-se entrevistas em profundidade com três⁴ moradores de Praia Grande. Partiu-se do pressuposto que a profissão dos entrevistados influenciaria nas respostas obtidas, entendendo-se que alguém que dependa diretamente do turista para sobreviver tende a comportar-se de maneira favorável a atividade turística e até mesmo a se relacionar bem com os turistas.

Para Dencker e Da Viá (2001) a pesquisa exploratória apóia-se tanto em métodos qualitativos quanto em métodos quantitativos. Para esse estudo, realizou-se a revisão da literatura, que consistiu na pesquisa bibliográfica e documental relativa ao município de Praia Grande. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa, tem como instrumento o tópico-guia para a realização de entrevistas em profundidade, visto que objetiva identificar como se dão as relações entre turistas de segunda residência e moradores, a partir da ótica do morador. Foi realizado um pré-teste visando identificar os sujeitos da pesquisa.

⁴ No pré-teste das entrevistas selecionaram-se quatro, mas devido à falta de adequação de um dos depoentes ao contexto da pesquisa, optou-se por descartá-lo e continuar a pesquisa com os outros três.

No primeiro capítulo foi desenvolvida uma reflexão a respeito do objeto de estudo pautada no território, demonstrando a existência de moradores não apenas no que se identificou como território turístico, mas também naquelas que vivem fora dele.

No capítulo dois desenvolve-se uma discussão a respeito das teorias da dádiva e da hospitalidade e como estas se inserem no encontro interpessoal, enfim, nas relações humanas.

E finalmente no capítulo três dá-se inicialmente vazão aos sentimentos de alguns moradores de Praia Grande em relação ao turismo e aos turistas para depois investigar sobre suas relações com os turistas de segunda residência.

1 TURISMO E TERRITÓRIO

1.1 A dialética turismo-território

Antes de abordar diretamente o conceito de território faz-se necessário explicitar o conceito de turismo, já que este será importante para desenvolver a análise proposta.

Dessa forma, adota-se como critério inicial o conceito de turismo dado por Torre Padilla (1992, p. 19):

El turismo es un fenomeno social que consiste em el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a outro, em El que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generandi múltiples interrelaciones de importância social, econômica y cultural.

Barretto (1995), além de citar o autor acima e destacar esta definição como atual ressalta ainda os elementos fundamentais das várias definições de turismo que levantou: tempo de permanência, caráter não lucrativo da visita (para o turista) e a procura do prazer por parte dos turistas. Chama atenção para a polêmica da questão em torno de não se considerar turismo uma viagem cujo deslocamento principal se dê pela realização de negócios, mas reconhece que nesse como em tantos outros casos, as viagens realizadas por qualquer motivação, se utilizam da mesma gama de serviços que a viagem fundamentada pela busca do prazer.

A mesma visão sobre o conceito de turismo acima explanada é compartilhada por Cruz (2003), que em sua abordagem conceitual sobre a atividade critica a definição oficial da Organização Mundial do Turismo (OMT) que considera todo tipo de viagem como sendo turística.

Cruz (2003), fundamenta sua crítica nessa indistinção alegando existir diferenças na forma como o turista de lazer se apropria dos espaços e os (re) organiza, se comparado com a forma como outros tipos de turistas o fazem. E acrescenta:

O turismo, entendemos, é, antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo (CRUZ, 2003, p.5)

Por ser geógrafa, fica claro no entendimento de turismo dado por Cruz (2003) a dimensão espacial na atividade turística. Na visão da autora o espaço geográfico é objeto de consumo do turismo pelo fato daquele ser (re) organizado quando apropriado por este.

Isso significa que a atividade turística, quando chega a um determinado local/ cidade, se apropria dos “objetos” preexistentes (CRUZ, 2003), utilizando-os e transformando-os diferentemente de sua forma anterior. Mas o turismo não apenas transforma o que já existe no local, como também introduz novos objetos. É o que afirma Cruz (2003, p.12):

A intensificação do uso turístico de dada porção do espaço geográfico leva a introdução, multiplicação e, em geral, concentração espacial de objetos cuja função é dada pelo desenvolvimento da atividade. Entre esses objetos, destacam-se os meios de hospedagem, os equipamentos de restauração e de prestação de serviços e a infra-estrutura de lazer. Nesse processo de apropriação dos espaços pela prática social do turismo está a gênese dos territórios turísticos.

À sobreposição de objetos preexistentes ao turismo somam-se os objetos que surgem como fruto dele, porém essa associação não acontece sem a interação dos turistas no espaço, todo o tempo. É a interação social das pessoas no espaço e a apropriação dos objetos que garantem a dinamização do território turístico. Ao mesmo tempo em que os objetos do espaço são transformados em turísticos, novos objetos são produzidos para essa finalidade, ocorrendo também um movimento dialético.

Acrescenta-se a essas considerações o conceito de espaço geográfico dado por Santos (2002, p. 63) para evidenciar a dialética existente entre turismo e território: “[...] O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]”. Sistemas de objetos e sistemas de ação interagem entre si dinamizando o espaço geográfico.

[...] A configuração territorial, ou configuração geográfica tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais [...] (SANTOS, 2002, p.62)

Ainda de acordo com o autor os sistemas de objetos e de ações se confundem e interagem, produzindo novos objetos e novas práticas, influenciando-se mutuamente, gerando transformações no espaço ocupado. E sob esse aspecto Santos (2002, p. 63) coloca:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Se os sistemas de ações mencionados acima forem de natureza turística, pode-se afirmar que o turismo como fruto de uma prática social humana (CRUZ, 2003) pode interagir com os objetos presentes em determinada localidade e transformar a dinâmica espacial local originando territórios turísticos.

Argumentando a aproximação do conceito de território ao de território turístico, Cruz (2000, p. 18) revela:

O conceito de território corresponde a frações funcionais (SANTOS, 1997) do espaço. Corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados atores sociais (que lhe atribuem determinadas funções), num dado momento histórico. Daí, ao nos referirmos a espaços apropriados pelo turismo, ou seja, a porções do espaço funcionalizadas pelo turismo, utilizarmos o conceito de território turístico, adotado por Knafou (1996)

Knafou (1996) destaca três tipos de relação entre turismo e território: territórios sem turismo, turismo sem territórios e territórios turísticos.

Territórios sem turismo, mesmo nos dias atuais em que essa prática parece crescer constantemente, são facilmente encontrados se considerarmos como conceito de território as frações funcionais do espaço (SANTOS, 1997 apud CRUZ, 2000, p. 18). Ou seja, nem mesmo as cidades consideradas turísticas são apropriadas totalmente pelos turistas, mas apenas as porções onde se concentram os atrativos e as estruturas que dão suporte à realização do turismo tais como meios de hospedagem, transportes, restaurantes, bares, parques, etc. Além disso a maioria dos territórios não possuem turismo, embora qualquer um possa vir a ser turistificado (KNAFOU, 1996).

Knafou (1996) considera turismo sem território como os espaços onde o turismo ocorre fora do contexto da localidade, como por exemplo a reprodução das savanas africanas no parque temático “Animal Kingdon”.

Ainda de acordo com o autor, os territórios turísticos existem pela ação de três agentes que turistificam os lugares e espaços: os turistas, o mercado (e os planejadores) e os promotores territoriais.

Os turistas estão na origem do turismo quando, espontaneamente, surge um fluxo a determinado local sem que haja a intervenção do mercado. O mercado é composto pelos empresários que lucram com os serviços prestados aos turistas e são, hoje, de acordo com Knafou (1996), a principal fonte de turistificação dos lugares, atuando na colocação e concepção de produtos turísticos (operadores de turismo). Já os promotores territoriais são compostos por atores sociais da localidade que, por meio de políticas públicas, buscam incentivos para o desenvolvimento territorial e, conseqüentemente, da atividade turística (KNAFOU, 1996).

A turistificação do espaço nada mais é do que a transformação do espaço pela atividade turística. Luchiari (2000) também discute as transformações da atividade turística no espaço ao caracterizar a urbanização turística. De acordo com a autora:

Na urbanização turística, o consumo tem mais visibilidade que a produção, o que não significa que a produção perca sua importância, mas que o consumo passa a ser mais constitutivo das paisagens das cidades. O comércio, os serviços, o mercado informal embaralham-se aos consumidores nas ruas, nos hotéis, nas praias, nos parques, nos bares, nos restaurantes, nas feiras, transformando o lugar turístico em um grande centro de consumo. Esse ciclo do produto passa a ser a marca do lugar (LUCHIARI, 2000, p. 124).

Para a autora o consumo é muito característico na urbanização turística, pois é nele que o ser humano se realiza no momento de não-trabalho, justamente por se opor ao momento de trabalho. Nesse sentido, os serviços turísticos são propícios ao consumidor-turista e marcam a urbanização voltada ao lazer e ao prazer, totalmente diferenciada da urbanização voltada à produção, vivida no cotidiano citadino.

Ainda para Luchiari (2000) a urbanização turística produz a reorganização do espaço, no que se aproxima à explicação de Santos (2002,) sobre a transformação do espaço geográfico:

A reorganização socioespacial imprimida pela urbanização turística responde a uma demanda específica de grupos sociais que impõem um tecido material tecnologicamente mais moderno. Em outros termos, um novo sistema de objetos é introduzido nos lugares para adequar e dar familiaridade ao novo sistema de ações trazido pela demanda social do turismo [...] (LUCHIARI, 2000, p. 123).

A autora relata que a atividade turística é um fenômeno que gera um novo nexo entre o lugar e o mundo, entre o local e o global e produz novas realidades, híbridas. Daí a relação dialética entre turismo e território, transformando-o e sendo transformado. Sobre esse aspecto se posiciona:

O fenômeno contemporâneo do turismo coloca-se como um vetor de transformação contraditório e emblemático: acentua a produção de lugares de consumo e o consumo dos lugares. Mas não pode ser tomado apenas do ponto de vista negativo, como um desarticulador voraz de antigas formas e funções sociais que, num processo linear, destrói o velho substituindo-o pelo novo. A mediação entre o global e o local, empreendida pelo turismo, possibilita tomarmos o lugar e o mundo em sua unidade. Permite também trazeremos à luz novas formas de sociabilidade, articuladas em função do processo contemporâneo de revalorização das paisagens para o lazer. Esse movimento, ao invés de contrapor o tradicional ao moderno, o lugar ao mundo, o natural ao artificial, impulsiona a reestruturação das relações do lugar com o mundo e a formação de organizações socioespaciais cada vez mais híbridas, cujas formas e lógicas antigas associadas às novas originam uma outra composição (LUCHIARI, 2000, p. 121).

Estabelecida essa conceituação de urbanização turística dada por Luchiari (2000) e que se relaciona intimamente com a transformação espacial empreendida pelo turismo, volta-se a

Cruz (2003) que atribui à atividade turística a transformação de pelo menos três porções do espaço geográfico: núcleos emissores de turistas, espaços de deslocamento e núcleos receptores de turismo. E sobre esse aspecto escreve:

O espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor-turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico.

Em função dessa característica intrínseca, o turismo acaba por impingir transformações, diretamente, a pelo menos três porções do espaço geográfico: sobre os pólos emissores de fluxos, os espaços de deslocamento e os núcleos receptores de turistas (CRUZ, 2003, p. 21).

E seguindo esta linha de raciocínio sobre a transformação das três porções do espaço geográfico ocasionada pelo turismo: pólos emissores de fluxos, espaços de deslocamento e núcleos receptores; é que se desenvolverá a seguir a contextualização do objeto de estudo, o município de Praia Grande - SP.

1.2 O município de Praia Grande como núcleo receptor de Turismo

O município situa-se no litoral do Estado de São Paulo e pertence à Região Metropolitana da Baixada Santista, formada pelos municípios de Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Peruíbe, Praia Grande, Mongaguá, Santos e São Vicente. De acordo com informações da Agência Metropolitana da Baixada Santista, abrange uma área de 2.373 km², o que representa menos de um por cento do território paulista; constitui-se na terceira maior região do Estado em termos populacionais, com mais de um milhão e seiscentos mil habitantes, ostentando um Produto Interno Bruto da ordem de 18,5 bilhões de reais e contribuindo com 3,7% da riqueza estadual.

Os limites territoriais do município de Praia Grande são estabelecidos ao norte pelo município de São Vicente, ao sul pelo Oceano Atlântico, a leste pela Baía de Santos e a oeste pelo município de Mongaguá conforme mapa de localização abaixo relacionado.



Figura 1 - mapa de Praia Grande
Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007) o município de Praia Grande possui 233.806 habitantes distribuídos em área territorial de 149 km². Isso equivale a cerca de 13,1% da população fixa da Baixada Santista concentrada em 6,1% de seu território.

Ainda de acordo com a mesma fonte de pesquisa, a história da formação do município está atrelada ao município de São Vicente, do qual foi Distrito até 1966, quando o Supremo Tribunal Federal, examinando recurso extraordinário pela municipalidade de São Vicente, deu ganho de causa ao Município de Praia Grande, concedendo-lhe autonomia. E sobre este aspecto revela:

Essa emancipação, contudo, foi fruto de longa luta, iniciada no bairro de Solemar, em 1953, por Júlio Secco de Carvalho, sustentada mais tarde por Oswaldo Toschi, por Nestor Ferreira da Rocha, e seguida por centenas de outros nomes da sociedade local, políticos, profissionais liberais, etc., junto ao Governo do Estado, Assembléia Legislativa e mais tarde, na Justiça do Estado e Federal (www.ibge.gov.br).

Praia Grande pertenceu ao município de São Vicente até 1967, momento em que ocorreu sua emancipação política. As historiadoras Calis, Silva e Siqueira (2002) escreveram um livro de memórias do município com o intuito de enriquecer as aulas de ensino

fundamental. De acordo com as autoras, no início das reivindicações políticas de Praia Grande o município de São Vicente ofereceu muita resistência, pois sua emancipação significava perder vinte e quatro quilômetros de praias.

O então Distrito foi elevado à categoria de município com a denominação de Praia Grande por Lei Estadual número 8.092, de 28 de fevereiro de 1964. Atualmente é composto por dois Distritos: Praia Grande e Solemar (www.ibge.gov.br).

No entanto, antes desse período, mais especificamente no início do século XX, uma intervenção urbanística em Santos, realizada por Saturnino de Brito⁵, resultou na poluição ambiental de Praia Grande. Isso porque tal interventor chefiou uma Comissão de Saneamento para combater epidemias como febre amarela, varíola e tuberculose, determinando a construção da Ponte Pênsil em 1914 com a finalidade de conduzir os esgotos de Santos para Itaipu, região das praias do atual município de Praia Grande (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002).

Apesar da poluição, a construção da ponte beneficiou a população residente em virtude da facilidade de acesso e, conseqüentemente, da valorização dos terrenos, dando início à especulação imobiliária (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002).

As necessidades de interligação da capital do Estado de São Paulo com o porto de Santos, visando o escoamento de produção para exportação, resultaram na construção das rodovias de acesso ao local, e no crescimento populacional, comercial e urbano da região.

À instalação da infraestrutura incrementou-se a edificação de casas de veraneio em Praia Grande, principalmente destinada à segunda residência. A partir desse momento a história da cidade de Praia Grande confundiu-se com a história do turismo.

A construção do bairro de Cidade Ocian, na década de 1960, constituiu significativa intervenção urbanística no município (www.ibge.gov.br):

O progresso de Praia Grande está também ligado ao nome da família Andraus, que idealizou e construiu o bairro de Cidade Ocian, um dos mais promissores empreendimentos modernos no povoamento da região, implantando sobre sítio inóspito, dominado mangues, antes propriedade remanescente da família de Maria da Conceição e Silva, herdada de seus antepassados no século XIX.

⁵ Engenheiro sanitarista que fez os principais estudos urbanísticos e de saneamento de cidades como Vitória (ES), Campinas (SP), Limeira (SP), Ribeirão Preto (SP), Sorocaba (SP) e tantas outras espalhadas pelo país. Em Santos (SP) deu início ao gigantesco plano de saneamento que incluiu os canais de drenagem da água da chuva e a Ponte Pênsil, inaugurada em 1914 (www.novomilenio.inf.br).

A família Andraus teve sua importância na consolidação de Cidade Ocian. Chefiada por Roberto Andraus, a construtora, que possuía o nome da família, inovou ao projetar a construção de um bairro inteiro (www.novomilenio.inf.br).

As terras herdadas por Maria da Conceição e Silva denominadas Sítio Ubatuba, foram compradas por Nagib Saeg em 1946, que, posteriormente, as transferiu à família Andraus (www.novomilenio.inf.br).

A partir desse ano é que Roberto Andraus segue seu propósito de construir o bairro:

Em 1954, grandes tapumes de madeira, defronte para o mar, anunciavam a venda de apartamentos, desde dois mil cruzeiros velhos de entrada e noventa e nove cruzeiros mensais [...] A 8 de maio de 1956 nasce a Cidade Ocian. O termo "cidade" foi colocado porque foi sonhada com carinho e planejada para ter todo o conforto e requisitos de uma grande metrópole. O nome Ocian surgiu da sigla Organização Construtora e Incorporadora Andraus Ltda.

Construída em pleno mangue, tendo inclusive um difícil acesso para a sua construção, foi considerada em 1946 a cidade mais bem planejada e moderna do Brasil, só perdendo esse título no dia 21 de abril de 1960, com a inauguração de Brasília.

"Só para se ter idéia do mangue que era Cidade Ocian, a área demorou mais de um ano para ser aterrada, e no local onde está localizado atualmente o Ocian Praia Clube era comum a pesca de traíras e outros peixes nas poças d'água", disse o ex-prefeito Leopoldo Vanderlinde (www.novomilenio.inf.br).

A importância de Cidade Ocian como núcleo urbano também pode ser enfatizada pelo fato de a Prefeitura Municipal ter sido provisoriamente instalada no Ocian Praia Clube, clube destinado aos turistas, instalado no mesmo período da construção do bairro, única estrutura pronta existente para abrigar a administração pública na época da emancipação municipal (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002).

O Ocian Praia Clube existe até hoje no bairro Cidade Ocian, constituindo-se em uma das opções de lazer do município, hoje mais voltada ao morador. A foto aérea permite observar a amplitude do clube, que se estende por vários quarteirões a partir da avenida que beira o mar. Bem atrás da piscina encontra-se a estrutura de concreto que abrigou provisoriamente a sede municipal de Praia Grande.



Figura 2: Ocyan Praia Clube
 Fonte: www.prinvat.com.br

O significado do nome Praia Grande decorre da extensa praia - cerca de quarenta quilômetros - que lhe serve de divisa territorial, e que os primitivos habitantes já chamavam de *peaçabuçu*, o porto grande. *Peaçabuçu* é também nome do rio presente na região (www.agem.sp.gov.br).

No início do século XX, antes mesmo da emancipação do município, em Praia Grande o banho de mar era mais procurado com a finalidade de melhorar a saúde, com fins terapêuticos, do que de lazer.

Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 72) relatam que:

No início do século XX, os banhos de mar tinham caráter diferente de hoje. Eram recomendados com fins terapêuticos, para tratar da saúde, por conta da concentração de iodo. As pessoas vinham para a Praia Grande se banhar ao raiar do dia, ainda de madrugada.

Sobre os diferentes usos do banho de mar e a construção da praia no imaginário ocidental, Corbin (1989) retrata, em sua obra, a mudança de mentalidade em relação ao mar, inicialmente visto como algo demoníaco, cheio de monstros, passando por uma fase terapêutica, local de tratamento por banhos de imersão, até tornar-se local de encontros e lazer.

Essa mudança de mentalidade, bem como a popularização das praias pode ser apreendida pela leitura do trecho abaixo:

[...] Desde 1754, a estação balnear da moda evoluiu. Inicialmente, aristocracia, *gentry*, escritores e artistas freqüentavam Brighton em junho, julho e agosto; tal era ainda o calendário na época da Regência; apenas os que preferiam as águas frias, por razões terapêuticas, faziam temporadas no outono. Posteriormente, a proximidade de Londres favorece a vinda de novas categorias sociais, o que leva

muitos aristocratas a se refugiarem em Ramsgate, em Hastings, ou a procurarem as novas praias do Devonshire. Os fiéis preferem a partir de então residir em Brighton em setembro e outubro, após a partida da plebe [...] (CORBIN,1989, p. 294).

Consideradas as diferenças cronológicas, a mudança de mentalidade em relação ao mar ocorreu também em Praia Grande. Luchiari (2000,p.113-114) expressa essa mudança de mentalidade em relação ao mar no Brasil, apontando a necessidade de realização de estudos sobre as paisagens litorâneas. Aponta a rapidez das transformações do território, se comparado à Europa, individualiza o papel do automóvel e do Turismo nesse processo e, inclusive, cita Corbin (1989):

Claro está que essa história refere-se a Inglaterra e a outros países da Europa. Para o Brasil, uma história completa sobre a valorização das paisagens litorâneas ainda está por ser escrita. De qualquer forma sabemos que um processo semelhante ocorreu aqui, mais tardiamente, associado ao automóvel e não ao trem e, de modo geral, salvo exceções, às segundas residências e não aos balneários. Enquanto esse processo levou praticamente um século para plenamente se consumir na Europa, aqui, em menos de 50 anos, transformamos lugares selvagens, inabitados, ou com populações tradicionais, em centros do turismo de massa ou em refúgios do turismo de elite.

Além da mudança de mentalidade em relação ao mar, Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 72-73) mencionam que o turismo promoveu várias transformações no município:

Ao longo dos anos, o turismo da cidade sofreu transformações. Na década de 60 e 70, a cidade recebia o turista de um dia, que vinha à praia para se divertir no mar. Para atendê-lo, existiam cabines de banho e até maiôs que podiam ser alugados. O comércio procurava atender o gosto deste turista. Durante muito tempo, apesar de muitas pessoas chegarem na cidade, não havia infra-estrutura suficiente para atendê-las. Vários ônibus chegavam e ficavam ao longo da praia. As famílias traziam o que comer e não se importavam com o lixo que produziam. A areia, o mar, as ruas e as praças ficavam muito sujas.

Durante as décadas de 1970 e 1980, Praia Grande ficou conhecida como uma cidade de praias sujas e poluídas, no que resultava preconceito contra a cidade. Data dessa mesma época o terminal turístico destinado a receber o turista de um dia.

Rodrigues (1999) é uma geógrafa que estuda as transformações espaciais ocasionadas pelo turismo, sobretudo no litoral norte de São Paulo. Embora o objeto desse estudo seja um município que integra a região metropolitana da Baixada Santista e, portanto, geograficamente diferente da estudada por Rodrigues (1999), existem semelhanças entre a forma como esses espaços são ocupados que podem servir como referência para o que acontece em Praia Grande.

Conforme mencionado por Calis, Silva e Siqueira (2002) o turista de um dia constituiu-se numa modalidade turística marcante para a cidade. Sobre os terminais turísticos e o turista de um dia, Rodrigues (1999) escreve a respeito das políticas públicas da década de 1980 que, sob o discurso de proporcionar um lazer com dignidade para o povo, mantinham a população trabalhadora segregada nos terminais turísticos, ou seja, afastada do “consumidor” de maior poder aquisitivo. Assim descreve os terminais turísticos:

[...] A maior parte deles foi construída em terrenos doados pelas prefeituras locais, evidentemente em áreas desprovidas de valores cênicos consideráveis, não valorizadas pelo mercado imobiliário e de baixa ocupação populacional. A área construída para os serviços oscila entre 4.000 e 5.000m². Consta de sanitários com duchas, áreas cobertas para piqueniques, guarda-bagagem, posto de saúde, posto policial e posto de salvamento. Cada um dos cinco terminais turísticos recebe, em média, de cento e cinquenta a duzentos ônibus por domingo, perfazendo um total aproximado de 40.000 usuários. Mas em apenas um deles, na praia de Perequê-Açu, existe pátio para estacionamento (RODRIGUES, 1999, p. 115).

Para Rodrigues (1999), a mencionada política pública de lazer que promoveu a instalação dos terminais turísticos, nada mais foi do que uma tentativa de segregação social e espacial que tinham por finalidade tirar o “farofeiro”⁶ das outras praias, por meio da oferta de infraestrutura para que permanecesse no terminal.

Rubino (2004), mestra em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, propôs-se a estudar a hospitalidade pública ao excursionista em Bertioga – SP. Para tanto conceituou o termo excursionista relacionando-o ao estereótipo “farofeiro” e sua representação social. Analisou também a atividade do excursionismo no município, os conflitos gerados e a questão da hospitalidade pública manifesta pela legislação e plano diretor municipal.

Por meio de entrevistas, a autora caracterizou a representação social do farofeiro:

Enfim, por meio desta enquete foi possível estabelecer o estereótipo do farofeiro, pois segundo dados levantados: o farofeiro é aquele que possui baixo poder aquisitivo, sendo esse o principal fator que os motiva a levar alimentos e bebidas em suas viagens. A viagem tem como característica a duração de um dia, não envolvendo o pernoite. Apontam que o farofeiro é o grande causador de sujeira na praia, pois por não terem educação e/ou conscientização não recolhem o lixo produzido ao seu redor. Outra característica é que estão em grupos e não respeitam o espaço público e/ou privado e as pessoas. Acessam o litoral com carros velhos ou então com veículos coletivos, sendo o seu representante máximo a Kombi, trazem como itens de alimentação o frango e a farofa. Não geram benefícios para o município (RUBINO, 2004, p.41).

⁶ Nome pejorativo dado ao turista de um dia de baixa renda que tem por hábito carregar consigo comida para toda a jornada de lazer.

Essa representação social do farofeiro retratada pela autora constitui-se de fundamental importância para entender a imagem negativa que caracteriza esse tipo de visitante, imagem que pode se estender ao local que recebe grande fluxo de excursionistas, tal qual o estereótipo que marcou a Praia Grande durante as décadas de 1960 e 1970, conforme Calis, Silva e Siqueira (2002). A foto abaixo revela a presença de vários ônibus de excursão estacionados em parte da Avenida Presidente Kennedy, próximo ao campo de Aviação, na década de 1970.



Figura 3 – Ônibus de excursionistas estacionados na Avenida Presidente Kennedy
Fonte: Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 61)

Essa imagem da cidade tem sido transformada por meio de ações do governo municipal, que realizou grandes obras de infraestrutura, começando pela reurbanização da orla marítima, estendendo-se às praças, centros comerciais e vários espaços públicos.

Essa intervenção foi iniciada pela administração municipal de Alberto Pereira Mourão (1993 a 1996) e teve propósito definido, de acordo com o que relatam Calis, Silva e Siqueira (2002, p.76):

Na administração do prefeito Alberto Pereira Mourão de 1993 a 1996 foi elaborado um projeto para reurbanizar a orla, incentivar o turismo, o comércio e, principalmente, os investimentos na construção de prédios e casas. A idéia era fazer a Praia Grande ficar bonita e agradável para o turista e para seu morador. Como consequência, a cidade deveria crescer e enriquecer. [...] Com as reformas, os moradores começaram a valorizar a cidade e a criar com ela uma identidade.

De fato a obra, ao ser iniciada, trouxe aos poucos uma nova identidade para a cidade e um novo ânimo. Um novo “boom” impulsionou a especulação imobiliária a níveis nunca antes alcançados. No dia 25 de janeiro de 1997 foi veiculada a notícia pela segunda edição diária do telejornal TV Tribuna, canal de televisão radicado na baixada santista e afiliada à Rede Globo de Televisão, que havia na época 2.000 edifícios em construção no município. Esse indicador revela que o propósito de crescer e enriquecer relatada acima pelas autoras é concreto.

É importante frisar que o propósito revelado pelas autoras de que a cidade deveria ficar mais bonita e agradável também para seus moradores parece verdadeiro, pois pelo fato do autor freqüentar o município durante muitos anos tornou perceptível uma série de usos habituais dos moradores que foram levados em consideração na reurbanização da orla marítima. Por estar numa área muito plana, a geografia favorece a prática de caminhadas e muitas pessoas se locomovem em bicicletas. Levando isso em conta a reforma da orla criou uma ciclovia que margeia toda a orla marítima do município, bem como um calçadão com várias áreas de descanso (bancos) e paisagismo.

Outro propósito para a reurbanização da orla é tornar a cidade mais atrativa para o turista, a exemplo de outras cidades litorâneas do Estado de São Paulo, tais como Santos. Frederico (2004) analisou o desenvolvimento dos jardins da orla desse município, e o que se percebe é que, diferentemente de Praia Grande, Santos possuiu um processo de construção mais lento.

Segundo Frederico (2004), a implantação do projeto de urbanização da orla só ocorreu a partir da segunda década do século XX pelo fato da especulação imobiliária estar mais interessada nas proximidades do porto e do centro da cidade ao final do século XIX.

O autor escreveu sobre a hospitalidade em Santos e a convivialidade nos jardins da orla relatando que a cada tentativa de intervenção do poder público nos jardins gerava grande polêmica e forte participação popular. Fato que só ocorria pela valorização do espaço por

parte da população que sempre incorporou a relação com o espaço como referência cotidiana, uma das funções do patrimônio⁷.

Em Praia Grande parece ter sido unânime entre a população à aprovação da intervenção urbana. Pois diferentemente de Santos, as atenções no município sempre estiveram atreladas ao mar como atrativo.

Na figura 4, colocada à página seguinte, se observa que mesmo antes da urbanização da orla marítima, as praias locais eram intensamente utilizadas. Chama-se atenção para o fato dos ônibus que traziam turistas de um dia estacionarem na areia da praia diante da ausência de estrutura para estacionamento.

De acordo com Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 60) “A areia úmida e lisa proporcionava um bom caminho, utilizado até a década de 70 por ônibus e automóveis [...]”. Data desse período também o primeiro Plano Diretor Municipal, elaborado na administração de Leopoldo Estasio Vanderlinde (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002, p. 82).



Figura 4 – Ônibus de excursionistas estacionados na areia
Fonte: Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 61)

⁷ No caso da orla de Santos o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Turístico - CONDEPHAAT iniciou seu processo de tombamento em 2001 (FREDERICO, 2004).

Em depoimento a um informativo que conta a história do surgimento da Cidade Ocian, o então funcionário da Organização Construtora e Incorporadora Andraus - OCIAN e futuro prefeito de Praia Grande, da gestão 1973-1976, Leopoldo Estasio Vanderlinde relata:

[...] Lembro-me com perfeição que era comum, nesta época, pessoas chegarem até nós pedindo quase que com desespero ajuda nossa e das máquinas para retirar veículos atolados nestas areias. Muitos automóveis estão afundados nesta praia. Fato interessante nesta passagem foi a ajuda que nos pediu um motorista, vendo seu ônibus novo afundar na areia. No desespero da situação, foi amarrado um cabo de aço em volta do ônibus, ligado a um grande trator. Quando puxado, o que veio foi a carroceria: o chassis ficou para sempre. Foram tempos difíceis (www.novomilenio.inf.br).

Tal relato revela que o ocorrido se repetiu por diversas vezes, o que decorre, principalmente, da característica do solo úmido e da presença de mangues.

Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 82) também alertaram esse fato: “No início da urbanização de Praia Grande foi necessário drenar o solo, abrir canais e avenidas. Muitas máquinas se perderam no solo arenoso e encharcado”. A foto abaixo, retirada do livro das autoras ilustra o acontecimento.



Figura 5 – Trator atolado no solo arenoso e encharcado
Fonte: Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 82)

No projeto de reurbanização da orla iniciada na primeira gestão do prefeito Alberto Pereira Mourão (1993 a 1996) também foram inclusas áreas com *playground* para crianças, áreas com equipamentos esportivos e estruturas em concreto que são comercialmente explorados, principalmente, por praticantes e professores de esportes radicais como *skate* e *surf*.

Ainda na orla marítima encontram-se centros de convivência para a terceira idade. Tal iniciativa foi incluída ao projeto por causa da grande parcela da população de terceira idade existente no município⁸. Além da estrutura em concreto das “Boutiques do Peixe”, áreas onde antigamente os pescadores organizavam-se para vender seu pescado aos moradores e turistas em barracas improvisadas com madeira e lonas.

Na foto abaixo é possível observar os centros de convivência destinados a terceira idade. À direita e à esquerda da Estátua de Netuno encontram-se mesas e bancos de concreto. Em cada mesa havia estampado o desenho de tabuleiros de xadrez ou damas. O local também era utilizado para jogos de carta entre os idosos. Ao redor do espaço estruturas de aço sustentavam coberturas de acrílico azulado que serviam como abrigo contra os raios ultravioletas do sol, mas que ao mesmo tempo permitiam a incidência de luz.



Figura 6 - Detalhe do Centro de Convivência da Terceira Idade ao lado da Estátua de Netuno, no bairro Cidade Ocian

Fonte: Prefeitura Municipal de Praia Grande (2000)

⁸ De acordo com dados oficiais do IBGE, o município de Praia Grande possui cerca de 9,5% da população residente com 60 anos ou mais de idade.

Embora a foto tenha sido retirada do site oficial da Prefeitura do Município de Praia Grande e indique a intenção de divulgar o local e atrair mais visitantes, constitui-se em elemento igualmente importante para ilustrar a realização da obra de reurbanização que teve como intuito a valorização espacial da orla marítima e a geração de novos investimentos imobiliários para o turismo.

Adiciona-se a informação, obtida a partir de observação empírica, que o local não possui a mesma configuração, tendo passado por nova reforma, dando lugar atualmente a um novo centro de convivência da terceira idade e a uma pista de skate dirigida ao público jovem. Tal observação estabelece um indicador de que os investimentos na manutenção da orla marítima continuam ocorrendo.



Figura 7 – Estátua de Netuno e entorno
Fonte: Camila Collpy Gonzalez Fernandez (2009)

Observando a foto acima notam-se diferenças estruturais no mesmo local. Onde antes havia uma estrutura de metal e cobertura de acrílico com bancos e mesas de concreto, foram edificadas estruturas de concreto sem cobertura com bancos.

Embora esteja pouco visível na foto, a estátua ganhou espelho d'água iluminado todas as noites e que acaba servindo como área de proteção ao patrimônio, evitando que as pessoas aproximem-se demais.

A área de vivência da terceira idade ganhou nova estrutura, localizada a alguns metros à esquerda da Estátua de Netuno, conforme observa-se na foto abaixo.



Figura 8 – Vivência Ocian
Fonte: Camila Collpy Gonzalez Fernandez (2009)

Foi edificada uma estrutura de concreto, com laje, vitrais e portas que são trancadas todas as noites. No interior desse espaço denominado “Vivência Ocian”, encontram-se mesas e cadeiras de plástico branco, banheiros e sala de almoçar. O objetivo é o mesmo do espaço de convivência anterior, promover momentos de lazer e sociabilidade entre a população da terceira idade.

Na ocasião em que os investimentos em reurbanização da orla estavam sendo realizados, a cidade parecia um canteiro de obras. A foto abaixo ilustra bem esse momento.



Figura 9 – Reurbanização da orla marítima
Fonte: Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 127)

Fernandez (2000) desenvolveu um trabalho de conclusão de curso a respeito dos impactos sociais da obra de reurbanização da orla marítima de Praia Grande. Na ocasião, a orla não havia sido reurbanizada em toda sua extensão, por este motivo foram selecionados como objetos de estudos dois bairros: um onde a obra já havia sido concluída (Cidade Ocian) e um onde a obra ainda não havia chegado (Vila Caiçara).

O objetivo do trabalho era identificar a existência de impactos de ordem social provenientes do encontro entre turistas e moradores locais e se a obra de reurbanização influenciara alguma mudança nesse relacionamento. Para tanto foi aplicado um questionário padrão com a técnica da Escala de Likert para mensurar os impactos em cada bairro e efetuar uma posterior comparação entre os mesmos. No quadro abaixo se encontram os resultados qualitativos obtidos a partir da análise comparativa.

Bairro com orla reurbanizada (Cidade Ocian)	Bairro onde a obra de reurbanização da orla não chegou (Vila Caiçara)
- Não participam de programas e ações comunitárias	- Não participam de programas e ações comunitárias
- Reconhecem a dependência econômica do turismo, mas irritam-se com a presença excessiva de turistas nas temporadas	- A dependência econômica em relação ao turismo também é reconhecida - Há uma euforia que evidencia a ânsia em obter mais lucros com a atividade turística
- Rejeição: os turistas são muito mal educados, arrogantes, culpados pela elevação de preços na alta temporada e pela sujeira nas ruas e praia	- A rejeição aos turistas aparece nos mesmos aspectos, mas parece ser menor por haver esperança de melhoria na qualidade de vida com um acréscimo no fluxo de turistas
- O nível econômico dos turistas aumentou, mas o comportamento não alterou-se	-

Quadro 1 – Análise comparativa de impactos sociais da obra de reurbanização da orla marítima de Praia Grande

Fonte: Fernandez (2000)

Ao final do estudo realizado foi possível identificar que o município já sofria com os impactos negativos gerados pelo turismo antes da realização da obra, pois a maioria dos impactos foram identificados nos dois bairros, tanto no que já havia sido reurbanizado como no que a obra ainda estava por vir.

Identificou-se também que, apesar de apresentar os mesmos impactos constatados na porção já reurbanizada do município, o bairro de Vila Caiçara vivia na época uma expectativa de melhoria de qualidade de vida com a chegada da obra. Embora tenha melhorado a qualidade de vida das pessoas, a revalorização do local não aumentou a participação da comunidade em projetos comunitários.

Já no bairro de Cidade Ocian (porção reurbanizada), constatou-se que, de acordo com a opinião dos entrevistados, o nível econômico dos turistas aumentou, mas o comportamento dos mesmos em relação ao local não se alterou.

Aos poucos novos projetos foram sendo criados com o intuito de facilitar a circulação dos moradores e turistas pelas ruas da cidade, tais como o Projeto Rumo, que consiste na identificação dos bairros por cores. Nesse sentido, cada bairro possui uma cor que está nas placas das ruas e nos marcos de separação entre eles.

No mapa abaixo é possível observar a divisão de bairros por cores resultantes desse projeto.



Figura 10 – Projeto Rumo
Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

Conforme exposto pelo mapa do Projeto Rumo, o município de Praia Grande é subdividido em dezesseis bairros, sendo dez deles lindeiros ao mar: Forte, Boqueirão, Guilhermina, Aviação, Vila Tupi, Cidade Ocian, Vila Mirim, Vila Caiçara, Balneário Flórida e Solemar I. Os outros seis bairros não fronteiriços ao mar são: Sítio do Campo, Antártica, Quietude, Trevo, Melvi e Solemar II.

Na área turística de Praia Grande, além das praias, que levam os nomes de seus dez bairros localizados a beira mar, há atrativos turísticos que são divulgados pelo site oficial da

Prefeitura Municipal, construídos ou reformados há poucos anos, como resultado da onda de investimentos em reurbanização de espaços públicos que a cidade vem recebendo. São eles: área de lazer Ézio Dall'Acqua (conhecido como Portinho), área de lazer Esporte Clube Jacaré, Pista de Skate Ocian, Skate Park, os monumentos Estátua de Iemanjá e Portal da Cidade e as praças da Paz, A Tribuna, Ceferino Gonzalés Vega (Praça das Bandeiras), Duque de Caxias, Emancipadores, Integração dos Bairros (Praça das Bolas), Lions (Barquinho), Praça Mamonas e Rotatória Parceria⁹.

1.3 Territorialidade e residências secundárias

Neste item trata-se do conceito de territorialidade, evidenciando que a atividade turística e o encontro entre moradores e turistas constroem novas territorialidades. Cabe ressaltar que antes mesmo de se falar nesse encontro, o que permite que o mesmo ocorra é o deslocamento humano entre o local de origem e o de destino, ou seja, o movimento realizado entre os núcleos emissor e receptor.

Sob o aspecto da dinâmica que se estabelece entre as pessoas e os espaços que habitam é que Santos (1978) considerou como construção da geografia a consideração de que o espaço é um conjunto de fixos e fluxos.

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 2002, p. 61-62).

Nessa citação, se considerarmos que os fixos seriam compostos pelo núcleo receptor formado pelo conjunto de espaço e ações humanas de Praia Grande ou qualquer outro destino turístico e os fluxos compostos pelos turistas que neste espaço interagem, o que Santos (2002) escreve aplica-se ao objeto de estudo desta investigação.

Esses fixos e fluxos foram estudados também por Tulik (2001) que teve como objetivo mensurar a concentração espacial de residências secundárias (fixos) no Estado de São Paulo para evidenciar o conceito de espaços de atração de turistas (fluxos). Para tanto, esclareceu num primeiro momento que os pólos de atração de turistas de segunda residência só existem

⁹ Para melhor entendimento sobre esses atrativos elaborou-se um compêndio de informações divulgadas pela Prefeitura Municipal contendo uma breve descrição de cada um com uma foto ilustrativa. Optou-se por inserir esses dados em anexo (anexo 1) para não se alongar demasiadamente nesta análise.

por causa dos pólos emissores de turistas. Essa autora traz dados que evidenciam o município de Praia Grande – SP como um local de índice excepcional de concentração de residências secundárias, pois a porcentagem de domicílios de uso ocasional em relação aos domicílios ocupados era de 63,21% em 1991, ou seja, a segunda maior concentração desse tipo de alojamento turístico no Estado de São Paulo, que é, por sua vez, também o estado com maior número absoluto de residências secundárias.

Com base em censo do IBGE do ano de 2000, aponta-se que tal percentual de residências secundárias do município cai para 58,2%. Esse decréscimo pode ser explicado pela metodologia empregada na divulgação dos dados que mudou ao longo do tempo, pois a pesquisa incluiu em sua avaliação, como subcategorias dos domicílios não ocupados, os índices diferenciados de domicílios de uso ocasional, domicílios vagos e domicílios fechados.

A definição utilizada pelo IBGE para estes índices de domicílios prevê que um domicílio fechado é aquele que, na data da contagem, estava ocupado, mas que até a data de encerramento da pesquisa, não foi encontrado o morador para responder ao questionário. Um domicílio vago foi interpretado como um domicílio que na data da contagem, estava desocupado. E ainda para o mesmo órgão de pesquisa, um domicílio de uso ocasional foi interpretado, na data da contagem, como um domicílio que estava servindo de residência temporária (férias, fim de semana).

Ao tentar estabelecer um termo adequado às residências secundárias, Tulik (2001, p. IX) relata na introdução da obra:

Casa de temporada, de praia, de campo, chalé, cabana, rancho, sítio ou chácara de lazer são alguns dos termos comumente aplicados às propriedades particulares utilizadas temporariamente, nos períodos de tempo livre, por pessoas que têm sua residência permanente em outro lugar. A profusão de vocábulos populares para denominar esse meio de hospedagem extra-hoteleiro resulta das várias características e finalidades de uso de tais imóveis. Nesta obra optou-se pelos termos “residência secundária” ou “segunda residência” por serem de uso corrente nos trabalhos de especialistas em turismo.

Hall (2004) revela que nos Estados Unidos a profusão de diferentes termos também se verifica, afirma que apesar da existência de muitas estatísticas sobre esse tipo de alojamento, as mesmas possuem abordagens distintas, variando de Estado para Estado, justamente por falta de uma definição oficial, dificultando o entendimento do termo.

Adotou a referência residência secundária apenas para a propriedade privada localizada em área rural. Ainda assim sugeriu uma tipologia para essa modalidade de residência:

Tipo	Estrutura	Edificação/ veículos
Sem mobilidade	Casas e apartamentos	Cabanas, residências secundárias em condomínios e edifícios de apartamentos
Semi-móveis	Camping	<i>Trailers</i> , casas móveis, veículos recreacionais e caravanas
Móveis	Barcos	Barcos

Quadro 2 – Tipologia de residências secundárias

Fonte: Hall (2004, p.8)

Observa-se no quadro acima que a tipologia residência secundária proposta leva em consideração a mobilidade do alojamento. Nesse sentido Hall (2004) apresenta barcos como residências secundárias móveis; *trailers* e outras modalidades de casas móveis como tipos de residências secundárias semi-móveis; e casas e apartamentos como residências secundárias imóveis.

Sobre a posse do imóvel, Tulik (2001, p. 8) se opõe ao pensamento de Hall (2004), enfatizando que a residência pode ser também alugada ou emprestada. E coloca:

Conclui-se, portanto, que a residência secundária, enquanto propriedade particular (já que não existem, pelo menos no Brasil, residências secundárias públicas), constitui uma modalidade de alojamento turístico cujo conceito operacional não deveria estar ligado ao fato de ser própria, alugada, arrendada ou emprestada.

E, finalmente, arrisca uma definição justificando a utilização do termo residência secundária por ser um vocábulo já consagrado pelo uso na literatura especializada em turismo.

Residência secundária, portanto, é um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que têm domicílio permanente em outro lugar (TULIK, 2001, p. 9)

Cabe ainda ressaltar mais dois trechos da obra de Tulik (2001) que ajudam a relacionar as residências secundárias com o conceito de território e, portanto, a discussão estabelecida neste estudo.

Sobre a relação entre núcleos emissores e receptores de turismo, Tulik (2001, p. 10) coloca:

Residências secundárias representam uma relação permanente entre a origem e o destino, uma vez que estabelecem regularidade entre saídas, chegadas e retornos. Ambos se complementam, pois se existem no emissor fatores que estimulam a procura por residências secundárias, o receptor detém características capazes de atrair, a ponto de justificar um vínculo territorial [...]

Aqui, nos interessa o fato da autora reconhecer que as relações existentes entre os núcleos emissores e receptores podem constituir um vínculo territorial. Um vínculo que nesse

caso é identificado pela convivência entre turistas e local visitado. Em outro momento, discutindo o direito de propriedade e a definição de segundas residências, a autora parafraseia Sanchez (1985, p. 111 apud TULIK, 2001, p?8): “[...] Sanchez (1985:111) vai além estabelecendo a relação com um vínculo territorial e psicossociológico [...]”

Esse vínculo territorial ao qual a autora se referiu por duas vezes, assemelha-se muito ao que Albagli (2004, p.27) entende como territorialidade:

A noção de territorialidade foi incorporada pelas ciências humanas e sociais – como a antropologia, a psicologia, a sociologia e a própria geografia –, a partir da compreensão de que os comportamentos humanos devem ser analisados também em sua dimensão espacial.

O conceito de territorialidade refere-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. No nível individual, territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade do grupo ou comunidade.

De acordo com o conceito exposto acima, territorialidade está fortemente relacionada a interações sociais e, portanto a uma dimensão cultural expressa pela vivência cotidiana e materializada em determinadas porções espaciais.

Conforme estudado até aqui, fixos e fluxos interagem no espaço gerando uma relação dialética entre turismo e território, ou seja, o território condiciona o comportamento turístico e o turista por sua vez transforma esse espaço. Para caracterizar com maior propriedade a territorialidade de Praia Grande, faz-se necessário entender a distribuição espacial das residências secundárias pelo município, foco do presente estudo.

A distribuição espacial dos domicílios por espécie nos diferentes bairros, pode ser visualizado por meio dos dados relativos ao ano de 2.000 expressos na tabela abaixo. Nota-se que os bairros compreendidos entre a orla da praia e a Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, possuem menor concentração de moradores (75.165 habitantes) se comparados aos bairros mais distantes da praia, localizados entre a Rodovia e nas regiões fronteiras com outros municípios (118.417 habitantes). Tal aspecto pode significar o afastamento da população local das áreas mais valorizadas que, em virtude da especulação imobiliária, são destinadas em maior número às segundas residências.

Tabela 1 - Praia Grande: População, por sexo e quantidade de domicílios por espécie, segundo os bairros - 2000

Bairro	População	Total de domicílios	Total de domicílios particulares	Domicílios particulares ocupados ¹⁰
Militar	94	29	29	28
Boqueirão	20.121	25.013	24.982	6.775
Guilhermina	10.406	17.152	17.147	3.451
Aviação	7.323	11.102	11.096	2.246
Tupi	9.858	15.549	15.544	3.183
Ocian	8.806	14.825	14.799	2.932
Mirim	7.977	10.525	10.490	2.447
Caiçara	5.747	13.502	13.494	1.947
Flórida	3.409	9.431	9.416	1.904
Solemar I	1.424	3.706	3.703	465
Subtotal I	75.165	120.834	120.700	24.568
Solemar II	3.442	2064	2.060	907
Melvi	3.171	1.524	1.523	813
Trevo	32.756	10.599	10.593	8.271
Quietude	34.768	11.920	11.917	9.555
Antártica	28.817	8.321	8.317	6.731
Sítio do Campo	15.436	5.027	5.023	4.078
Subtotal II	118.417	39.455	39.433	30.355
Total	193.582	160.289	160.163	54.923

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000. Elaboração: Seplan (2002).

Notas: Sub total I: compreende os bairros localizados entre a orla da praia e o Acesso 291-55/ Rodovia SP-55.

Sub-total II: compreende os bairros localizados entre o Acesso 291-55/ Rodovia SP-55 e o limite dos municípios de Praia Grande e São Vicente.

Embora haja mais moradores nos bairros situados após a Rodovia (Solemar II, Melvi, Trevo, Quietude, Antártica e Sítio do Campo), o maior número de domicílios encontra-se nos bairros entre a Rodovia e o mar (Militar, Boqueirão, Guilhermina, Aviação, Tupi, Ocian, Mirim, Caiçara, Flórida e Solemar I), um total de 120.834 domicílios contra 39.455 existentes nos bairros entre a rodovia e o limite do município, no que se infere maior número de pessoas por domicílio nos bairros situados após a rodovia além de evidenciar que os bairros existentes entre a rodovia e o mar possuem muitas residências de uso ocasional.

Chama-se atenção ao fato de que dos 120.834 domicílios dos bairros situados no território turístico, apenas 24.568 estavam ocupados por moradores na data das entrevistas. Ou seja, estavam vazios 96.266, quase duas vezes e meia o número total de domicílios dos bairros situados após a rodovia, o que reforça a idéia de que boa parte desses domicílios sejam usados como segundas residências.

¹⁰ O conceito de domicílio ocupado utilizado pelo IBGE corresponde ao domicílio que, na data da contagem, estava ocupado por morador que respondeu ao questionário.

O número de domicílios existentes no trecho mais próximo a orla é três vezes maior se comparado ao outro trecho, embora o número absoluto de residências ocupadas no trecho mais afastado da praia seja de quase cinco mil a mais que os bairros mais próximos à orla. Percebe-se que a taxa de domicílios ocupados em relação ao total é maior nos bairros mais afastados do mar do que nos lindeiros a ele. Isso significa que, sobrando casas desocupadas no território turístico, ou de uso ocasional conforme a classificação utilizada pelo IBGE, e vendo o maior contingente populacional sendo concentrado fora do território turístico, infere-se um forte indício de segregação espacial.

A tabela 1 nos traz somente informações sobre como os domicílios são utilizados, se permanentemente ou não. Mas não caracteriza o tipo de construção, se unifamiliar, se multifamiliar, favelas, cortiços etc. Porém é possível chegar a uma média de moradores por casa se efetuarmos a seguinte proporção: dividir o número de habitantes dos bairros pelo número de residências particulares ocupadas em cada um deles. Efetuados os cálculos percebe-se que existem uma média de 3,05 moradores por domicílio particular ocupado no território turístico contra uma média de 3,90 habitantes nesse mesmo tipo de domicílio nos bairros mais distantes do mar. Isso significa que independente do tipo de domicílio ocupado dos quais estamos tratando, existe mais gente morando em cada um deles nos bairros afastados do mar, mas isso pode significar também que em média as famílias que vivem nos bairros próximos ao mar são menos numerosas.

A tabela 2 contempla mais dados sobre a modalidade de moradia em Praia Grande, por bairros, que podem evidenciar a segregação espacial que ocorre no município. Dentre os domicílios particulares não ocupados, estão os fechados, vagos e de uso ocasional. Os de uso ocasional são considerados como segunda residência pelo IBGE, que totalizam 88.853 dos 96.132 domicílios não ocupados pertencentes aos dez bairros lindeiros ao mar. Já nos seis bairros localizados após a estrada de acesso ao município, dos 9.078 domicílios não ocupados, apenas 4.442 são de uso ocasional.

Tabela 2 - Praia Grande: população, por sexo e quantidade de domicílios por espécie, segundo os bairros – 2000

Bairro	Domicílios particulares não ocupados	Domicílios particulares não ocupados fechados ¹¹	Domicílios particulares não ocupados de uso ocasional ¹²	Domicílios particulares não ocupados vagos ¹³	Domicílios coletivos ¹⁴
Militar	1	0	1	0	0
Boqueirão	18.027	46	16.720	1.441	31
Guilhermina	13.696	32	12.939	725	5
Aviação	8.850	17	7.994	839	6
Tupi	12.361	19	11.390	952	5
Ocian	11.867	9	11.139	719	26
Mirim	8.043	19	7.348	676	35
Caiçara	11.547	18	10.589	940	8
Flórida	8.322	12	7.745	565	15
Solemar I	3.238	6	2.988	244	3
Subtotal I	96.132	178	88.853	7.101	134
Solemar II	1.153	6	984	163	4
Melvi	710	7	489	214	1
Trevo	2.322	6	1.135	1.181	6
Quietude	2.362	10	975	1.377	3
Antártica	1.586	0	481	1.105	4
Sítio do Campo	945	0	358	587	4
Subtotal II	9.078	29	4.422	4.627	22
Total	105.210	207	93.275	11.728	156

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000. Elaboração: Seplan, 2002.

Notas: Sub total I: compreende os bairros localizados entre a orla da praia e o Acesso 291-55/ Rodovia SP-55.

Sub-total II: compreende os bairros localizados entre o Acesso 291-55/ Rodovia SP-55 e o limite dos municípios de Praia Grande e São Vicente.

Mais uma vez ressalta-se as diferenças de números de domicílios de uso ocasional quando se comparam os bairros mais próximos ao mar com os mais afastados. Observa-se a predominância de domicílios não ocupados de uso ocasional nos bairros lindeiros ao mar ao que se infere tratar-se de residências secundárias, enquanto nos bairros mais distantes a proporção cai para menos de 50%.

Nota-se na tabela 2 que o bairro com o maior número absoluto de domicílios não ocupados de uso ocasional é o do Boqueirão, seguido por Guilhermina, Tupi, Ocian e Vila Caiçara.

¹¹ domicílio ocupado que, até a data de encerramento da contagem, não foi encontrado o morador para responder ao questionário

¹² domicílio que, na data da contagem, estava servindo de residência temporária (férias, fim de semana)

¹³ domicílio que, na data da contagem, estava desocupado

¹⁴ domicílio que na data da contagem, estava ocupado por grupo conivente e/ou família (hotéis, pensões, asilos, conventos, penitenciárias, quartéis, navios etc.).

O bairro Militar destaca-se por possuir, em pleno território turístico, apenas uma residência de uso ocasional. Isso ocorre pela característica do local, de acesso restrito aos militares, numa área considerada de posicionamento estratégico.

Os bairros Aviação e Vila Mirim, embora se encontrem em pleno território turístico possuem números reduzidos de residências de uso ocasional por características de sua ocupação. O bairro da Aviação abriga um campo de aviação, atualmente desativado, para pouso e decolagens de aeronaves de pequeno porte que ocupa extensa porção de terreno que se estende desde a orla marítima até a Avenida Presidente Kennedy, via paralela à avenida beira-mar (Avenida Presidente Castelo Branco) que cruza toda a extensão do município de Praia Grande, desde o bairro do Boqueirão até Solemar I, na divisa com o município de Mongaguá. Já o bairro de Vila Mirim abrigou uma série de espaços públicos presentes até hoje, tais como terminal rodoviário, Prefeitura Municipal e ginásio de esportes.

Já os bairros Flórida e Solemar I, embora compõem o território turístico e sejam lindeiros ao mar, historicamente possuem uma ocupação turística menor. Outro fator que contribui para o baixo número de residências de uso ocasional (se comparados aos demais bairros lindeiros ao mar) nesses locais é o fato de encontrarem-se em obra de reurbanização da orla marítima, única porção ainda não totalmente concluída no município.

Ao comparar-se as tabelas 1 e 2, precisamente as colunas que trazem os números de total de domicílios particulares com a de domicílios particulares não ocupados de uso ocasional, percebe-se uma dinâmica de diminuição do número de domicílios, sem distinção quanto aos usos, a partir do Boqueirão em direção a Solemar I. Tal característica revela que quanto maior a proximidade dos bairros com o município de São Vicente, maior a densidade populacional e de infra-estrutura. As únicas exceções nessa diminuição são verificadas nos bairros Aviação e Vila Mirim por suas características ocupacionais de uso do solo urbano, como analisado anteriormente.

A diminuição de infra-estrutura linear (a partir de São Vicente em direção à Mongaguá) não se verifica em relação aos bairros¹⁵ situados entre a Rodovia Padre Manoel da Nóbrega e os limites municipais em direção ao interior do continente.

Chama atenção na tabela 2 o número de domicílios coletivos, considerados pelo IBGE como domicílio que na data da contagem estava ocupado por grupo conivente e/ou família (hotéis, pensões, asilos, conventos, penitenciárias, quartéis, navios etc.). O bairro com maior número desse tipo de domicílio é o de Vila Mirim (35) e apesar do IBGE não ter mencionado

¹⁵ Solemar II, Melvi, Trevo, Quietude, Antártica e Sítio do Campo.

como exemplo de seu conceito de domicílio coletivo a colônia de férias, esta é a modalidade de hospedagem de maior concentração no bairro, em sua maior parte situadas à Avenida dos Sindicatos, perpendicular à Avenida Presidente Castelo Branco (lindeira ao mar), bem próxima à Estátua de Iemanjá, situada na orla marítima.

Os bairros de maior concentração de residências secundárias coincidem também com a concentração de serviços voltados aos turistas. Conforme análise de dados disponíveis no site oficial da Prefeitura Municipal de Praia Grande é possível perceber essa concentração.

Tabela 3 – Meios de Hospedagem em Praia Grande

Tabela 3 – Meios de Hospedagem em Praia Grande

Tipo de Serviço	Natureza do Serviço	Localização (Bairro)	Quantidade
Meios de Hospedagem	Hotéis	Tupi	1
		Mirim	1
		Real	1
		Boqueirão	3
		Guilhermina	2
		Solemar	1
		Aviação	1
	Colônias de Férias	Mirim	9
	Pousadas	Aviação	3
		Mirim	2
		OCIAN	1
		Tupi	1
TOTAIS	3	8 bairros	26 estabelecimentos

Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

A tabela 3 expõe dados disponíveis no site da Prefeitura de Praia Grande, acessível por um ícone denominado “Hospedagem”.

Cabe ressaltar que os meios de hospedagem veiculados nessa forma de mídia não correspondem à totalidade do município, mas ao menos demonstra a concentração dos serviços turísticos em determinados bairros. Como é possível observar na tabela, o site oficial da cidade divulga a existência de vinte e seis estabelecimentos de hospedagem: sete pousadas, nove colônias de férias e dez hotéis.

Dentre as colônias de férias recomendadas, todas se encontram no bairro de Vila Mirim, já os outros dois tipos de serviços de hospedagem, hotéis e pousadas, espalha-se por

oito diferentes bairros da cidade: Tupi, Mirim, Real¹⁶, Boqueirão, Guilhermina, Solemar, Aviação e Ocian. Todos se localizam na faixa de bairros lindeiros ao mar e, portanto no que denomina-se aqui de território turístico.

O bairro com maior número de estabelecimentos de hospedagem é o de Vila Mirim, justamente pela concentração das colônias de férias, totalizando treze empreendimentos desse tipo. Em seguida, com número menor de estabelecimentos de hospedagem, encontram-se os bairros de Aviação (com quatro) e Boqueirão (com três).

Na tabela 4 é possível identificar que com os estabelecimentos de alimentos e bebidas a situação muda muito pouco. Foram divulgados pelo site oficial do município vinte e seis estabelecimentos que prestam serviços de alimentos e bebidas de sete naturezas distintas: café, choperias, churrascarias, lanchonetes, restaurantes especializados em comida oriental, pizzarias e restaurantes.

Esses serviços foram citados em onze bairros diferentes: Boqueirão, Guilhermina, Forte, Xixová, Sítio do Campo, Tupi, Real, Melvi, Mirim, Flórida e Aviação.

Diferentemente da tabela anterior, esta mostra que existem serviços voltados aos turistas em bairros fora do território turístico, tais como Melvi, Xixová e Sítio do Campo.

No entanto, ao fazer uma análise mais apurada sobre a localização desses estabelecimentos, percebe-se que se tratam de locais estratégicos.

O bairro Xixová é uma subdivisão do bairro Sítio do Campo, pela proximidade com o Parque Estadual Xixová Japuí, local onde se situa o Litoral Plaza Shopping, único no município de Praia Grande, mas que possui localização estratégica. O shopping fica na divisa com o município de São Vicente a beira da Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, próximo ao portal de entrada da cidade. Por essas características, compõe área de circulação de turistas.

E mesmo os estabelecimentos citados como dentro dos bairros Melvi e Sítio do Campo, ou se encontram a beira da rodovia que atravessa o município ou possuem farta propaganda e sinalização garantindo fácil acesso a sua localização.

¹⁶ Embora este bairro não tenha sido mencionado anteriormente, constitui-se em área pertencente ao bairro de Vila Tupi.

Tabela 4 – Serviços de Alimentos e Bebidas em Praia Grande

Tipo de Serviço	Natureza do Serviço	Localização (Bairro)	Quantidade
Serviços de Alimentos e Bebidas	Cafés	Boqueirão	1
	Choperia	Guilhermina	1
		Canto do Forte	1
	Churrascaria	Xixová	1
		Sítio do Campo	1
		Tupi	1
		Boqueirão	2
		Real	1
		Melvi	1
	Lanchonete	Boqueirão	2
		Forte	1
	Orientais	Boqueirão	1
		Xixová	1
	Pizzarias	Forte	1
		Mirim	1
		Boqueirão	2
	Restaurante	Xixová	1
		Forte	1
		Tupi	1
		Flórida	1
	Aviação	1	
	Boqueirão	1	
TOTAIS	7	11 bairros	25 estabelecimentos

Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

A região de concentração de residências secundárias também apresenta a concentração de serviços e equipamentos voltados ao turista, denominada por Yázigi (1998) como confinamento.¹⁷ Em seu livro intitulado “Turismo – uma esperança condicional” (1998) analisa diversos modelos nacionais de desenvolvimento turístico pautados por políticas

¹⁷ Yázigi é geógrafo e ocupa uma cadeira de docente titular da Universidade de São Paulo, dedicou parte de seus estudos a influência do turismo no espaço urbano.

urbano-regionais¹⁸ às quais critica. Entende como confinamento territorial “[...] uma expressão contínua de interesses ambientais, equipamentos e serviços, microcosmos, no perímetro dos quais tem de se dar à vida turística – que alguns outros preferem chamar de bolha [...]” (YÁZIGI, 1998, p. 41).

O autor revela que o confinamento pode assumir diferentes formas territoriais e pode possuir origens diferenciadas. Dentre estas coloca: confinamento em grandes complexos, confinamento em hotéis, confinamento em zonas turísticas, confinamento por segregação social, confinamento pela violência, dos acidentes geográficos e até os provocados pela feiúra (YÁZIGI, 1998).

Dois desses tipos de confinamentos chamam atenção: o confinamento em zonas turísticas e o confinamento por segregação social.

Uma zona turística costuma ser uma extensão territorial com atrativos das mais diferentes naturezas: paisagem natural e construída, monumentos, residências, curiosidades, equipamentos em geral, animação em estabelecimentos de alimentação, jogos, bebidas, danças, etc. Numa cidade como o Rio de Janeiro ou Salvador, tudo isto é facilmente cartografável e, só através da cartografia, é que um estudioso se dá conta do que sejam as manchas urbanas do confinamento: quanto menor a proporção de território “turístico” em relação ao conjunto da malha urbana geral, maior o grau de confinamento e menor o sentido de socialização do espaço. [...]

Em geral, mas não sempre, a escolha dos melhores territórios deixa como opção aos demais sítios bem menos favorecidos. Mas também é preciso reconhecer, inequivocamente, que as formas populares de ocupação são as mais destrutivas, por duas razões básicas: 1) a conservação de grandes extensões é incompatível com o parcelamento do solo (nem mesmo exagerado, mas simplesmente mediano) e, 2) as atuais soluções arquitetônicas e paisagísticas de camadas de poucos recursos são comumente reconhecidas como sofríveis. Precavenha-se de uma leitura fácil, sugerindo tolher pobres e facilitar ainda mais a vida dos ricos. Pelo contrário, parece que uma das soluções estaria na construção da cidadania plena, inclusive pela incorporação de valores através da educação, mas não só com ela (YÁZIGI, 1998, p. 44-45).

De acordo com a definição de confinamento em zonas turísticas dada pelo autor, percebe-se que em muito se assemelha ao município de Praia Grande, pois a zona turística consiste na concentração de equipamentos, atrativos e serviços voltados ao turista.

Já o confinamento por segregação social, de acordo com Yázigi (1998), afasta a população economicamente menos privilegiada, que diante da valorização cênica e imobiliária dos terrenos, não encontra outra opção a não ser ocupar as áreas alagadiças, as encostas ou áreas distantes da porção territorial considerada turística.

¹⁸ Ao mencionar o termo política urbano-regional o autor se refere à prática de construir-se novas edificações pautadas no isolamento dos indivíduos tais como condomínios fechados, bem como ao incentivo público a proliferação de *resorts* no litoral nordestino, realidade retratada também por Cruz (2003), por meio da Política de Megaprojetos Hoteleiros.

Ao que se refere à configuração territorial de Praia Grande nota-se processo semelhante ao que se refere à expulsão dessa população das áreas lindeiras ao mar, pois conforme demonstraram os números de domicílios por espécie, a grande maioria da população fixa vive em bairros bem afastados do circuito turístico.

Rodrigues (1999) considera essa concentração de residências secundárias e equipamentos e serviços voltados ao turismo em pequenas porções do território como um efeito da urbanização no Brasil associada ao fenômeno do Turismo.

A autora atrela a grande demanda de turistas na baixada santista à proximidade da cidade de São Paulo, local que concentra grande número de pessoas que reúnem duas características essenciais: tempo livre e dinheiro para gastar. Escreve que o capital acumulado nos grandes centros permite o acesso à segunda residência que reúne ao momento de lazer uma possibilidade de investimento, provocando assim a especulação imobiliária. E sobre esse aspecto se posiciona:

A especulação imobiliária nesta área é abusiva, tendo expulsado praticamente toda a população tradicional representada pelas comunidades pesqueiras – os caiçaras. São empurradas para áreas rebaixadas e úmidas, sujeitas a inundações, ou galgaram a serra com ocupações ilegais. Formam grandes aglomerados populacionais, sem nenhuma estrutura de consumo coletivo e ainda sujeitos aos freqüentes desmoronamentos de terras pelo excesso de pluviosidade local. Constituem basicamente locais de reprodução de força de trabalho ocupada na construção civil e como porteiros, caseiros e domésticos nos prédios e casas de veraneios (RODRIGUES, 1999, p. 139).

Esta citação, tal qual a de confinamento por segregação social dada por Yázigi (1998), remete à concentração dos moradores a áreas menos valorizadas pela atividade turística, tais quais os dados demonstrados pelo IBGE analisados anteriormente.

De acordo com a autora, a baixada santista, com o passar do tempo, foi se tornando um destino mais popular, mais acessível, afastando o turista de elite para novos centros, inicialmente para o Guarujá e mais recentemente em direção ao litoral norte.

Nesse sentido, novas pessoas vão sendo atraídas para o local, transformando o uso de residência secundária em moradia fixa, ocasionando aumento da população e saturando os locais que antes eram vistos como refúgios.

Para Rodrigues (1999) acabam reproduzindo-se no litoral os mesmos problemas encontrados na metrópole: trânsito, poluição, verticalização desenfreada, dificuldades de abastecimento e até violência urbana.

1.4 Espaços de deslocamento

De acordo com consultas ao site oficial da cidade, Praia Grande possui população flutuante de 300.000 habitantes nos finais de semana à 1.500.000 na alta temporada de verão. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou o número de 233.806 habitantes em 2007. Levando em consideração as informações acerca da população flutuante, verifica-se que em alguns momentos o crescimento populacional do local é de mais de 500%. Tal crescimento momentâneo se deve, entre outros fatores, à atividade turística e as facilidades de acesso, representadas pelas infra-estruturas rodoviárias.

As principais vias de acesso ao município são o complexo rodoviário do sistema Anchieta/Imigrantes (SP-150 e SP-160), Rodovia Padre Manoel da Nóbrega (SP-055) e Rodovia Régis Bittencourt (BR-116).

O principal fluxo turístico de Praia Grande entra pelo sistema viário Anchieta/Imigrantes que interligam o município de São Paulo ao município de Cubatão. Em Cubatão segue-se pela Rodovia Padre Manoel da Nóbrega até Praia Grande. Mesmo provenientes de outras regiões do estado com populações expressivas, como a região metropolitana de Campinas por exemplo, o fluxo por esses acessos são obrigatórios.

A Via Anchieta teve autorização para ser construída em 1934. Após vários problemas, inclusive econômicos que acarretaram na paralisação das obras, a inauguração só aconteceu treze anos depois. Em abril de 1947, era inaugurada a pista ascendente e a segunda em 1953, trazendo mais movimento, advindo da importância econômica do Porto de Santos e o incremento populacional da Baixada Santista.

Diante da saturação da Via Anchieta, em 1968, o governo de São Paulo resolveu construir a Imigrantes. Para isso, foi criada a empresa de capital misto Desenvolvimento Rodoviário S.A. - Dersa visando construí-la e administrá-la. As obras começaram pelo trecho do Planalto tendo sido inauguradas em 23 de janeiro de 1974. O complexo Anchieta-Imigrantes possui hoje 176 quilômetros de extensão.

“A Imigrantes tem 44 viadutos, sete pontes e 11 túneis, em 58,5 km de extensão, de São Paulo até Praia Grande. De 1972 a maio de 1998, pelo seu pedágio passaram 127.341.358 veículos.” (www.estradas.com.br) No mesmo período passaram pela rodovia Anchieta 104.628.534 veículos.

Após nova saturação foi realizada a duplicação da Rodovia Imigrantes. Construiu-se uma pista descendente inaugurada em 17 de dezembro de 2002 (www.ecovias.terra.com.br). Aliado a outros fatores, essas facilidades de infra-estrutura estimulam o aumento do fluxo

turístico para o litoral do Estado de São Paulo, sobretudo para o município de Praia Grande, por se tratar de um local muito próximo a capital paulista.

1.5 Núcleos emissores de turistas para Praia Grande

De acordo com informações concedidas pelos funcionários da Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Praia Grande, o método de cálculo do número de turistas no município é realizado utilizando como parâmetro a quantidade de lixo que é produzida diariamente pelas pessoas no município. Adota-se como referência padrão que um cidadão produza em média 400g de lixo por dia.

Após a coleta diária de lixo é feito o cálculo: divide-se o número de toneladas de lixo diário produzido pelo consumo médio diário per capita (400g). Certamente o resultado excederá o número de 233.806 habitantes¹⁹.

Observa-se na tabela 5 a variação do número de turistas ao longo dos meses durante os anos de 2004, 2005, 2006 e 2007. Percebe-se que em todos os anos, desde que o cálculo começou a ser feito, o mês de maior movimento de turistas é janeiro, seguido pelo mês de dezembro. Observa-se também que os meses de menor movimento compreendem o período entre maio e setembro.

Tabela 5 – Demanda turística - 2004 a 2007

	2004	2005	2006	2007
Janeiro	704.905	704.905	758.537	728.000
Fevereiro	473.877	442.421	460.219	513.000
Março	379.506	415.056	456.815	430.000
Abril	378.673	388.770	407.493	423.000
Maiο	322.950	366.350	390.088	390.000
Junho	320.629	335.497	371.559	360.000
Julho	375.410	369.107	379.316	406.000
Agosto	332.047	365.154	380.652	381.000
Setembro	358.023	355.164	380.020	374.000
Outubro	369.980	383.711	428.003	456.000
Novembro	403.660	466.694	442.500	528.000
Dezembro	488.980	522.394	565.400	530.000

Fonte: Secretaria de Turismo de Praia Grande, 2008

¹⁹ Número de habitantes segundo a contagem da população em 2007 feita pelo IBGE.

Os dados apresentados também revelam que no mês de julho, apesar de ser um período de férias escolares, aumenta muito pouco a quantidade de turistas na Praia Grande, ou seja, não pode ser considerado um período de alta temporada.

A Secretaria de Turismo de Praia Grande elaborou um estudo comparativo acerca do perfil dos turistas que visitaram o município entre os anos de 2006 a 2008²⁰. O objetivo principal do estudo foi traçar um perfil do turista, avaliar sua percepção em relação a infraestrutura de Praia Grande, utilização dos equipamentos turísticos, identificação dos pontos fracos e fortes do município. A análise dos dados coletados também visou identificar possíveis tendências em relação ao comportamento do turista.

Para a apresentação dos resultados, o estudo caracterizou inicialmente o turista segundo seu perfil sócio-econômico, frequência de visitas, meio de transporte utilizado para chegar à cidade etc. Em seguida foi destacada a permanência dos turistas, despesas realizadas, finalizando com seus desejos e percepções no que tange ao serviço público e privado oferecidos.

No período estudado verificou-se que mais da metade dos entrevistados pertencem a faixa etária de 21 a 30 e 31 a 40 anos de idade. Houve pequeno acréscimo anual de turistas com graus de instrução média e superior e, conseqüentemente, decréscimo na porcentagem de entrevistados com nível de escolaridade mais baixo. A época de visitaçã dos turistas permaneceu estável entre a porcentagem de turistas que freqüentam a cidade apenas no verão, mas aumentou a frequência de turistas que visitam a cidade aos finais de semana. Entre os anos de 2006 e 2008 houve um acréscimo de 15% de pessoas que freqüentam o local no final de semana. Cerca de 40% declararam gastar mais de R\$50,00 diariamente e 35% afirmam gastar entre R\$25,00 e R\$50,00.

O estudo nos mostra que entre 2006 e 2008 houve um acréscimo expressivo na porcentagem de entrevistados que se hospedam em residências secundárias, saltando de 56,75% em 2006 para 83,23% em 2008, ou seja, um acréscimo de 26,48%. A pesquisa mostrou um grande decréscimo na modalidade hospedagem em colônia de férias.

Embora sejam dados oficiais, não foram fornecidas informações tais quais as técnicas e métodos empregados na pesquisa de campo, o que poderia dar margem a possíveis desvios nos resultados obtidos, dependendo dos locais de aplicação dos questionários, pois deve levar-se em consideração que praticamente todas as colônias de férias de Praia Grande concentram-se em um único bairro e em uma única avenida, porção espacial muito pequena em relação ao

²⁰ Vide detalhamentos do estudo tais como tabelas e gráficos em anexo.

resto da cidade, mas porcentagem muito alta entre os meios de hospedagem dos entrevistados do ano de 2006 (32,09%).

O período estudado refletiu também um aumento de 4% entre os entrevistados que utilizaram como meio de transporte à cidade o carro e diminuiu 4% dos entrevistados que responderam utilizar ônibus ou vans. Em 2008 cerca de 78% dos entrevistados utilizaram o carro como principal transporte e cerca de 20%, vans e ônibus.

O estudo mostrou também que durante todo o período os turistas vão à cidade com a família (cerca de 70%) e com os amigos (cerca de 24%).

Quando questionados a respeito da infra-estrutura da cidade, em média 55% deles acham os atrativos turísticos bons, cerca de 25% os consideram regular e os 20% restantes os consideram ótimos. Cinquenta por cento consideram o transporte público bom ou ótimo, 70% acham a limpeza pública boa ou ótima, 75% consideram a segurança boa ou ótima, mas quanto a qualidade das praias, 58% as consideram boas ou ótimas e cerca de 42% regular.

Os dados de procedência dos turistas revelou grande variação, mas ao interpretar os números da pesquisa é possível afirmar que de 50% a 60% provêm de São Paulo, de 15% a 20% provêm de cidades da grande São Paulo e cerca de 20% provêm de cidades do interior paulista. A porcentagem de visitantes estrangeiros e de turistas de outros estados existe mas não chega a ser expressiva.

2 DÁDIVA, HOSPITALIDADE E ENCONTRO

Neste capítulo busca-se relacionar os conceitos de hospitalidade, dádiva e encontros turísticos.

Camargo (2004) remete-se ao *Ensaio sobre a dádiva e o dom* (1974) de Marcel Mauss para tentar explicar o fenômeno de circulação dos bens em nossa sociedade. Intriga-se com costumes tão antigos da humanidade como a troca de presentes, que embora persista nos círculos sociais atuais de forma diferenciada, tem seu sentido atrelado à premissa de Mauss de que dar, receber e retribuir constituíam a base dos vínculos sociais das sociedades arcaicas, iniciadas com a dádiva. E aponta (2004, p.16): “Começa com uma dádiva que parte de alguém. A retribuição é uma nova dádiva que implica um novo receber e retribuir, gerando dons e contradons, num processo sem fim.”

Para o autor muitos dos estudos da hospitalidade remetem-se ao mencionado ensaio de Mauss pelo fato deste sempre se reportar a dádiva, porque a hospitalidade, assim como a dádiva, também requer uma continuidade:

[...] O hóspede numa cena converte-se em anfitrião, numa segunda cena, e essa inversão de papéis prossegue sem fim. Neste sentido, a hospitalidade é o ritual básico do vínculo humano, aquele que o perpetua nessa alternância de papéis (CAMARGO, 2004, p. 16).

Percebe-se aqui que a continuidade revela-se como o vínculo estabelecido entre as pessoas e não significa apenas uma circulação de bens, mas a circulação de dádiva, de hospitalidade.

E ainda sobre as semelhanças entre dádiva e hospitalidade, Camargo (2004) remete-se ao fato social total expresso por Mauss (1974, p. 211 apud CAMARGO, 2004, p.17):

Tal como a dádiva que encarna, a hospitalidade também é um fato social total. O tio de Marcel Mauss, Émile Durkheim, já tinha cunhado a expressão fato social. No seu método sociológico [...] o fato social é algo delimitável empiricamente. Com o fato social total, Mauss avança um pouco mais, referindo-se a fatos, sempre delimitáveis empiricamente, mas que abarcam a totalidade da cultura, “que não suprime o caráter específico dos fenômenos, que permanecem ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos, e mesmo estéticos, morfológicos [e que] consiste na rede das inter-relações funcionais entre todos estes planos.

Na verdade, tanto a hospitalidade como a dádiva, embora sejam fatos delimitáveis permeiam a cultura nos aspectos religiosos, jurídicos, econômicos e mesmo estéticos (CAMARGO, 2004). Por isso fica tão difícil conceituar a ambas. E na opinião de Camargo

(2004, p. 17-18) ambos os conceitos vão além das sociedades arcaicas, constituem-se em atuais:

Daí decorre a noção de hospitalidade como um conjunto de leis não escritas que regulam o ritual social e cuja observância não se limita aos usos e costumes das sociedades ditas arcaicas ou primitivas. Continuaram a operar e até hoje se exprimem com toda força nas sociedades contemporâneas.

As discussões a respeito da atualidade do tema promovem acaloradas críticas, inclusive ao próprio Mauss. Para Caillé (2006), mais do que um fato social total, o dom constitui-se em paradigma científico capaz de levar uma alternativa à sociedade ocidental que se encontra em profunda crise, pois essa sociedade é fundamentalmente pautada em duas grandes lógicas sistêmicas e funcionais:

[...] a lógica do mercado e a lógica do Estado representativo. A primeira, busca sua motivação no interesse particular e encontra sua regulação na lei da equivalência de mercado. A segunda, se organiza a partir do monopólio da violência legal e repousa sobre o princípio da igualdade perante a lei. É em nome dessas duas grandes lógicas sistêmicas que se fundam respectivamente as duas grandes ideologias da modernidade, o liberalismo e o socialismo. Há certo tempo e segundo modalidades que variam de acordo com cada país, é no plano dos Estados-nação e na base do assalariamento universal, isto é, para o assalariamento para todas as pessoas, que se articularam concretamente essas duas lógicas ao mesmo tempo opostas e complementares. Ora, com toda evidência estamos assistindo à decomposição do que é permitido chamar *a sociedade salarial integrada nacionalmente*. Sem estar propriamente ultrapassada, já que nada a substitui, a forma salarial se revela, contudo, cada vez mais inadaptada às dimensões mundiais da economia e da cultura. E nada permite assegurar que as sociedades desenvolvidas ainda terão condições, no futuro, de oferecer a todos os seus membros empregos remunerados em tempo integral e por toda a vida (CAILLÉ, 2006, p. 28).

Em decorrência dessa crise Caillé (2006) lança o desafio de estudar a dádiva como uma alternativa, como o desenvolvimento de uma lógica terceira, em parte baseada no dom, no voluntariado e no benevolato. Mas questiona-se se essa saída é utópica, afirmando que tal perspectiva indica várias lacunas merecedoras de mais pesquisas:

Seria tal perspectiva fundamentalmente utópica e irrealista? As motivações e as regulações que compõem esta lógica do dom são suficientemente potentes e coerentes para produzir uma sistematização socializadora comparável a do mercado e do Estado? Para poder trazer a estas questões respostas que não sejam muito incertas, seria preciso se colocar muitas outras questões. Seria necessário se perguntar, por exemplo, se a obrigação de dar, receber e retribuir é verdadeiramente universal, se constata-se sua existência em todas as sociedades selvagens, ou se ela só se desenvolve em algumas, e por quê e como. [...] Seria conveniente ainda multiplicar os questionamentos sobre a articulação contemporânea entre dom primário e dom secundário, entre dom e interesse, dom e poder [...] (CAILLÉ, 2006, p. 29).

Por essas questões e outras de ordem filosóficas é que o autor prefere iniciar uma discussão definindo o dom, pautando-se no que considera como uma definição restrita dele. Tal definição é considerada pelo autor como um conceito mínimo de dom e que mantém ou deveria manter relações com os conceitos de interesse e “desinteressamento” (CAILLÉ, 2006).

Para a definição restrita do dom, Caillé (2006, p.30) parte da definição de dádiva por ele definida em conjunto com Godbout (1992, p.32 apud CAILLÉ, 2006, p. 30): “Qualifiquemos de dom toda prestação de bem ou serviço efetuado, sem garantia de retorno, visando criar, alimentar ou recriar o elo social entre as pessoas”. Caillé acrescenta que a visão reducionista de dom desse conceito tem a vantagem de restringí-lo à troca de bens e serviços, o que automaticamente exclui a troca monetária, além disso destaca:

Nossa definição restrita do dom permite mostrar que bens e serviços valem também, e muitas vezes de modo preponderante, em função de sua capacidade de criar e reproduzir relações sociais. Eles não têm, então, apenas um valor de uso e um valor de troca, mas também um valor de elo [ibid., p.224]. No dom assim caracterizado, o fato fundamental é que o elo importa mais que o bem. (CAILLÉ; 2006, p. 30).

O vínculo social se estabelece pelo dom, mas não é mediatizado apenas por bens e serviços, manifesta-se nas festas, conferências, conversas, impressões, opiniões, amor, ódio, vida e morte (CAILLÉ, 2006). Não excluiu da dádiva a generosidade, pois existem muitas formas de dádiva que não visam estabelecer ou manter um elo social como por exemplo “[...] a generosidade no esforço do atleta, a paixão pela verdade do sábio ou do filósofo, o amor que o artista nutre pela arte, ou a adoração a Deus dos místicos. [...]” (CAILLÉ, 2006, p. 31).

E ao considerar tanto a generosidade como a intenção de vínculos consistentes no dom, chega a uma consideração do que é comum entre as diversas referências de dom:

[...] o fato de oferecer, sem esperar retorno pela doação inicial. Contudo, deve-se precisar que não esperar retorno não significa não ter nenhuma expectativa, como se a ação não tivesse motivação e objetivo, ação sem porquê (sem *weil*) nem por quê (sem um *zu*). Não esperar retorno significa simplesmente, como disse Jacques Derrida, aceitar uma diferença. Se expor à possibilidade de que aquilo que retorna difere do que foi oferecido, remete a um prazo desconhecido, a algo que talvez seja retribuído por outros que não aqueles a quem foi oferecido, ou que talvez nunca seja retornado. Tal definição do dom, porém, não é muito sofisticada. Ela não procura uma essência eterna e atemporal do dom. Ela se limita a afirmar que o dom existe enquanto for aceita a possibilidade de uma falha na reciprocidade, e que esta aceitação constitui o símbolo, sem margem de dúvidas, da generosidade e do “desinteressamento” a condição *sine qua non* do dom e da generosidade (CAILLÉ, 2006, p. 31)

Para justificar sua opção de definição restrita de dom, a qual chama de humana, contrapõe o pensamento de dois outros autores: Jacques Derrida e Pierre Bourdieu. Caillé (2006) as contrapõe como a dualidade existente entre céu e inferno. O céu teria abrigo na definição mais pura de dom fornecida por Derrida e o inferno se abrigaria na definição totalmente mundana de Bourdieu.

Para Bourdieu, o desinteressamento não existe e só é possível para os ricos, pois o ato desinteressado acaba por tornar-se um capital simbólico, elemento de prestígio, principalmente entre as elites. Logo esse capital simbólico retorna em forma de capital econômico.

[...] Partindo do pólo do capital econômico, percebe-se que ele apenas se acumula e se reproduz quando se transforma em capital social (conjunto de relações), em capital cultural, lingüístico e escolar, e, enfim, em capital simbólico, este prestígio que surge do “desinteressamento” reconhecido. Mas para poder acumular esta forma particular de capital, para poder ser efetivamente desinteressado a seus próprios olhos, seguir a sua vocação sem misturar de forma visível as considerações instrumentais, é preciso que o sujeito social esteja persuadido de sua legitimidade social e, logo, de ser proveniente de uma linhagem familiar que possui ou possuiu em quantidade suficiente as outras formas de capital.

Da mesma forma e, simetricamente, é esta congruência do capital simbólico às outras formas de capital que, ao fim das contas, permitirá que ele se retransforme em capital social e em seguida em capital econômico [...] (CAILLÉ, 2006, p. 36)

Derrida é interpretado por Caillé (2006) para expor o contraponto em relação ao interessamento no dom expresso por Bourdieu. Derrida crê que o dom deva ser totalmente desinteressado. Sobre este aspecto, Caillé (2006) acrescenta:

Poderíamos até dizer, escreveu J. Derrida, que um livro tão monumental quanto *Essai sur le dom*, de Marcel Mauss, fala de tudo menos do dom: ele trata da economia, das trocas, do contrato (*do ut de*), da super-oferta, do sacrifício, do dom e do contra-dom, enfim, de tudo que leva ao dom e a anular o dom” (CAILLÉ, 2006, p.39).

É que, estima Derrida, Mauss não teria se inquietado “o suficiente com esta incompatibilidade entre o dom e a troca, com o fato que um dom dado é apenas um empréstimo para o retorno do dom, isto é, uma anulação do dom” (CAILLÉ, 2006, p. 45).

[...] “para que haja dom, é preciso que o donatário não devolva, não amortize, não reembolse, não empenhe, não entre no contrato, nunca tenha contraído dívida” (p.26), e não apenas isso: “para que haja dom é preciso que não haja reciprocidade, retorno, troca, contra-dom nem dívida” (p.24), todavia, mais ainda, é preciso que o donatário não reconheça o dom como tal. “ No limite, sublinha J. Derrida, o dom como dom não deveria parecer como dom: nem ao donatário nem ao doador” (p.26). Conseqüentemente, conclui J. Derrida logicamente, “se não há dom, não há dom, mas se há dom, visto ou reconhecido como dom pelo outro, não há dom tampouco” (p.28). Concebemos melhor agora que o dom seja “não impossível, mas o impossível. A própria figura do impossível” (p.19) (CAILLÉ, 2006, p. 46-47)

Ainda para Caillé (2006), ao se analisar as teorias de Derrida e Bourdieu percebe-se que ambas são fundamentadas, possuem uma razão, mas são totalmente opostas, o que as torna

difícil de serem admitidas conjuntamente, pois variam entre o egoísmo calculado e um altruísmo isento de cálculo. Tal fato as tornam impossíveis de serem utilizadas em qualquer discurso político e ético. Dessa maneira o autor demonstra e justifica sua opção em adotar uma referência modesta de dom.

Não tão preocupado em analisar o interesse ou o desinteressamento presente na dádiva, Godbout (1999) nos traz uma série de exemplos de como a dádiva persiste nos tempos atuais. O objetivo do autor é estabelecer a “[...] hipótese segundo a qual o desejo (*drive*) de dar é tão importante para compreender a espécie humana quanto o de receber” (GODBOUT, 1999, p.28).

Para o autor, diferentemente do sistema mercantil, a dádiva não requer uma troca equivalente e instantânea, permanece no campo do implícito e do não-dito, auferindo ao fenômeno uma certa magia, como se estabelecesse regras não formuladas. Esta assertiva revela a concordância com a teoria de Caillé (2006) a respeito do dom e de sua função de estabelecer vínculos.

Sobre os vínculos e a relação resultante dele aquele autor afirma:

Se a dádiva e a contra-dádiva são desiguais, então existe um ganhador e um perdedor, e talvez exploração e enganação. Se, ao contrário, elas forem equivalentes, não há aparentemente diferença entre a dádiva e a troca mercantil interessada e racional (GODBOUT, 1999, p. 13).

Mais uma vez se percebe aí a relação com a teoria de Caillé (2006) sobre a aceitação da condição de diferença existente no dom. Quando se espera um retorno equivalente e instantâneo por meio do contra-dom trata-se de uma troca mercantil e não de vínculo iniciado pela dádiva. Ainda para Godbout (1999), aceitar a dádiva significa aceitar a relação e automaticamente recusá-la significa recusar o estabelecimento de vínculo interpessoal. Percebe-se claramente a comunhão do autor com o dar-receber-retribuir formulado por Mauss:

[...] No início, não existe nada além de indivíduos separados que, como tais, só seguem seus próprios interesses. Depois aparece a dádiva, quase bela demais, tonitruante, ou bastante modesta e insidiosa. Mas que cria um sentimento de obrigação. Assim, ou a obrigação de retribuir é assumida, e então se estabelece um círculo de relações de pessoa a pessoa, dentro do qual os bens alimentam a ligação, ou ela é recusada através de uma contradádiva monetária imediata, e nós nos encontramos no ponto de partida. [...] (GODBOUT, 1999, p. 19)

O autor deixa claro, assim como Caillé (2006) que os bens são colocados a serviço dos vínculos sociais:

Qualifiquemos de dádiva qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas. Pretendemos examinar como a dádiva, assim caracterizada como forma de circulação de bens a serviço dos vínculos sociais, constitui um elemento essencial a toda sociedade (GODBOUT, 1999, p. 29).

Inicialmente Godbout (1999) relaciona três formas de vínculos sociais: o vínculo interpessoal na esfera privada, o estabelecido pelo Estado e pelo mercado. Mas em virtude da apresentação de fatos empíricos se vê obrigado a considerar uma quarta forma: a dádiva entre estranhos. Por uma questão de afinidade temática, desenvolve-se a seguir apenas aquilo que o autor classifica como vínculo interpessoal da esfera privada, pois é o campo que se relaciona a presente pesquisa.

Para caracterizar o vínculo interpessoal na esfera privada o autor descreve vários exemplos de relações familiares, afirmando que nesse círculo a dádiva é aceita por excelência e até expressa publicamente sem muita preocupação. No entanto destaca uma relação interpessoal onde a reciprocidade é bastante valorizada:

No universo dos camaradas, dos vizinhos, dos companheiros de bar etc., dá-se grande importância à reciprocidade ligada às coisas que circulam. Isso não impede que o que circula esteja imbricado no vínculo. As coisas estão muitas vezes a serviço dos vínculos, mesmo nos casos de reciprocidades similares à equivalência mercantil. Assim, no que se refere ao fenômeno atual das “rodadas” nos bares, Florence Weber afirma que “essa espiral está no limite do absurdo: ao final, cada um pagou, em princípio, aquilo que consumiu, já que houve tantas rodadas quanto o número de pessoas presentes”. Mas ela se apressa em acrescentar: “O que acontece é que a relação instaurada é muito mais importante do que aquilo que a originou” (1989:81). A equivalência mercantil, aqui, é estranha ao que circula (GODBOUT, 1999, p. 39).

Camargo (2004) deixa clara a aproximação existente entre dádiva e hospitalidade ao desmembrar didaticamente a dinâmica do dar-receber-retribuir presente neste fenômeno. O autor desmembra a dinâmica em seis partes, denominadas por ele de leis não escritas.

Em primeiro lugar, a hospitalidade começa com uma dádiva. Para ele nem toda dádiva se insere dentro da hospitalidade, mas toda ação de hospitalidade começa com uma dádiva.

Convidar alguém para ir à sua casa, oferecer abrigo e comida a alguém em necessidade são dádivas expressas por gestos que se inserem dentro da dinâmica do dar-receber-retribuir. A dádiva desencadeia o processo de hospitalidade, seja ou não precedida de um convite ou de um pedido de ajuda, numa perspectiva de reforço do vínculo social (CAMARGO, 2004, p. 19).

Ainda para o autor a dádiva implica em sacrifício, significa abrir mão de algo seu para receber o hóspede. Esse sacrifício pode variar em intensidade, desde um café já passado até despende de uma certa quantia de dinheiro para melhor acomodá-lo (CAMARGO, 2004).

Toda dádiva traz implícito algum interesse, que pode ser nobre ou simplesmente filantrópico, mas de acordo com Camargo (2004) ele não pode ser revelado:

Essa lei não escrita não abole o interesse, apenas exige que ele não se instrumentalize sob a forma de um negócio que se quer fechar, ou simplesmente a troca do que se oferece por um outro bem, principalmente o dinheiro. Não abole igualmente a perspectiva de uma retribuição futura, apenas exige que se aja como se a retribuição não fosse necessária (CAMARGO, 2004, p. 20-21).

Em quarto lugar, o dom deve ser recebido, aceito. Camargo chama a atenção ao risco de rompimento de vínculos caso o dom não seja aceito:

Recusar um presente, uma honraria, uma lembrança é algo que ainda soa insultuoso mesmo em nossos dias. Não aceitar a dádiva desencadeia o mecanismo oposto da hospitalidade, que é a hostilidade, palavra de mesma raiz etimológica. Não ir ao encontro da mão que nos é estendida é mais do que recusar o vínculo social proposto. Significa agressão (CAMARGO, 2004, p. 21).

Segundo o autor receber implica aceitar uma situação de inferioridade diante do doador.

[...] A hospitalidade é sempre assimétrica. Receber algo de presente resulta na consciência de uma situação clara de desvantagem. Quem recebe a dádiva deve manifestar alegria mesmo sentindo que assume um débito para com aquele que doou. O donatário fica a mercê do doador.

Por isso, esse ato de receber não é tão simples e tantas dádivas são, às vezes, recusadas. A dádiva traz implícito um débito. Tudo se passa como se o donatário recusasse não a dádiva, mas a dívida, a obrigação de retribuir implícita no gesto de receber (CAMARGO, 2004, p. 22-23).

E por fim, quem recebe, deve retribuir, iniciando novamente o ciclo com uma nova dádiva prolongando os vínculos sociais (CAMARGO, 2004).

Para o autor existem duas escolas bem definidas sobre o estudo da hospitalidade: a francesa e a inglesa:

A francesa, que se interessa apenas pela hospitalidade doméstica e pela hospitalidade pública e que têm na matriz maussiana do dar-receber-retribuir a sua base, ignorando a hospitalidade comercial;

E a americana, que passa ao largo dessa matriz e para a qual tudo acontece como se da antiga hospitalidade restasse apenas a sua atual versão comercial, baseada no contrata e na troca estabelecidos por agências de viagens, operadoras, transportadoras e por hotéis e restaurantes (CAMARGO, 2004, p. 40).

Ainda de acordo com o autor surgiram dois grupos de estudos que tentam aliar elementos das escolas francesa e americana, amenizando as oposições que as rondam: trata-se do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e do conjunto de autores ingleses reunidos na publicação de Lashley e Morrison (2004).

Para Camargo (2004, p. 44-45) o que diferencia esses dois grupos de estudos da Hospitalidade são suas hipóteses de pesquisa:

- Tanto a hospitalidade comercial como a hospitalidade pública nutrem-se da mesma matriz, a hospitalidade doméstica;
- A inhospitalidade tão característica da sociedade moderna e que vitima tanto os migrantes como os turistas pode ser lida como uma falta de “hospitabilidade”, de capacidade de hospitalidade tanto de anfitriões como de hóspedes;
- O comércio moderno da hospitalidade humana efetivamente abole o sacrifício implícito na dádiva, ao trocar serviços por dinheiro, mas a hospitalidade sempre foi atributo de pessoas e de espaços, não de empresas; a observação deve, pois, dirigir-se para o que acontece além da troca combinada, além do valor monetizável de um serviço prestado, para o que as pessoas e os espaços proporcionam além do contrato estabelecido. Nesse campo, permanecem vivas a hospitalidade e (por que não lembrar também?) a hostilidade humanas.

Levando essas hipóteses em consideração o autor arrisca uma definição “analítico-operacional” da hospitalidade: “Hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat natural” (CAMARGO, 2004, p. 52).

Dentre essas categorias analítico-operacionais, interessa-nos neste estudo o receber, pois de acordo com o autor “ [...] A hospitalidade e o turismo terão de se ocupar do campo da recepção turística e estudá-lo conjuntamente [...]” (CAMARGO, 2004, p. 74). Sendo assim, cabe destacar aqui o que o autor define como ato de receber: “ Nada é mais sinônimo de hospitalidade do que o ato de acolher pessoas que batem à porta, seja em casa, na cidade, no hotel ou virtualmente” (CAMARGO, 2004, p.52).

De acordo com Lashley (2004), o termo “hospitalidade” passou a ser usado tanto em universidades como em empresas que compõem o mercado turístico em países de língua inglesa como sinônimo de atividades associadas à oferta de alimentos, bebidas e acomodação.

Ainda de acordo com o mesmo autor, no Reino Unido o termo passou a ser estudado como disciplina acadêmica, gerando diversas abordagens ao tema. Essa multiplicidade permitiu analisar as atividades de hospitalidade nos domínios “social”, “privado” e “comercial”.

Lashley (2004) afirma que cada um dos três domínios supracitados representa um aspecto da oferta de hospitalidade, que é tanto independente como sobreposto:

O domínio social da hospitalidade considera os cenários sociais em que a hospitalidade e os atos ligados à condição de hospitalidade ocorrem junto com os impactos de forças sociais sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação. O domínio privado considera o âmbito das

questões associadas à oferta da “trindade” no lar, assim como leva em consideração o impacto do relacionamento entre anfitrião e hóspede. O domínio comercial diz respeito à oferta de hospitalidade enquanto atividade econômica e inclui as atividades dos setores tanto privado quanto público (LASHLEY, 2004, p. 5-6).

Acerca do domínio social da hospitalidade o autor relata que é preciso estudar o contexto social em que as atividades de hospitalidade ocorrem e que “Um rico filão envolvendo o estudo da hospitalidade refere-se ao tratamento dado aos forasteiros” (LASHLEY, 2004, p. 8). Refere-se ao contexto social que compõe os valores de uma determinada sociedade em receber, encarando a hospitalidade como obrigação moral ou cultural, podendo ser estudados sob perspectivas sociológicas, antropológicas ou históricas.

No sentido de tratamento dado aos forasteiros, o domínio comercial da hospitalidade também pode ser abordado, pois o comerciante não precisa necessariamente ser só um anfitrião que se preocupa apenas em fornecer ao turista a quantidade de bebida ou comida que lhe satisfaça e traga mais lucro, mas pode ser também hospitaleiro.

Sobre esta diferença existente entre ser anfitrião e ser hospitaleiro, encontramos em Lashley (2004, p. 16):

Telfer (1996) fez uma importante distinção entre ser um anfitrião e ser hospitaleiro. Ser um bom anfitrião pressupõe mais do que determinadas condutas, como garantir que há bebida suficiente e que os hóspedes têm o bastante para comer. Requer, além disso, um desejo genuíno de agradá-los e deixá-los satisfeitos. Em consequência, a autêntica conduta hospitaleira exige um “motivo pertinente”, e uma pessoa hospitaleira é, assim, “alguém que recebe freqüente e atenciosamente e por motivos não pertinentes à hospitalidade” (Telfer, 1996, p. 86). Os motivos pertinentes podem incluir o desejo de companhia, o prazer de acolher, o desejo de agradar a outras pessoas, a preocupação ou a compaixão em face das necessidades alheias e o sentimento assumido do dever de ser hospitaleiro. Os motivos não-pertinentes podem dizer respeito à tentativa de conquistar o favor de terceiros, seduzi-los ou, em contextos comerciais a ganhar maior valor de troca.

Ainda sobre a distinção entre ser anfitrião e ser hospitaleiro, Lashley (2004, p.16) coloca que:

É possível, por exemplo, alguém ser bom anfitrião, mas não ser hospitaleiro, pois as suas ações podem ter motivos ocultos. De modo similar, argumenta Telfer, a pessoa autenticamente hospitaleira pode não ser tão hábil quanto o anfitrião com motivos não-pertinentes.

Sobre a hospitalidade num contexto comercial e de consumo, Andrews (2004, p.332) considera:

Em resumo, as idéias de hospitalidade se estabelecem sobre a compreensão da assistência ao estrangeiro, criando uma relação com base na reciprocidade e na troca. Seja no estudo da hospitalidade, seja no do turismo, a natureza dessa troca foi questionada segundo a noção de que a transação financeira elimina os motivos reais subjacentes à hospitalidade.

Em outras palavras, destaca-se que a reciprocidade, base da hospitalidade, é questionada quando envolve pagamento, pois nesse caso o consumidor do serviço enxerga no pagamento a retribuição, interrompendo o processo de reciprocidade comum em relações não comerciais. E vai além ao criticar os estudos de turismo:

O problema principal com o enfoque adotado nos estudos de turismo envolveu a suposição de que o anfitrião é o residente local do lugar de destino. Tal paradigma não acomoda a experiência do turista que adquire serviços de fretamento, em que o possível anfitrião local foi substituído pelo organizador do fretamento: o operador turístico [...] (ANDREWS, 2004, p. 332).

Diante do exposto, faz-se necessário estabelecer a seguinte distinção deste estudo: aqui pretende-se colocar no papel de anfitrião o morador local em relação a um tipo específico de turista, o proprietário de residência secundária, que justamente por obter um título de propriedade no local necessariamente estabelece um vínculo mais duradouro, pois tende a retornar com maior frequência, passando a conviver em determinadas situações com o morador.

Krippendorf (2003) analisa uma série de pesquisas de mercado em turismo e afirma que todas chegam a pelo menos um consenso, o de que os turistas não escolhem o lugar de suas férias em função dos moradores locais, mas em função da paisagem e do clima.

Sobre as circunstâncias desfavoráveis ao encontro, o autor ressalta algumas características: enquanto o turista descansa e se diverte, o morador local trabalha, ou seja, o dinheiro de um é o pão do outro; os contatos entre ambos são breves, muitas vezes não cabe no cronograma dos turistas parar para conversar, pois este precisa aproveitar o pouco tempo que lhe resta para conhecer “tudo o que ele ainda não viu”, situação que fortalece e ressalta apenas o contato comercial; muitas das experiências que são únicas para os turistas, são repetidas exaustivamente pelos moradores, pois “aos turistas sucedem turistas infinitamente”. E sobre este aspecto Krippendorf (2003, p. 85-86) conclui:

O que deveria ser um encontro, sucumbe à “síndrome do zoológico”: uns e outros se observam. O autóctone torna-se um espetáculo e um tema de fotografias. Mas não há, também, um meio de se entenderem pela palavra. E, como o tempo urge – afinal, temos que proteger nosso dinheiro -, está fora de cogitação qualquer parada para contemplar um pouco os arredores, com

toda a tranquilidade. No hotel ou na praia só se toma conhecimento dos autóctones por causa de suas funções como serviçais: o servente, a arrumadeira, o vigia, os vendedores de *souvenirs*, o motorista, os músicos, os dançarinos de música folclórica, etc.

Andrews (2004) e Krippendorf (2003) referem-se a contextos distintos ao de Praia Grande, todavia, em todos predominam o contato superficial e comercial das viagens. Salienta-se na abordagem de Krippendorf (2003) sua assertiva de que o encontro não ocorre, reduzindo-se à simples observação.

Outra autora que compartilha da mesma opinião, ou seja, que o contato entre turistas e moradores locais de fato ocorre mais em situações comerciais, é Araújo (2006, p. 55-56) que menciona o assunto ao diferenciar o viajante do turista:

A relação de alteridade é um elemento importante para o contraste entre os dois paradigmas. No da viagem trata-se de “ir ao encontro dos nativos”: Não se tendo certezas quanto ao pouso, é necessário confiar em quem no caminho faça indicações para seguir adiante ou repousar” (BOORSTIN, 1992). Virtualmente, crê-se que esses eventuais intermediários possam “aconselhar”, possam ser detentores de boas recomendações, e que detenham um “saber” a ser compartilhado pela convivência e pela aproximação. Dessa forma, “o acolhimento” – a recepção ao que chega – depende necessariamente de interlocutores que vão sendo encontrados pelo caminho. No segundo modelo, o viajante-turista é poupado de entrar em contato com os “locais”, já que os intermediários estão sempre imaginando, nas palavras de Boorstin (1992), “insular o turista do mundo da viagem”. O turista, assim, poderá, no limite, sem sair de casa, ter negociados e definidos por terceiros a hospedagem, as refeições, o transporte e, sobretudo, o entretenimento.

Ao menos esta última autora distingue os tipos de turistas, atribuindo a um destes a possibilidade de consumir o encontro.

Sistematizando os últimos autores estudados foi possível perceber que para Krippendorf (2003) o encontro não existe, para Andrews (2004) a hospitalidade se desenvolve no plano comercial (visto que o turista fica restrito ao contato com os profissionais que trabalham com turismo) e para Araújo (2006) é possível que haja algum contato dependendo do tipo de viagem realizada pelo turista.

Para examinar se o encontro entre turistas e moradores em Praia Grande ocorre de fato, faz-se necessário entender o que é esse encontro à luz da hospitalidade.

Para Baptista (2002, p.157), hospitalidade e encontro são sinônimos:

Definindo hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro, é importante sublinhar aqui a dimensão ética desse encontro, na linha do que é advogado por Emmanuel Levinas. Na obra de referência do filósofo, *Totalidade e Infinito*, a hospitalidade surge justificada como um dos traços fundamentais da subjetividade humana na medida em que representa a

disponibilidade da consciência para acolher a realidade do fora de si. Quando esta realidade se refere às coisas do mundo, à natureza ou aos objetos, a abertura da consciência pode traduzir-se em conhecimento, alimentação ou posse. Mas quando se refere à exterioridade testemunhada por outra pessoa, a abertura da consciência só pode afirmar-se como hospitalidade.

A disponibilidade de acolher a realidade do outro privilegiada por um encontro interpessoal, constitui-se em ato de hospitalidade. Conforme destacado por Baptista (2002), quando alguém proporciona uma abertura de consciência para acolher uma realidade de fora de si, buscando o diferente, tal comportamento pode se traduzir em duas situações: o conhecimento ou a hospitalidade. Quando essa abertura é realizada em relação aos objetos, à natureza e às coisas do mundo, fala-se em conhecimento, já quando a abertura se dá ao conhecimento do outro, afirma-se como hospitalidade.

O encontro interpessoal pode ser também designado relação interpessoal. Nas palavras da própria autora essa semelhança se faz presente:

A experiência de relação entre duas pessoas que, em rigor, só pode ser vivida como hospitalidade, implica que a consciência desenvolva a capacidade de acolhimento da alteridade que a interpela e a interrompe. Outrem chega ao nosso mundo na condição de *estrangeiro*, como alguém que, vindo de uma terra nunca antes possuída ou habitada, abre, com a sua presença, uma brecha no nosso tempo. A sua chegada fratura, por vezes de forma desagradável e traumática, a seqüência dos instantes tendencialmente percebidos numa lógica de continuidade. Dizemos, por isso, que o tempo da relação não cabe na medida dos calendários e dos relógios. O extraordinário desse acontecimento humano que é a relação interpessoal reside no fato de o lugar de interrupção constituir, simultaneamente, o núcleo de vinculação ao outro ser; ou seja, o ponto de ruptura funciona, ao mesmo tempo, como ponto de ligação, como espaço privilegiado para a emergência dos laços de proximidade (BAPTISTA, 2005, p.15).

Nota-se que Baptista afirma que a hospitalidade como relação interpessoal constitui a prática de estar aberto à alteridade, prática que de certa forma incomoda, causa ruptura na ordem interna, exige esforço ou sacrifício para que a mesma ordem se restabeleça. A partir do momento que essa ordem se restabelece, o vínculo com o outro passa a existir, o que ela denominou emergência de laços de proximidade. Fica clara a semelhança da relação com a “matriz maussiana do dar-receber-retribuir” (CAMARGO, 2004), onde a abertura à alteridade exige um sacrifício, elemento presente na dádiva e na hospitalidade, fatos sociais totais que contribuem com a criação e manutenção de vínculos sociais, como afirmado anteriormente.

Em Colombo (2008), que estudou o valor das relações enfocando um olhar sobre o trabalho das camareiras a partir da hospitalidade e da dádiva, encontramos a afirmação de que hospitalidade e dádiva são essenciais para a manutenção dos relacionamentos:

A dádiva e a hospitalidade estariam, assim, sinalizando as alianças nos relacionamentos, manifestada inúmeras vezes por meio de coisas invisíveis, de gestos e de suas significações, permeando toda a vida social (BUENO; DENCKER, 2003; MARTINS, 2002). Ela não é formal, passa pela sutileza do relacionamento, à medida que nenhum relacionamento persiste ou tem sustentabilidade, se não houver sinalização de apaziguamento entre o eu e o outro (COLOMBO, 2008, p. 35-36).

Baptista (2007) afirma que os seres humanos são separados em si por uma diferença originária, por uma separação ontológica e justamente por isso buscam a relação:

[...] os seres humanos identificam-se, isto é, constroem identidade, enquanto seres de relação. Para um ser separado, esta é a única possibilidade de entrar em contacto directo com outros modos de ser, outros sentimentos, outras histórias, outras liberdades (LÉVINAS, 1983 apud BAPTISTA, 2007, p. 139).

E ressalta que a relação é um encontro com o outro, sinônimo de experiência de hospitalidade, assim como de solidariedade:

[...] Todavia, mais do que um estreitamento do horizonte de aprendizagem possível, o que realmente fica em causa nesta atitude é a possibilidade de encontro intersubjectivo enquanto experiência de hospitalidade relacional, mas também, e necessariamente, de solidariedade (BAPTISTA, 2007, p. 139).

De acordo com a autora existe uma diferença entre ser solidário e ser compassivo: ajudar, aprender com a experiência do outro, são formas de ser compassivo, pois não provocam mudanças, não apelam à exigência de construção de lugares comuns.

[...] Se nos limitarmos a olhar o outro como fonte de novidade tenderemos a valorizar a experiência de encontro como uma, apenas mais uma, oportunidade de enriquecimento pessoal, que pode até ser geradora de compaixão, mas não de solidariedade. Necessitamos dos outros para ser quem somos e, sobretudo, para ser quem queremos ser. Mas isto significa que nos realizamos em sociedade, isto é, “com os outros” e não “através dos outros” (BAPTISTA, 2007, p.140).

Se, conforme afirmou Araújo (2006) pautada na teoria de Boorstin (1992), há distinção de abertura a alteridade entre o viajante e o turista, percebe-se que o viajante é aquele que entra em contato com o morador local, pode-se afirmar então, de acordo com o

exposto por Baptista (2007) que o viajante pode estabelecer um contato “com o outro” e, portanto, uma “experiência de encontro solidária”. Já o turista, pelo contrário, no máximo vive uma experiência de “enriquecimento pessoal”, de “compaixão”, “através do outro”, isso se ele estiver de fato buscando o encontro.

Sobre o contato com o morador local, Araújo (2006, p.56-57) acrescenta:

No quadro de interpretação elaborado por Boorstin é apenas nas compras que se localiza alguma reminiscência do “modo antigo da viagem”. Fazer compras permite ir ao encontro dos nativos, exigindo de alguma forma tentar conhecer a etiqueta local que preside os negócios. No ato da compra é que sobrevive o “excitamento característico do se estar exposto ao outro e à necessidade de recepção de sua língua própria” (Boorstin, 1992). Já o viajante “ao modo antigo” vive permanentemente exposto a esse excitamento, pois corre riscos, vive diretamente as decisões quanto a transporte, hospedagem e alimentação.

Observa-se que para a autora, apenas em situações comerciais é que o turista estabelece algum tipo de contato com o morador local. Caberia aqui discutir se essa situação de encontro poderia ser classificada como “compaixão” e encontro “através do outro” ou “experiência de encontro solidário” e encontro “com o outro”?

Prefere-se não correr esse risco, talvez cair-se-ia numa discussão semelhante à de Caillé (2006) ao refletir sobre a contraposição existente entre dádiva incondicional (de Derrida) e dádiva interessada (de Bourdieu), pois na situação exposta por Araújo (2006) deve-se atentar ao fato do turista comunicar-se pelo interesse em efetuar uma negociação, constitui-se uma tentativa de entrar em contato com uma finalidade comercial, ou seja, o propósito do encontro possui um interesse, não é totalmente espontâneo, desinteressado.

Mas além da discussão de interesse ou desinteressamento, o que privilegia-se aqui é o fato de avaliar se existe alguma possibilidade de se estabelecerem “laços de proximidade” (BAPTISTA, 2005)

Para Baptista (2007), o lugar comum é o resultado do verdadeiro encontro interpessoal, do acolhimento, da alteridade:

Ora, o imprevisível por excelência é, como sabemos, o outro ser humano. Quando duas subjectividades entram, efectivamente, em diálogo, entre um mesmo e um outro surge um “terceiro” que, à partida, estava ausente. Esse terceiro elemento é o “lugar comum”, a resposta extraordinária, a diferença desejada, a alternativa (BAPTISTA, 2007, p. 141).

Ainda para a autora, o lugar comum só se concretiza com uma boa dose de solidariedade:

Para que possamos falar em solidariedade não basta ser atento, aprendente e compassivo em relação a outros testemunhos de vida. Apoiada numa dinâmica de solicitude mútua, a relação solidária não se confunde com os gestos de indulgência saídos de um sujeito possuidor, benevolente e compadecido. É preciso fazer mais, saber entrar efectivamente em relação, dispondo-se a entregar e a ceder, seja o conhecimento, a terra, a casa, a posição ou o lugar. Para que possamos construir “um mundo com um lugar à mesa para todos”, como advoga Rui Marques (2005), é necessário saber partilhar, desde logo, a tarefa de “pôr a mesa”. O que, antes de mais, requer hospitalidade da razão, capacidade para gerar história conjunta podendo então, desse modo, fazer da grande mesa que é o mundo um lugar comum (BAPTISTA, 2007, p. 139-140).

Entende-se aqui que uma relação solidária exige dádiva, sacrifício na cessão do espaço e ao mesmo tempo estar aberto à diferença, aceitar o estranho e produzir um “ lugar comum”, algo novo e extraordinário (BAPTISTA, 2007).

Nas palavras da própria autora: “[...] Chamo relação solidária à relação que, suscitando aprendizagem recíproca, dá lugar a algo absolutamente único e insólito que, desse modo, funciona “como-um” [...] (BAPTISTA, 2007, p. 136-137)”.

Numa relação solidária não basta a existência da dádiva/ hospitalidade, o indivíduo deve ser/ estar na própria dádiva, deve entregar-se para que haja comunhão.

Conforme as idéias até aqui apresentadas, pode-se afirmar que tanto encontro como relação e relacionamento podem ser considerados atos de hospitalidade e dádiva, mas apenas uma relação solidária pode gerar frutos, um “lugar comum”, um vínculo social.

Baptista (2002; 2005; 2007) escreve sobre a hospitalidade como condição para que haja encontro com o outro, relação solidária com o próximo. Como visto, fala sobre “laços de proximidade”.

Bauman²¹ (2004) analisa a fragilidade dos laços humanos em sua obra “Amor Líquido”. Já no prefácio revela o propósito do livro:

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender. [...]

[...] Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se

²¹ Sociólogo polonês, atualmente professor emérito das universidades de Leeds e Varsóvia.

encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos - por decreto, e no topo de sua agenda existencial (BAUMAN, 2004, p.8-9).

O autor fala sobre a fragilidade dos relacionamentos, dos vínculos humanos e do mal estar que o homem moderno sofre, sobretudo, a antítese sentimental que varia dos aspectos positivos aos negativos presentes na manutenção dos relacionamentos. Esse cenário de incertezas é denominado pelo autor de modernidade líquida.

O homem moderno preza o prazer e o imediatismo em tudo, inclusive nos relacionamentos. Por isso os relacionamentos mais duradouros e que exigem riscos e compromissos, muitas vezes são vistos como custosos demais.

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam “impuras” as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido [...] (BAUMAN, 2004, p.65).

O peso do compromisso nos relacionamentos duradouros a que Bauman se refere, encontra sua lógica no que Camargo (2004) evidencia como as leis da hospitalidade na tríade dar-receber-retribuir, principalmente quando este revela que receber implica aceitar uma situação de inferioridade diante do doador, que quem recebe deve retribuir e que o dom deve ser recebido, aceito.

Para ele o dom pode ser aceito, mas com a preocupação de retribuir imediatamente, com a urgência de quem paga uma dívida e se livra da relação.

Por isso, este ato de receber não é tão simples e tantas dádivas são, às vezes, recusadas. A dádiva traz implícito um débito. Tudo se passa como se o donatário recusasse não a dádiva, mas a dívida, a obrigação de retribuir implícita no gesto de receber (CAMARGO, 2004, p. 23).

Aí se revela o peso dos relacionamentos duradouros a que Bauman (2004) se referiu, a dívida implícita no relacionamento duradouro é freqüentemente recusado pelo homem da modernidade líquida. Isso explica o sucesso dos relacionamentos virtuais. “O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais freqüentes e mais banais, mais intensas e mais breves” (BAUMAN, 2004, p.82).

A proximidade virtual diminui o peso do relacionamento, pois pode ser interrompido ao se apertar um botão.

A proximidade virtual reduz a pressão que a contigüidade não-virtual tem por hábito exercer. Ela também estabelece o padrão para todas as outras proximidades. Toda proximidade está agora no limite de medir seus méritos e falhas pelo modelo da proximidade virtual (BAUMAN, 2004, p. 82).

O problema engendrado com esse tipo de relacionamento, é que o mesmo passa a ser parâmetro para os demais. Outro fator que agrava essa predileção é o consumismo da modernidade, que pauta-se na aquisição, uso e descarte dos objetos conforme o surgimento de outro mais atual.

Nas palavras de Bauman (2004, p.96) o agravamento do distanciamento social é explicado em parte pelo consumismo:

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem em termos de seu “valor monetário”. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presença e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor.

Se a “solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo consumismo”, elemento tão característico da modernidade líquida, então a relação com o outro, o surgimento da terceira pessoa a que se refere Baptista (2005; 2007) e que depende da solidariedade, fica prejudicada antes mesmo que a possibilidade de encontro entre turistas e moradores locais possa ocorrer.

Essa assertiva ganharia êxito para o objeto de estudo a ser analisado se os encontros turísticos em Praia Grande fossem mediados pela prestação de serviços de agenciamento de viagens, ou seja, por uma relação de consumo, mas conforme evidenciado no capítulo 1 essa realidade parece distante, pois as residências secundárias ocupam cerca de 50% das construções do município, tipo de alojamento que necessariamente envolve um deslocamento voluntário dos turistas, sem intermediação de um prestador de serviço.

Bauman revela que o relacionamento da modernidade líquida é o que ele denomina “relacionamento puro”:

O “relacionamento puro” tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e se “continua apenas enquanto ambas as partes imaginam que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação” (BAUMAN, 2004, p. 111).

Em outras palavras, o “relacionamento puro” é bom e eterno enquanto dura a satisfação de um ou de ambos envolvidos na relação. É uma reprodução do individualismo característico da modernidade, da busca incessante pelo prazer, do hedonismo. O autor acrescenta:

[...] Se você sabe que seu parceiro pode decidir abandonar o barco a qualquer momento, com ou sem a sua concordância (tão logo ache que você perdeu seu potencial como fonte de deleite conservando poucas promessas de novas alegrias, ou apenas porque a grama do vizinho parece mais verde), investir seus sentimentos no relacionamento atual é sempre um passo arriscado. Investir fortes sentimentos na parceria e fazer um voto de fidelidade significa aceitar um risco enorme: isso o torna dependente de seu parceiro (embora devamos observar que essa dependência, que agora está se tornando rapidamente um termo pejorativo, é aquilo em que consiste a responsabilidade moral pelo Outro – tanto para Logstrup quanto para Levinas) (BAUMAN, 2004, p. 111-112).

Mais uma vez se retoma a questão do sacrifício presente nas relações de hospitalidade (CAMARGO, 2004) para analisar esse tipo de relação. No “relacionamento puro” o sacrifício é abandonado, pode existir a dádiva e contradádiva no relacionamento, mas somente enquanto essa troca for prazerosa, sem uma aceitação de inferioridade perante o outro ou obrigação de retribuição, ou seja, sem a criação de vínculos.

Parece existir aqui uma oposição de teorias. Para Baptista (2005; 2007) o relacionamento é o verdadeiro encontro com o outro, a busca da alteridade, o contato, a criação do lugar comum e da terceira pessoa por meio da relação, a criação de laços de proximidade, de vínculos sociais duradouros. Já Bauman (2004) fala de um tipo de relacionamento frágil, líquido, que retrata o individualismo, o hedonismo, o “relacionamento puro”, quase que uma sublimação da relação, características da modernidade.

Tal qual a justaposição realizada por Caillé (2006) entre as teorias de Derrida e Bourdieu, que propôs um conceito restrito de dom, infere-se aqui um conceito restrito de relacionamento.

Esse conceito restrito de relacionamento seria propício aos domínios social e privado da hospitalidade (LASHLEY, 2004). Isso significa que, por mais breve que seja um contato, por mais utilitário ou comercial que possa parecer (pedir informação para o morador, ligar para saber se o tempo no litoral está bom, etc. ou até mesmo no ato de fazer compras), não deixaria de ser uma hospitalidade ou uma relação.

2.1 Hostilidade e encontro turístico

De acordo com Montandon (2003, p. 131) “[...] A hospitalidade é sinal de civilização e de humanidade [...]”. Civilidade é o que diferencia o homem do selvagem. “A hospitalidade é uma maneira de viver em conjunto [...]” (MONTANDON, 2003, p. 132).

Para viver em conjunto é necessário evitar o conflito, o embate, nesse sentido a hospitalidade pode ser considerada um ritual de apaziguamento necessário para que a fronteira entre o eu e o outro gere uma relação positiva.

Para Montandon (2003, p. 133) a fronteira marca o limite da relação:

Tudo se inicia nessa soleira, nessa porta onde batemos e que vai se abrir apresentando uma figura desconhecida, estranha. Limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o externo e o interno, a soleira é a etapa decisiva comparável a uma iniciação. É a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, comporta *nolens volens*²² uma face de violência, de ruptura, de transgressão e mesmo de hostilidade, que Derrida chama de hostipitalidade. A soleira marca uma fronteira, uma passagem, e sua ultrapassagem implica tacitamente para o convidado a aceitação das regras do outro. A apropriação sobre o domínio do outro é um problema ao mesmo tempo de proximidade e de propriedade. *Território est terra plus terror*. Tal é a questão do próprio, daquilo que constitui minha identidade ao pertencer a um território, a um espaço onde outro aparece de uma maneira ou de outra como um intruso. O gesto de hospitalidade é, primeiramente, deixar de lado a hostilidade latente de qualquer ato de hospitalidade, pois o convidado, o estranho aparece freqüentemente como reservatório de hostilidade.

Se a própria presença do estranho é intrusiva e, portanto, hostil, a hostilidade nada mais é do que a outra face da relação. Conforme afirmação acima, a presença do estranho é o próprio limite, a partir do momento que ele avança a soleira da porta como convidado, ele deve aceitar as regras do outro, pois estará adentrando o território do anfitrião.

O desenrolar da história dirá o futuro da relação. Aceitando as regras da casa o convidado aceita a dádiva e, ao mesmo tempo, sua condição de inferioridade e obrigação em retribuir. Caso não aceite as regras, recusa-se também a dádiva, gerando “o mecanismo oposto da hospitalidade, a hostilidade” (CAMARGO, 2004).

Tudo funciona como um jogo do ritual social. Para Camargo (2004, p. 22) esse ritual deve ser dominado:

O sentido antropológico da etiqueta enquanto ritual de minimização da agressividade humana pode ser aqui sentido em toda a extensão. Estar à altura dessas situações exige o domínio do ritual social. A boa etiqueta [...] proporciona às pessoas a possibilidade de manter o vínculo social.

²² Em latim: querendo ou não.

Agressividade e hostilidade são conceitos próximos, pois conforme Camargo (2004, p. 21):

A hostilidade é a outra face da hospitalidade. É um risco também para quem dá como para quem recebe hospitalidade. Afinal, lembra Caillé, ir ao encontro de alguém era uma expressão contida no termo latino *adgredior* da qual resultou o nosso termo agressão.

Isso significa que o ato de ir ao encontro de alguém possivelmente resulte em agressividade/ hostilidade. Na literatura que define hospitalidade, encontra-se a conceituação sobre a sua outra possibilidade, a hostilidade (SELWYN, 2004). A respeito de estudos etnográficos Selwyn (2004, p. 27-28) afirma:

As práticas de hospitalidade em tais sociedades, porém, revelam uma outra de suas características gerais, a saber, uma afinidade próxima com seu oposto. Nas montanhas da Nova Guiné e na Amazônia, a hospitalidade se verifica em um dos extremos de uma série contínua, em que o conflito é sua outra extremidade. Ocasionalmente, as festas podem se converter em batalhas. A aceitação e a inclusão podem rapidamente se transformar em hostilidade, rejeição e até mesmo, expulsão. Mas, como Brown (1980) observou, no caso da festa e do conflito na Nova Guiné, essa aparente contradição não deveria surpreender, já que, reduzindo a termos simples, tanto a hospitalidade como a hostilidade subentendem a possibilidade oposta. Contudo (*en passant*, pode-se acrescentar), essa contradição em si revela uma continuidade, pois a hospitalidade e a hostilidade têm em comum o fato de que ambas são expressões da existência de um relacionamento e não de sua negação.

Percebe-se que o autor revela a hostilidade como um aspecto diferenciado da hospitalidade, mas que compõe uma unidade, pois embora contraditórias revelam uma continuidade presentes na existência de um relacionamento. E, ainda, sobre a hostilidade como outra face da hospitalidade Selwyn (2004, p. 36) coloca:

[...] uma das principais funções da hospitalidade é fazer amigos e se familiarizar com estrangeiros e inimigos. Esta menção serve para retirar das sombras a hostilidade, “irmã gêmea” da hospitalidade. Mas, a surpresa inicial de que a hostilidade e a hospitalidade poderiam se relacionar tão intimamente é diminuída pela constatação de que ambas são meios alternativos de expressar o relacionamento com o outro. Desse ponto de vista, o “oposto” de conceder hospitalidade não é tanto declarar guerra, mas apenas optar por ignorar a existência do outro.

Neste trecho fica claro que o autor considera a hostilidade como a outra face de um relacionamento, revela a hospitalidade e a hostilidade como “irmãs gêmeas”. Acrescenta também que “declarar guerra” não seria o oposto da hospitalidade, mas uma faceta da relação. E encerra afirmando que o oposto da hospitalidade é, na verdade, a indiferença, o ato de ignorar a existência do outro.

Tal atitude, se considerada à luz de Baptista (2002) acerca da hospitalidade como sinônimo de encontro, pode ser identificada como seu oposto e, portanto, como um desencontro.

O fato do relacionamento entre turista e morador local resultar em desencontro, em virtude da indiferença que se estabelece, opõe-se ao conceito de encontro como sinônimo de hospitalidade dado por Baptista (2002). Esta oposição fica clara numa situação de encontro entre turistas e moradores locais que nunca se viram antes. Ao se recusar a dádiva ou simplesmente ignorar o outro, estabelece-se a hostilidade que não dará margem ao vínculo social.

Já no caso de hostilidade entre moradores locais e turistas de segunda residência que se encontram em várias ocasiões repetidamente, ela pode significar apenas uma face da relação.

3 PROCESSAMENTO DA PESQUISA

Este capítulo trata do método da pesquisa utilizada em campo e a análise dos dados coletados com o objetivo de identificar como se dão as relações entre turistas de segunda residência e moradores locais em Praia Grande.

Optou-se pela utilização da análise de conteúdo. Para Bauer (2003, p. 191) a análise de conteúdo: “[...] Ela é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. [...]”. A construção do material a ser utilizado para esse tipo de análise também é importante, é o que se denomina de *corpus*.

Podemos distinguir dois objetivos básicos da análise de conteúdo ao refletir sobre a natureza tríplice da mediação simbólica: um símbolo representa o mundo; esta representação remete a uma fonte e faz apelo a um público (Buehler, 1934). Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos. Se enfocarmos a fonte, o texto é um *meio de expressão*. Fonte e público são o contexto e o foco de inferência. Um *corpus* de texto é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. Sob esta luz, o resultado de uma AC é a variável dependente, a coisa a ser explicada. Textos atribuídos contêm registros de eventos, regras e normas, entretenimento e traços do conflito e do argumento. A AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compara-los entre comunidades. Em outras palavras, a AC é pesquisa de opinião pública com outros meios (BAUER, 2003, p. 192).

Conforme revelado, fonte e público são importantes para a inferência. Nesse sentido, o texto escrito não se constitui na única fonte. Outra fonte importante para a construção do *corpus* é a entrevista, técnica que aqui será empregada.

Aarts e Bauer (2003) discutem a questão da representatividade nas pesquisas qualitativas tomando como exemplo as pesquisas quantitativas e estatísticas. Ou seja, neste tipo de pesquisa a representatividade fica clara, mas deixa a desejar em termos de qualidade, de profundidade da análise. Revelam ainda que a discussão sobre representatividade absoluta na pesquisa qualitativa é uma discussão improdutiva, mas traçam parâmetros a serem perseguidos. Relatam que o resultado desejado é alcançado pela composição de elementos conhecidos (estratos sociais, funções e categorias) para se atingir elementos desconhecidos e utilizados nas análises (representações sociais):

[...] O espaço social é desdobrado em duas dimensões: estratos ou funções, e representações. A dimensão horizontal abrange os estratos sociais, funções e categorias que são conhecidos e são quase que parte do senso comum: sexo, idade, atividade ocupacional, urbano/rural, nível de renda, religião e assim por diante. Estas são as variáveis segundo as quais os pesquisadores sociais geralmente

segmentam a população; elas são externas ao fenômeno concreto em questão. O principal interesse dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. Esta é a segunda dimensão, ou dimensão vertical de nosso esquema. Esta variedade é desconhecida e merece ser investigada. As representações são relações sujeito-objeto particulares, ligadas ao meio social. O pesquisador qualitativo quer entender diferentes ambientes sociais no espaço social, tipificando estratos sociais e funções, ou combinações deles, juntamente com representações específicas. [...] (AARTS;BAUER, 2003, p. 56-57).

Nesse sentido a técnica aqui empregada é a entrevista individual que obteve como base de seleção de entrevistados os estratos sociais, funções e categorias, a saber: ter mais de dezoito anos, morar com a família em um dos bairros situados dentro do território turístico de Praia Grande e possuir profissões diferentes.

Ao que se refere ao extrato social, destaque-se que a profissão, é essencial no relacionamento com o turista. Dependendo do cotidiano do morador e isso inclui sua atividade profissional, ele tenderá a ter uma relação mais ou menos harmoniosa com o turista. Por exemplo, um comerciante que lida diretamente com o turista aprovará a sua presença, pois o seu sucesso mercantil depende da presença dele. Já um profissional da área da saúde, tende aumentar seu serviço na alta temporada, podendo não gostar dessa situação de maneira que isso também se reflita na qualidade do relacionamento que estabelece com os turistas.

Por esse motivo selecionaram-se três tipos de profissionais: uma profissional da área da saúde, um comerciante que depende indiretamente da atividade turística (revende materiais recicláveis) e uma funcionária pública que trabalha na Secretaria de Turismo.

Já as representações sociais a respeito do relacionamento entre moradores e turistas de segunda residência, ao serem inferidas no momento da entrevista contaram com a seleção de tópicos-guias. As entrevistas foram gravadas, exceto os tópicos guias complementares (expressos no quadro 6) que tiveram que ser questionados por telefone e foram transcritos a medida que os entrevistados respondiam.

Os tópicos-guias foram elaborados antes da realização das entrevistas, entretanto, de acordo com a experiência vivencial de cada indivíduo, no momento da entrevista foram surgindo outros temas/ informações relevantes ao objetivo da pesquisa, levando a realização de mais perguntas. Dada a natureza dessa técnica, por sua característica dinâmica, foi possível incorporar o assunto ao tópico guia.

De acordo com Gaskell (2003), o tópico guia deve ser planejado com antecedência, mas pode mudar no decorrer da pesquisa. Sobre o assunto acrescenta:

O tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tornar escravo dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. O entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecem na discussão. E isto deve levar à modificação do guia para subseqüentes entrevistas. Do mesmo modo, à medida que uma série de entrevistas for acontecendo, alguns tópicos que estavam anteriormente na fase de planejamento, considerados centrais, podem se tornar desinteressantes, até mesmo devido a razões teóricas, ou porque os entrevistados têm pouca coisa ou nada a dizer sobre eles. Finalmente, à medida que o estudo progride, o entrevistador pode criar algumas hipóteses exploradas com uma forma diferente de investigação. Em síntese, embora o tópico guia deva ser bem preparado no início do estudo, ele deve ser usado com alguma flexibilidade. Uma coisa importante: todas estas mudanças devem ser plenamente documentadas com as razões que levaram a isso (GASKELL, 2003, p. 67).

Por conta dessa possibilidade, elaborou-se um quadro com tópicos guias para cada entrevistado. Mas antes de descrever cada tema previsto nos tópicos guias e seus objetivos é necessário caracterizar os entrevistados. Foram selecionadas apenas três pessoas para a realização das entrevistas, o número justifica-se pela natureza da pesquisa assumir um caráter qualitativo e pela utilização da técnica de análise de conteúdo acompanhada da entrevista em profundidade, que exige esforço para compreender a percepção do entrevistado.

Outra justificativa para o número reduzido de entrevistas relaciona-se com o pressuposto de pesquisa de que a profissão do entrevistado influencia nas respostas. Nesse sentido buscou-se um entrevistado que tenha contato direto com os turistas e obtenha seu sustento relacionado a atividade turística, um que não dependa diretamente da atividade turística e um que sofra influência direta em seu cotidiano devido ao aumento repentino de pessoas no município. Seguindo essa linha de raciocínio, os três entrevistados moram com a família em diferentes bairros do território turístico de Praia Grande e possuem profissões distintas.

A funcionária da Secretaria de Turismo tem quarenta e dois anos de idade, vive há vinte e dois anos na Praia Grande e mora entre os bairros de Vila Mirim e Vila Caiçara. Na ocasião da primeira entrevista estudava Turismo na faculdade do município.

O comerciante de materiais recicláveis vive em um dos bairros mais nobres do município e dentro do território turístico, o Forte. Embora seu trabalho aumente nos períodos de temporada, pois quanto maior o volume de pessoas maior o lixo gerado no município, constitui-se num tipo de comércio que não entra em contato direto com os turistas. Possui trinta e seis anos, ensino superior completo com formação na área de Turismo e vive na Praia Grande desde os oito anos de idade.

A auxiliar de enfermagem mora com a família num condomínio à beira-mar no bairro Cidade Ocian que possui cento e dez apartamentos, dos quais apenas seis são ocupados por moradores, os demais cento e quatro apartamentos são intensamente freqüentados por turistas na alta temporada. Natural da Praia Grande, possui trinta e um anos de idade, tem uma filha e é viúva. Sempre quis trabalhar na área da saúde, possui cursos técnicos como o de instrumentação cirúrgica e encontra-se em fase de conclusão da graduação em Enfermagem, no município de Santos.

A seguir descrevem-se os tópicos guias e os objetivos de cada tema que fundamentaram a realização da entrevista com a funcionária da Secretaria de Turismo.

O objetivo principal das entrevistas é saber como cada um se relaciona com o turista em nível pessoal. Pretende-se avaliar também se a profissão do entrevistado influencia nessa relação. Por esse motivo foram incluídas e destacadas das entrevistas algumas questões que levam em consideração a Instituição onde o entrevistado trabalha, no intuito de efetuar posterior análise sobre a postura da Instituição e se esta afeta na opinião do indivíduo. Essas questões podem ser observadas com maior evidência na entrevista da funcionária da Secretaria de Turismo, por representar também em alguns momentos a administração pública do setor turístico.

Temas	Objetivo
A grande concentração de visitantes e turistas na alta temporada e a sazonalidade da demanda turística.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista na alta temporada.
Os efeitos da reurbanização da orla marítima e a readequação da infra-estrutura do município.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista.
Ações da administração pública com relação ao excursionista.	Identificar o papel do poder público em relação ao excursionista.
O cotidiano do morador na alta temporada.	Saber se a alteração do cotidiano irrita o morador a ponto de justificar um sentimento negativo para com o turista.
As relações de vizinhança com o proprietário de segunda residência em Vila Caiçara.	Identificar a modalidade de relação que se estabelece com o turista de segunda residência.
Sobre a inflação dos preços ocasionada pela sazonalidade turística.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista em virtude da oscilação de preços na temporada.
A dependência econômica do turista.	Identificar a modalidade de sentimento no relacionamento com o turista, em virtude da dependência econômica do turismo.
Sobre a limpeza pública.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista por conta da poluição.
Espaços de sociabilidade dos moradores.	Identificar se existe algum espaço de sociabilidade exclusivo para moradores.
Convivência com os turistas.	Identificar como é a relação com os turistas de segunda residência.

Quadro 3 – Tópicos guia da entrevista com a funcionária da Secretaria de Turismo

Nesta entrevista surgiram alguns tópicos ao longo da conversa que não foram previstos: ações da administração pública frente ao turista de um dia e as relações de vizinhança com o turista de segunda residência da Vila Caiçara.

A relação de vizinhança com o turista de segunda residência da Vila Caiçara foi um tópico que também surgiu espontaneamente e remete-se justamente ao fato da entrevistada ter deixado claro em seu discurso a existência de diferenças no tratamento/ relacionamento com os turistas de acordo com seu tipo.

A seguir, identificam-se os tópicos guias na entrevista realizada com o proprietário de um comércio de material reciclável. Embora essa atividade tenha picos de produtividade no período de alta temporada, afinal de contas o aumento da geração de lixo é conseqüentemente maior nesse período, caracteriza-se por não atender diretamente o turista.

Temas	Objetivo
A grande concentração de visitantes e turistas na alta temporada e a sazonalidade da demanda turística.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista na alta temporada.
Os efeitos da reurbanização da orla marítima e a readequação da infra-estrutura do município.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista.
Os turistas e a educação.	Identificar a modalidade de atitude perante os turistas e à atividade turística.
Sobre o comportamento do turista.	Objetiva identificar a modalidade de sentimento em relação aos turistas e seu comportamento.
Sobre a inflação dos preços ocasionada pela sazonalidade turística.	Identificara modalidade de sentimento em relação ao turista em virtude da oscilação de preços na temporada.
A dependência econômica do turista.	Identificar a modalidade de sentimento no relacionamento com o turista em virtude da dependência econômica do turismo.
Sobre os efeitos da sazonalidade, o colapso dos serviços.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista na alta temporada.
Sobre a necessidade de ganhar mais dinheiro na temporada.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista por conta do aumento de preços na temporada.
Sobre como se abastecer e preparar-se para o período mais crítico.	Identificar a modalidade de sentimento relativo ao turista por conta do aumento do consumo na alta temporada.

Quadro 4 - Tópicos guia da entrevista com o comerciante que não atende diretamente o turista

Nesse caso não surgiu nenhum tópico guia diferenciado do roteiro original.

Em seguida encontram-se os tópicos guias para a realização da entrevista com a profissional da área da saúde.

Temas	Objetivo
A grande concentração de visitantes e turistas na alta temporada e a sazonalidade da demanda turística.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista na alta temporada.
Sobre a violência.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista a ponto de culpá-lo pelo aumento da violência.
Sobre a presença de turistas.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista.
Os efeitos da reurbanização da orla marítima e a readequação da infra-estrutura do município.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista.
Sobre o comportamento do turista.	Objetiva identificar a modalidade de sentimento em relação aos turistas e seu comportamento.
Sobre a inflação dos preços ocasionada pela sazonalidade turística.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista em virtude da oscilação de preços na temporada.
Sobre como se abastecer e preparar-se para o período mais crítico.	Identificar a modalidade de sentimento relativo ao turista por conta do aumento do consumo na alta temporada.
A dependência econômica do turista.	Identificar a modalidade de sentimento no relacionamento com o turista em virtude da dependência econômica do turismo.
Sobre a poluição.	Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista por conta do alto fluxo na temporada.

Quadro 5 - Tópicos guia da entrevista com a profissional da área da saúde

Nesta entrevista devido a identificação de sentimento negativo em relação ao turismo de maneira generalizada por conta dos excessos de fluxos na alta temporada, dois novos tópicos guias surgiram: sobre a violência e o incômodo causado pela presença do turista.

Ainda que tenha surgido uma série de informações nas entrevistas que trouxeram respostas ao propósito da mesma, optou-se por realizar mais três perguntas aos moradores de cunho mais específico, com o intuito de tornar a análise do material coletado em campo mais profícua. Ressalta-se também que essa necessidade apareceu como resultado das reflexões teóricas desenvolvidas ao longo do trabalho.

É importante destacar que essas três perguntas foram realizadas posteriormente, por telefone, com cada entrevistado. A seguir encontram-se descritas as perguntas e seus propósitos teóricos.

Perguntas	Objetivos
1 - Como se relaciona com os turistas que passam a temporada em suas casas de veraneio no município de Praia Grande e qual a modalidade desse relacionamento?	Identificar a existência de vínculos no relacionamento entre turistas de segunda residência e moradores.
2 - A modalidade de comportamento do turista de segunda residência: relacionamento e nível de aproximação.	Verificar se o morador percebe alguma atitude de apaziguamento por parte do turista de segunda residência.
3 - A preservação do contato após dõo retorno do turista Por exemplo: telefonemas, encontros na cidade de origem do turista, refeições compartilhadas, etc.	Verificar a permanência do vínculo por meio de contradádivas e retribuições.

Quadro 6 - Tópico guia complementar

3.1 Análise das entrevistas

Embora os tópicos guias tenham sido apresentados separadamente, para efeito de análise e de comparação entre as respostas dos entrevistados, encontram-se descritas conjuntamente, pois em alguns momentos, conforme a compreensão dos entrevistados, as respostas se repetiram.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista na alta temporada.
Funcionária Pública	Diz que isso irrita o morador.
Comerciante	Não apresentou sentimento negativo.
Profissional da área da saúde	Não apresentou sentimento negativo. Mas se revelou incomodada pelo aumento de volume de trabalho que tem.

Quadro 7 - Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista na alta temporada

Na entrevista concedida pela funcionária pública é possível constatar que a concentração de pessoas na alta temporada irrita o morador. No entanto, ela coloca isso como se fossem os outros e não ela. Repare na transcrição do trecho abaixo:

*Fila no supermercado, falta de água, filas na padaria, supermercados você não encontra nada para comprar, a cidade, você não anda, ela pára, entendeu? É isso que acontece. Bom, você imagina, de 250.000 habitantes pula para 1.500.000, a cidade não tem infra-estrutura pra tudo isso [...]
 [...] O morador se irrita... o morador irrita [...]
 [...] É, é pesado, mas é assim é aquele pesado, mas muitos dos moradores eles vivem dos turistas, então pra alguns é muito bom isso, então, o quê que acontece? Em Praia Grande o movimento é assim até outubro [refere-se ao movimento do mês de julho, momento em que ocorria a entrevista] novembro. A população, os moradores, a comunidade, eles se abastecem pra quando chegar dezembro, final de dezembro que é onde dá o boom do movimento eles já estarem com freezer,*

geladeira, tudo abastecido pra não ter que ir no supermercado, não ter que ir em lojas, entendeu? É isso o que acontece em Praia Grande. [...] E isto é comum, já virou rotina. A única coisa que ainda atrapalha, que nem agência bancária, isso não tem como você prever, fazer antes do tempo. Chega a acabar dinheiro em agências bancárias, muitas vezes já chegou a acabar gasolina no posto de gasolina. E muitas pessoas não falam [...]”²³(funcionária pública, 42 anos)

Nota-se ainda que, apesar de achar o fardo “pesado”, lembra-se que existem pessoas que sobrevivem do turismo, aliás, como ela, que é funcionária da Secretaria de Turismo. È também nesse trecho que aparece a questão da necessidade de abastecimento como recurso de sobrevivência do morador no período da alta temporada. Por esse motivo, decidiu-se incluir como tópico guia para os demais entrevistados a questão do abastecimento.

A mesma funcionária revela seu sentimento de insatisfação quando não consegue evitar as filas, principalmente nos bancos e nos postos de gasolina, coloca isso como “inevitável”. È interessante a fala da entrevistada que reforça a questão da opinião do morador. Ela afirma que “muitas pessoas não falam”, mas essa situação irrita. Na verdade ela atribui ao outro um sentimento que também é dela, mas que não deve revelar, principalmente pelo cargo que ocupa.

Já o comerciante de materiais recicláveis revela que existe alteração em seu cotidiano, mas parece conformar-se, afinal de contas vive numa cidade turística. Repare na transcrição do trecho abaixo:

Tem alterações no meu ritmo, tem alterações nos meus hábitos de consumo, tem alterações nos trajetos que eu faço, tem alterações na minha programação de final-de-semana, tem uma série de alterações. Mas o que cabe a mim como munícipe é não me alterar. É muito pouco tempo, o resto do ano eu tenho o ano inteiro pra fazer essas coisas. A minha vida normal é o ano inteiro. Dias excepcionais são esses e nos dias excepcionais eu tenho novas rotinas.(comerciante, 36 anos)

A profissional da área da saúde, auxiliar de enfermagem, indica o incremento do movimento no pronto-socorro, mas não revela nenhuma rejeição ao turista ou ao turismo por isso.

Quanto ao fato da obra de reurbanização da orla marítima ter sido benéfica para a cidade, é unanimidade. Nenhum entrevistado apresentou sentimento negativo em relação a isso, no que concerne ao fato da obra ter ampliado ainda mais o fluxo turístico e, conseqüentemente, a convivência com mais turistas.

²³ Visando diferenciar as transcrições das entrevistas das citações bibliográficas adotou-se o recurso itálico.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista.
Funcionária Pública	Aprova as mudanças estruturais, mas revela que o lado “mais tranquilo da cidade” é melhor para “conviver” com o turista.
Comerciante	Não apresentou sentimento negativo.
Profissional da área da saúde	Não apresenta sentimento negativo. Mas revela a existência de dois lados na atividade turística, um positivo e um negativo, afirmando que para quem trabalha na área da saúde é mais negativo.

Quadro 8 - Os efeitos da reurbanização da orla marítima e a readequação da infra-estrutura do município.

No entanto, a funcionária pública e a auxiliar de enfermagem colocaram questões a serem analisadas. Reproduz-se a seguir o trecho da entrevista com a funcionária pública:

A praia, agente tinha ônibus parado na areia da praia, esgoto correndo a céu aberto. Hoje a gente tem a orla toda urbanizada. O turista, não teve uma distribuição equitativa do turista. Então, esse lado aqui da Prefeitura [local da entrevista] pro Boqueirão é a parte onde a cidade ainda é turística. O outro lado da cidade, ainda é uma cidade mais calma, mais tranqüila. Embora na sazonalidade, na temporada, ela fique cheia, você ainda consegue conviver. Só que você não tinha asfalto, não tinha pra onde correr, não tinha hospital, não tinha nada em Praia Grande. Então a partir do momento que passou a ter o horário turístico, aí sim a Praia Grande modificou bastante. Hoje você viu na beira da praia? Modificou a nossa orla urbanizada. (funcionária pública, 42 anos)

Percebe-se que a funcionária pública aprova as intervenções realizadas pela prefeitura, mas deixa escapar a informação de que um lado da cidade, que inclui os bairros de Vila Mirim, Vila Caiçara, Flórida e Solemar, pelo fato de terem sido contemplados com a obra de reurbanização da orla marítima posteriormente ao “lado turístico”²⁴, ainda conserva uma convivência agradável com o turista. Infere-se que isso significa que a convivência com o turista do outro lado não é.

Ainda que não seja este o objetivo desta pesquisa, cabe ressaltar que em pesquisa anterior (FERNANDEZ,2000) acerca da influencia da reurbanização no relacionamento entre turistas e moradores²⁵ foi possível identificar que o município já sofria com os impactos negativos gerados pelo turismo antes da realização da obra, pois a maioria dos impactos foram identificados nos bairros de Cidade Ocian (já reurbanizado) e Vila Caiçara (não reurbanizado). Na época não foi possível observar nenhuma alteração no relacionamento, mas de acordo com a afirmação da funcionária pública, percebe-se essa diferença. Em parte isso se deve ao fato de tradicionalmente, a Praia Grande ser mais conhecida, mais habitada por moradores e turistas nos bairros próximos ao Boqueirão. Dados que comprovam essa

²⁴ Porção que inclui os bairros de Cidade Ocian, Vila Tupi, Aviação, Guilhermina, Boqueirão e Forte.

²⁵ Na ocasião, a orla ainda não havia sido reurbanizada em toda sua extensão, por este motivo foram selecionados como objetos de estudos dois bairros: um onde a obra já havia sido concluída (Cidade Ocian) e um onde a obra ainda não havia chegado (Vila Caiçara).

população maior seja em número de moradores ou em números absolutos de residências secundárias foram colocados no capítulo 1 deste trabalho.

Já a auxiliar de enfermagem, embora não tenha apresentado rejeição direta ao turista demonstrou-se irritada com a sobrecarga de trabalho nos períodos da alta temporada. Repare na transcrição abaixo:

É... eu preferia a cidade de antigamente porque não era tanto movimento. Mas a cidade era muito feia, né? Assim, o prefeito que entrou, ele é um construtor, o prefeito que está no momento. Ele é construtor, então pra ele é melhor ele melhorar a cidade, deixar a cidade bastante bonita que é pra ele vender os apartamentos que ele constrói. Porque ele constrói muito prédio, tem que vender os apartamentos e com isso aumentar o número de turistas, né? Na cidade. Então assim... eu preferia porque não vinha tanta gente pra cidade. Mas só que agora a cidade ficou muito mais bonita, né? Os pronto socorros inclusive, né? Eram horríveis e não tinham estrutura para atender ninguém. Hoje em dia os pronto socorros são bons. Têm bom atendimento, prestam um bom atendimento, mesmo para os turistas. [...]

[...] Houve uma melhora pra cidade em si em questão de rendimentos. Rendimentos , né? rendimentos pra ... na parte de comércio, assim pros comerciantes é muito bom, né? Agora, assim pra agente da área da saúde, acho que fica ruim é que fica muito sobrecarregado, né? Sobrecarrega muito.(auxiliar de enfermagem, 31 anos)

Embora não tenha revelado um sentimento negativo direto ao turista, afirmou que preferia como era antes justamente por causa da presença de menos turistas. Em outras palavras, infere-se que o turista irrita; talvez não a ponto de afetar algo na relação com ele, mas sua presença incomoda.

Afirmou também que aprova a reurbanização da cidade, que ficou mais bonita, inclusive houve reformas nos pronto-socorros. E crê que tenha aumentado o rendimento dos comerciantes, mas não para o profissional da saúde.

O tema “ações da administração pública frente ao turista de um dia” foi aplicado apenas a funcionária pública, pois conforme mencionado, este tópico tem a finalidade de entender a postura da administração pública do setor de turismo e se a mesma influencia na opinião da entrevistada.

Entrevistados	Objetivo: Identificar o papel do poder público em relação ao excursionista.
Funcionária Pública	Revela um certo preconceito para com o turista de um dia e se vangloria da política adotada para controlar as excursões.
Comerciante	-
Profissional da área da saúde	-

Quadro 9 - Ações da administração pública com relação ao excursionista.

Faz-se necessário reproduzir um trecho da transcrição da entrevista com a funcionária:

Agente não pode impedir o direito de ir e vir do cidadão. Só que assim, o quê que o prefeito fez? Ele controlou essa entrada.

Ônibus de turismo pode entrar na cidade. Só que... ele tem que estar cadastrado em uma colônia de férias onde ele vai ficar estacionado. E as pessoas do ônibus vão ficar hospedadas na colônia de férias. Se ele vier aqui para ficar um dia, ele vai ter que entrar em contato com a colônia para poder utilizar banheiro, sanitário, tudo direitinho, para não poder defecar na praia, não fazer a limpeza do ônibus na via pública, ele tem que estar estacionado num lugar onde ele possa estar limpando aquele ônibus.(funcionária pública, 42 anos)

Embora, mais uma vez, não seja diretamente o objetivo da análise aqui proposta o de investigar a postura política da administração municipal quanto ao turista de um dia, tal assunto foi tratado ao decorrer do trabalho e surgiu durante a entrevista. Nesse sentido infere-se que existe uma ação que visa proporcionar alguma modalidade de lazer para o público excursionista, diferente do estudo realizado por Rubino (2004) sobre Bertiooga.

Entretanto, a caracterização que a funcionária faz desse turista corresponde a representação social do farofeiro realizada pela autora, de que o mesmo possui baixo poder aquisitivo, é o responsável pela sujeira na praia, “[...] pois por não terem educação e/ou conscientização não recolhem o lixo produzido ao seu redor. Outra característica é que estão em grupos e não respeitam o espaço público e/ou privado e as pessoas[...]” (RUBINO, 2004, p. 41).

Na medida em que a entrevista foi se desenvolvendo os depoentes revelaram seus sentimentos. Foi o que aconteceu ao perguntar aos entrevistados sobre o cotidiano do morador na temporada, conforme pode ser identificado na tabela abaixo.

Entrevistados	Objetivo: Saber se a alteração do cotidiano irrita o morador a ponto de justificar um sentimento negativo para com o turista.
Funcionária Pública	Sim. Apresenta sentimentos negativos em relação ao turista
Comerciante	Afirma que uma coisa ou outra chateia, mas não apresenta sentimento negativo por causa disso
Profissional da área da saúde	Sim. Além de se irritar com a superlotação do pronto socorro, apresenta sentimentos negativos.

Quadro 10 - O cotidiano do morador na alta temporada

Nesse momento da entrevista a funcionária pública fez uma revelação importante:

Não são todos os turistas que são mal educados. Mas aqui é assim... a turma de São Paulo vem pra cá. Eles vêm pra cá eles pensam: Bom, eu estou de férias, naquela cidade é minha cidade de férias. Então eu estou lá a vontade e eu posso escutar rádio até 3, 4 horas da manhã. Eu posso fazer bagunça na rua. Eu posso tomar cerveja na rua como se eu estivesse na minha casa. Só que aí eles têm que entender que a cidade tem moradores. E têm uns que não entra isso na cabeça deles. Pra eles, eles estão de férias. Agora, tem aquele coitado que mora lá do lado da casa dele que tem que acordar no outro dia 6 horas da manhã pra trabalhar. [...]

[...] Não têm respeito. Eles acham que são os donos da cidade. Eles pensam: Ah! Eu posso, eu tenho uma casa lá e eu tenho outra aqui. Então eu sou melhor do que

você, que tem uma só aqui. É bem por aí mesmo. É o caso da segunda residência, né?(funcionária pública, 42 anos)

Identifica-se aí que a funcionária afirma que não é o caso de todos os turistas, mas àqueles a que ela se referiu (e ficou difícil de identificar qual foi), reclamou do desrespeito deles para com o morador por causa do barulho, bagunça que fazem até tarde. Mas o mais interessante é perceber que uma pessoa que trabalha para o turismo na cidade tenha a crença de que os turistas “se sentem melhores” que os moradores. Revela-se aí um sentimento negativo, nada amigável, até mesmo hostil em relação ao turista. E pior, se contradiz ao afirmar que é o caso da segunda residência. Até então a funcionária apresentava um discurso favorável ao turista de segunda residência, fazendo distinção entre este e o que fica pouco tempo ou que não desenvolve a mesma relação de amizade com os moradores.

Tal análise permite inferir que o interesse na atividade turística por parte da funcionária é puramente econômico, visto que apresenta tais sentimentos que parecem não permitir uma pessoa a estar aberta a alteridade, condição necessária ao encontro conforme a contribuição de Baptista (2005).

A auxiliar de enfermagem também apresentou sentimentos negativos em relação ao turista nessa altura da entrevista:

*A maioria é mal educada. Eles chegam aqui e acham que são donos da cidade. Acham que porque estão aqui eles chegam aqui e parece que assim, abriram as porteiças e jogaram os bois pra fora, entendeu? Porque eles chegam detonando tudo, eles destroem tudo e.. sabe? É uma bagunça generalizada, realmente [...]
 [...] Alguma coisa que acontece, vamos dizer, antes dos turistas irem embora pra São Paulo, é... acabam passando no pronto socorro porque. Ah... porque ta vomitando, eles querem entrar na frente, querem passa na frente. Ah porque eu tenho que ir embora então eu tenho que passar na frente com meu filho, meu filho está passando mal e eu vou embora agora e eu preciso passar, entendeu? Então arma o barraco no pronto-socorro na verdade falta alguma coisa
 Agora outra situação não me lembro, mas acontece muita coisa. É que eu não sei te dizer agora no momento, uma outra coisa que tenha acontecido assim [...]
 [...] Os turistas são arrogantes. Não todos, mas a maioria, eles não têm educação mesmo. Chegam aqui, aí vão pro mercado, tudo... compram as coisa que têm que comprar. E muitos deles bebem demais, né? Excede o álcool, aí é briga na rua no trânsito, é briga em todos os lugares que nem no pronto socorro, nas farmácias, na padaria, em todos os lugares eles arrumam briga, porque estão bêbados e se sentem os donos do mundo, né? (auxiliar de enfermagem,31 anos).*

Assim como a funcionária pública, a auxiliar de enfermagem utilizou o termo “donos da cidade” para designar o comportamento do turista. Referiu-se na verdade ao que Krippendorff (2003) denomina de “comportamento de exceção”.

Embora já se tenha alertado que o tipo de relação aqui analisada seria focada entre moradores e turistas de segunda residência e que Krippendorff (2003) trata de outra situação, a de pacote turístico, a comparação é inevitável:

A motivação egocêntrica do turista determina um outro aspecto característico do seu comportamento pelo qual a viagem tende a tornar-se um fenômeno agressivo, abusivo e colonialista: “atenção, chegamos!”. Longe de casa, o turista sente-se, enfim livre. Não precisa mais atentar para certas normas. Pode fazer o que lhe aprouver, vestir-se, comer, gastar, fazer as bagunças que há tempos queria fazer... pelo menos uma vez pode “revelar-se” de verdade. Pouco importa o que os outros vão pensar... ele pagou, não é mesmo? Assim, um ambiente estranho muitas vezes atua como um libertador sobre o turista, o qual demonstra um comportamento que, em seu país, no meio familiar ou no trabalho, seria qualificado de incomum e sofreria sanções. Longe de suas casas, os turistas acham que são pessoas especiais e se comportam como tais. Eles rompem o jugo das regras da rotina diária e nem sempre estão dispostos a submeter-se às diversas normas do país visitado. Eles se esquecem das boas maneiras. É o reino do “vamos aproveitar porque amanhã iremos embora”. Ninguém se sente responsável. É o egoísmo que prima. E pode ser especialmente desagradável se grupos inteiros vierem a se comportar dessa forma! (KRIPPENDORF, 2003, p. 55).

Tais idéias desenvolvidas pelo autor parecem ser retratadas pelas moradoras nos dois últimos trechos transcritos de suas entrevistas. Krippendorf (2003) não acredita na possibilidade de encontro na atividade turística, será que as entrevistadas acima acreditam?

Quando questionada a respeito de alguma situação que o turista tenha sido mal educado com a funcionária do pronto socorro, descreve a situação de pessoas que passam mal e têm pressa para subir a serra, querem ser atendidas logo, sendo mal-educadas nessa situação. Fora isso não soube identificar outra situação. Tal atitude pode indicar uma pré-disposição a evitar o turista, funciona como uma rotulação. E nesse caso percebe-se até mesmo o que a funcionária pública nos relatou em outro momento, que para os moradores, turistas são todos de São Paulo, não importa a origem.

Enfim, nota-se nitidamente um sentimento negativo em relação ao turista.

O tema a seguir foi destacado a partir da entrevista realizada com a funcionária da Secretaria de Turismo.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de relação que se estabelece com o turista de segunda residência.
Funcionária Pública	Apresenta aspectos positivos na relação.
Comerciante	-
Profissional da área da saúde	-

Quadro 11 - As relações de vizinhança com o proprietário de segunda residência em Vila Caiçara

A funcionária pública elogia os turistas de segunda residência de Vila Caiçara porque vê neles simpatia, retornam constantemente a cidade possibilitando um relacionamento mais duradouro e têm maior poder aquisitivo.

Eu falo assim, que a cidade fica meio dividida. Vila Caiçara é um local onde os turistas, você percebe que eles são de melhores condições financeiras. E é um pessoal muito gente boa.

É um turista de segunda residência, eles têm segunda residência na cidade. E eles são assim, aquele pessoal sociável. Onde te vê assim. Não que nem te conhece. Agente frequenta muito a feirinha do Caiçara, porque agente está lá todo final de semana fazendo pesquisa, essas coisas. Eles passam, pros barraqueiros: Oi, como é que ta? Tudo bem? É aquela, sabe aquela convivência que já parece... de 10, 11 anos, são amigos já de moradores da cidade.(funcionária pública, 42 anos)

Nota-se mais uma vez que a questão financeira é ressaltada pela entrevistada, bem como o fato de cumprimentarem os comerciantes da feirinha de artesanato.

Essas relações de camaradagem são ressaltadas por Godbout (1999) como uma forma de circulação de dádiva.

Ainda que a funcionária pública tenha preferência por esse tipo de turista porque ele traz benefício econômico para a cidade, pode ser considerada como dádiva a sua relação com eles, pois de acordo com Camargo (2004) toda dádiva traz implícita consigo um interesse.

Quando questionados a respeito da inflação ocasionada pela alta demanda nos períodos de pico de turistas na cidade, os entrevistados apresentaram diferentes opiniões, conforme exposto na tabela abaixo.

Entrevistados	Objetivo: Identificara modalidade de sentimento em relação ao turista em virtude da oscilação de preços na temporada.
Funcionária Pública	Coloca a culpa nos comerciantes.
Comerciante	Não revela sentimento negativo por causa disso.
Profissional da área da saúde	Atribui a culpa ao turista.

Quadro 12 - Sobre a inflação dos preços ocasionada pela sazonalidade turística

Conforme observa-se no quadro 12, a funcionária pública revelou que a culpa é do comerciante, inclusive alega que “ os comerciantes tentam ganhar mais dinheiro na alta temporada”.

Se eles fossem espertos eles poderiam ter movimento o ano inteiro, ta? Porque a praia ta aí. O frio... inibe o turista de pegar sol? Inibe, mas ele não inibe o turista de frequentar a orla marítima. É muito gostoso você sair de São Paulo, quando eu morava em São Paulo eu fazia isso, e vir jantar na praia, e vir tomar uma cerveja na beira da praia mesmo com frio, ou tomar um vinho quente na beira da praia, qual é o problema? Só que como eles colocam o preço tão alto na época de temporada, nem moradores nem turistas vão frequentar.(funcionária pública, 42 anos).

O comerciante de materiais recicláveis, além de não apresentar nenhum sentimento negativo em relação ao turista, afirma que a inflação não existe, que é um fenômeno isolado, pois a cidade cresceu e existem grandes supermercados que não modificam os preços por causa dos turistas.

[...] Então hoje, de 2000 em diante, não justifica aumentar preço por causa de turista. Existe um preço local, que agente chama de inflação big mac, que é a coca-cola na beira da praia com certeza em dezembro é mais cara que em agosto. Mas isso agente entende porque. O gelo é mais caro, a mão-de-obra pra aquele produto estar a disposição pro turista na orla da praia é outro. Não é uma inflação generalizada. É uma inflação específica para produtos específicos num local. Então não é um fenômeno de inflação (comerciante, 36 anos).

Já a profissional da área da saúde demonstra sentimento negativo em relação ao turista por este aspecto, conforme é possível abstrair de sua entrevista:

Os turistas são culpados pelo aumento dos preços em alta temporada. Aumenta tudo. Tudo tem bastante aumento, porque os comerciantes daqui abusam um pouco sim, porque eles querem ganhar tudo o que eles não faturaram durante o ano, né? É todo tipo de comércio. Não acho que é específico, é geral... parte de alimentos, parte de... até combustível, tudo. Tudo! Tudo! Tudo é mais caro. Então... até em feiras livres eles aumentam muito os preços. Aumenta muito o preço nas feiras. Tem uma feira do lado do posto onde eu trabalho. Do lado do Quietude²⁶, tem uma feira enorme na quinta-feira. Uma feira muito grande e o preço é muito bom. Aí depende do bairro também. Aí quando é sábado eles vão pro Boqueirão. Aí, os mesmos barraqueiros, aí lá a feira é menor e mais cara. É, mas é porque lá o pessoal tem um poder aquisitivo melhor, né? É, eles não abusam em todos os alimentos, em todas as coisas. Mas o que eles puderem aumentar, eles aumentam, entendeu? Então vamos dizer assim hoje eles aumentam muito o arroz, amanhã o óleo, depois de amanhã é uma fruta. Então eles vão aumentando aos poucos, mas é um absurdo. Principalmente época de Natal e Ano Novo e Carnaval, porque a cidade fica lotada, né? Fica cheia, dizem que vem mais de um milhão de turistas pra cidade, né? Aí eles querem abusar. Estacionamento... que você não acha lugar pra estacionar nem na rua. Então os estacionamentos cobram um absurdo pra você estacionar o carro. É R\$15,00 por 12 horas, R\$20,00 dependendo. Então é complicado. Eu mesma, moro aqui. Em vez de deixar meu carro aqui, que não tem garagem suficiente, durante o ano inteiro eu pago estacionamento no prédio vizinho, o ano inteiro. Eu pago pra mulher o ano inteiro e uso só em julho, dezembro, janeiro e fevereiro que são as épocas de alta temporada ou quando tem um feriado prolongado que não tem onde por o carro, lá vou eu estacionar lá. Mas tem que pagar o ano inteiro por isso, né? (auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Ela atribuiu a presença dos turistas o aumento de preços que, de acordo com sua opinião, ocorre em absolutamente tudo. Outro fato interessante é o relato dela em relação às feiras livres. No bairro Quietude, afastado do “território turístico” por localizar-se atrás da rodovia Padre Manoel da Nóbrega que dá acesso a cidade (conforme revelado pelo mapa dos bairros do município do Projeto Cores e demais dados presentes no capítulo 1), o preço é mais baixo do que quando os mesmos feirantes comercializam seus produtos no bairro do Boqueirão, situado dentro do “território turístico”.

Quando a mesma relata a respeito do estacionamento, trata-se na verdade de um condomínio em que existem poucas vagas para automóveis que são utilizadas comodamente ao longo do ano pelos moradores, mas que têm que ser divididas entre moradores e veranistas

²⁶ Bairro da Praia Grande situado após a Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, próximo ao local onde a moradora trabalha.

nos períodos de maior movimento. A entrevistada revelou que é mais vantajoso pagar aluguel da garagem no condomínio vizinho o ano inteiro do que apenas nos momentos de pico, pois nessas datas, de acordo com seu relato, tudo aumenta e as pessoas ou não querem alugar ou pedem um valor abusivo, por esse motivo ela prefere manter isso como um custo fixo em seu orçamento.

Sobre este aspecto Camargo (2004) entende que nuvens negras rondam o turismo, pois para ele “a verdadeira doença que é a inospitalidade, na raiz de todas as manifestações que vimos sobre hostilidade” (CAMARGO, 2004, p. 87) influem na maneira como se é recebido, podendo conseqüentemente estender-se esse aspecto ao relacionamento entre turista e morador local. Ainda para o autor:

Outra questão: até quando vamos pensar apenas nos que viajam sem pensar também sobre os que recebem? É justo colocar todo o ônus do crescimento econômico advindo do turismo nas costas da população residente? Quando vamos pensar nas patologias de cidades e condomínios de veraneio que esquizofrenicamente se agitam em algumas datas para se transformarem em locais fantasmas na maior parte do ano? Quando a sociedade, finalmente confrontada à escassez, vai se insurgir contra tal dilapidação de recursos? Como valorizar a identidade local, se os moradores se sentem às vezes agredidos pelo comportamento de visitantes que não foram convidados? Como despejar numa localidade uma horda turística em número já registrado até dez vezes superior ao da população residente? (CAMARGO, 2004, p. 87).

Tal colocação parece ter sido inspirada na realidade de Praia Grande, tanto pelo que a entrevistada revelou a respeito de custear o ano todo um serviço que utiliza apenas em alguns períodos, como pelo fato da mesma sentir-se agredida com a invasão de uma multidão de turistas que ela não convidou.

Os entrevistados foram unânimes quando questionados a respeito da dependência econômica da cidade em relação ao turismo, como pode ser observado no quadro 13.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento no relacionamento com o turista em virtude da dependência econômica do turismo.
Funcionária Pública	Sentimento ausente.
Comerciante	Sentimento ausente.
Profissional da área da saúde	Sentimento ausente.

Quadro 13 - A dependência econômica do turista

Todos responderam a seu modo que o turismo já não é a única fonte de renda do município, que o mesmo caminha por conta própria, e que os comerciantes é que são totalmente dependentes da atividade turística.

O tópico guia que trata a respeito da cidade de Praia Grande como cidade dormitório pôde ser observada em duas das entrevistas realizadas conforme demonstra a tabela abaixo.

Sobre a limpeza pública e o turismo, os entrevistados apresentaram diferentes opiniões sobre o assunto, conforme é possível observar no quadro abaixo.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista por conta da poluição.
Funcionária Pública	Não revela sentimento negativo por isso.
Comerciante	Não atribui ao turista a culpa pela poluição.
Profissional da área da saúde	Não revela sentimento negativo por isso. Mas coloca o turista como agente causador.

Quadro 14 - Sobre a limpeza pública

O comerciante revelou sua preocupação com o lixo quando questionado sobre a educação do turista. Afirmou que a falta de educação é um problema geral e não se limita ao turista, que a produção de lixo acompanha o ser humano e onde aparece um volume muito grande de pessoas o lixo acaba sendo um problema a ser tratado.

A funcionária pública concorda que o turista é mal educado, ressalta o papel do poder público que considera suficiente. Mas não chega a revelar sentimentos hostis por conta da questão.

Já auxiliar de enfermagem afirma que junto com o dinheiro o turista traz a poluição e chama a atenção para uma questão de saúde pública com relação à poluição marinha:

Os turistas trazem bastante dinheiro sim. Mas também muita poluição, por isso que acaba tendo muito movimento do pronto socorro. Os pronto-socorros ficam lotados, pessoas com o que chamam de jeca, né? Que é vômito e diarreia. Tem um nome científico que já esqueci. Eu sei que é problema intestinal, gastrointestinal. Eles têm muito por causa da poluição mesmo, né? Porque já pensou um milhão de turistas todo mundo fazendo cocô e xixi nessa água e você tomando essa água? A parte de criança e adulto mesmo, todo mundo vai pro hospital com problema no estômago porque não tem jeito. Muito poluído, muita poluição. Aí o médico fala: é virose. E o pessoal: Ah... quando o médico fala que é virose é que não sabe o que é. Mas todo mundo com o mesmo problema, né? Complicado(auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Infere-se que a profissional em questão mais uma vez atribui ao turista a culpa pela poluição por causa de maus hábitos deste, o que ocasiona inclusive um problema de saúde pública, pois de acordo com ela o número de atendimentos com essa natureza é grande.

A questão a respeito dos espaços de sociabilidade voltados para moradores foi realizada apenas para a funcionária pública e por descuido não foi uma questão repetida nas

demais entrevistas. Revela um aspecto importante, os espaços de sociabilidade voltados para o morador.

Entrevistados	Objetivo: Identificar se existe algum espaço de sociabilidade exclusivo para moradores.
Funcionária Pública	Sim, ressaltou quatro locais.
Comerciante	-
Profissional da área da saúde	-

Quadro 15 - Espaços de sociabilidade dos moradores

Constatou-se que os moradores frequentam o Ocian Praia Clube, local que é frequentado também por turistas, um bar que toca forró às quintas-feiras à noite no Portinho²⁷, o Portinho aos domingos e a casa noturna “Boulevard” situada na Vila Tupi, esta sim voltada exclusivamente para moradores. Segundo a entrevistada, o proprietário afirma que seu público-alvo é o morador e por esse motivo chega a fechar as portas na alta temporada que, segundo ela, vive lotada.

Para fazer uma análise mais apurada seria necessário agendar uma entrevista com o proprietário, infelizmente o tempo não permitiu a realização desta, mas mesmo assim infere-se que, se existe um local que sobrevive economicamente focando suas atividades nesse público, é porque enxergou uma alternativa, um nicho de mercado ou até mesmo uma necessidade latente entre os moradores. Talvez o diferencial do local seja oferecer privacidade em relação ao turista.

O tópico guia convivência com os turistas foi incluído após a realização da entrevista com a funcionária pública, pois destacou-se apenas na fala desta entrevistada.

Entrevistados	Objetivo: Identificar como é a relação com os turistas de segunda residência.
Funcionária Pública	Revela postura referente a um bom relacionamento.
Comerciante	-
Profissional da área da saúde	-

Quadro 16 – Sobre a convivência com os turistas

Tal postura da funcionária da Secretaria de Turismo revela uma série de contradições em sua entrevista, pois dessa vez ela volta a falar em aspectos positivos do relacionamento.

Destaca-se a transcrição do trecho abaixo:

É assim, aquele turista de segunda residência já criou uma afinidade com os vizinhos, com os moradores, então ele é tratado como um amigo que vai e ta retornando, um parente que vem te visitar de vez em quando. Agora, aquele turista

²⁷ Em anexo encontra-se uma descrição do local, divulgado pelo site da Prefeitura Municipal como atrativo turístico.

que vem aqui e passa dois ou três dias e vai embora, não retorna, dificilmente ele faz amizade. Isso acaba fazendo com que haja um tratamento um pouco diferenciado, mas não que o morador de Praia Grande crie esse bloqueio. Teve uma época dos caiçaras não se darem bem com os paulistas, que todo mundo que vem pra cá, pode ser do Mato Grosso ele é tratado como paulista. Em vez de ser paulistano era paulista. Ainda tem um pouquinho dos jovens, aquela coisa que: Ah! Esse paulista é folgado, uma coisa assim, só que já caiu um pouco. A Secretaria de Turismo mesmo trabalha com conscientização turística, agente trabalha com conscientização turística na escola, na escola primária. Então o quê que acontece, agente tá informando a criança desde pequena que aquele turista, ele não vem aqui, vamo falá a verdade, a máquina digital e o celular pra ser roubado. O turista vem aqui pra trazer dinheiro pra melhoria da comunidade, pra melhorar a qualidade de vida dele. Então agente tá trabalhando, agente tá usando isso pra tá mostrando pras crianças, que tem que trabalhar tem que acolher bem os turistas, mas que também não vai fazer tudo o que o turista quer (funcionária pública, 42 anos).

É nesse momento que a funcionária revelou existir uma diferença de tratamento entre o turista de segunda residência e os demais, pois o turista de segunda residência retorna mais vezes, sendo possível a criação de vínculos de amizade (GODBOUT, 1999), diferente do turista que fica pouco e não retorna, que dificilmente fará amizade.

Krippendorf (2003) já alertou sobre essa diferenciação ao citar uma pesquisa efetuada em uma estação das montanhas suíças:

[...] Os habitantes daquela aldeia da montanha diferenciam nitidamente os “turistas” dos “hóspedes”. A noção de hóspede subentende uma relação mais cordial e mais pessoal. Aparentemente, os hóspedes são aqueles visitantes que ficam mais tempo, que voltam regularmente e que são conhecidos. Os turistas são os outros: aqueles que fazem apenas uma breve permanência, os excursionistas de um dia e os esportistas de fins de semana. Um grupo que tem sua importância econômica, é bem verdade, mas que não é nada mais do que uma “mercadoria preciosa” (KRIPPENDORF, 2003, p. 84).

Respeitadas as diferenças entre os objetos de estudo e o meio de hospedagem, que em Praia Grande é a segunda residência, mais uma vez a idéia do autor parece se confirmar por meio do conteúdo abstraído da entrevista realizada com a funcionária pública.

O tópico guia que tratou a respeito da educação dos turistas foi desnecessário, pois ao longo dos outros tópicos os entrevistados já haviam tocado na questão da educação do turista, ou pior, na falta dela (observe a tabela abaixo).

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de atitude perante os turistas e à atividade turística.
Funcionária Pública	Falta educação ao turista. Não apresenta sentimento negativo por isso (já respondeu na questão da poluição).
Comerciante	Não apresenta sentimento negativo por este aspecto. Acha que a educação é um problema geral.
Profissional da área da saúde	Julga a maioria mal educada. Apresenta sentimento negativo por isso.

Quadro 17 - Sobre os turistas e a educação

Nesse caso, resta apenas averiguar que a profissional da saúde apresentou sentimentos negativos em relação ao turista quando falou do assunto.

Os tópicos que trataram a respeito do comportamento do turista não foram tão objetivos na forma como as perguntas foram elaboradas. Perguntou-se, por exemplo, se os entrevistados achavam que os turistas eram arrogantes. Nesse sentido surpreendeu a resposta do comerciante de materiais recicláveis (observe o quadro 18):

O turista está em estado de lúdico, ele vive um fenômeno único que é de relaxamento total. Arrogante é aquele que não consegue lidar com outro tipo de pessoa. Acho que arrogância não tem nada a ver com turismo. O arrogante é aqui, é na cidade de origem, na França, dentro do avião, não importa (comerciante, 36 anos).

Essa visão transmite uma atitude totalmente favorável ao turismo e ao turista. Nota-se aqui que o entrevistado fala em colocar-se na visão do outro, em lidar com o outro. E nesse aspecto afirma que arrogância é não conseguir lidar com o outro. Infere-se que lidar com o outro é estar aberto à alteridade, condição necessária ao encontro interpessoal (BAPTISTA, 2005), ao relacionamento solidário.

Entrevistados	Objetivo: Objetiva identificar a modalidade de sentimento em relação aos turistas e seu comportamento.
Funcionária Pública	-
Comerciante	Não apresenta nenhum sentimento negativo em relação ao turista.
Profissional da área da saúde	-

Quadro 18 – Sobre o comportamento do turista

O tópico que questiona os entrevistados a respeito da necessidade do comerciante ganhar mais dinheiro na alta temporada como forma de sobrevivência não despertou nenhum sentimento negativo em relação a questão no sentido de atrelarem a tal prática a existência do turismo (vide quadro 19).

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista por conta do aumento de preços na temporada.
Funcionária Pública	Não apresenta nenhum sentimento negativo em relação ao turista. Pelo contrário, culpa o comerciante.
Comerciante	Não apresenta nenhum sentimento negativo em relação ao turista.
Profissional da área da saúde	Não apresenta nenhum sentimento negativo em relação ao turista.

Quadro 19 - Sobre a necessidade de ganhar mais dinheiro na temporada

Sobre a necessidade de abastecimento prévio para evitar filas e falta de produtos no período de pico da alta temporada, a funcionária pública não revela nenhum sentimento

negativo em relação ao turista pelo fato de ter que fazer isso, ao menos declaradamente, revela que só não existe jeito para a utilização de agências bancária e abastecimento de automóveis em postos de gasolina. Tal análise já foi realizada em tópico guia anterior que tratava sobre o congestionamento de pessoas. Afirmou já ter passado por situações em que esses dois serviços, caixa eletrônico e posto de gasolina, se esgotaram devido ao acúmulo de gente.

Mais uma vez o comerciante revelou encarar a situação com normalidade (vide o quadro 20). Já a auxiliar de enfermagem declarou sentir-se irritada quando passa pela situação:

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento relativo ao turista por conta do aumento do consumo na alta temporada.
Funcionária Pública	Não apresenta nenhum sentimento negativo em relação ao turista de forma declarada.
Comerciante	Não apresenta nenhum sentimento negativo em relação ao turista por causa disso.
Profissional da área da saúde	Apresenta sentimento negativo ao turista por conta da questão.

Quadro 20 - Sobre como se abastecer e preparar-se para o período mais crítico

Geralmente no começo de dezembro porque dezembro e janeiro são os piores meses, né? Vai ao supermercado e compra tudo que puder, tudo o que é possível, o que não estraga e armazena o tempo que conseguir. Só feira que não tem jeito. Vou de quinta-feira na feira. Carne também você congela, porque tem açougue que você não consegue entrar. Banco também é um absurdo...Isso irrita muito e incomoda(auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Nota-se que a questão do abastecimento prévio é uma prática comum entre os moradores de Praia Grande, principalmente quando aproximam-se os períodos entre Natal e Ano Novo, até o Carnaval. A entrevista da auxiliar de enfermagem reforça que necessitar dos serviços bancários nesses períodos é estressante para o morador, revelando-se irritada com a situação.

A respeito da violência, a funcionária pública apesar de reconhecer a existência de um problema de segurança pública, elogiou a atuação da administração municipal e exaltou as ações realizadas para inibir seu crescimento. Em nenhum momento atribui ao turista a culpa pela existência da violência.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista a ponto de culpá-lo pelo aumento da violência.
Funcionária Pública	Não.
Comerciante	-
Profissional da área da saúde	Culpa os turistas indiretamente.

Quadro 21 - Sobre a violência

Ainda conforme o quadro 21 , repara-se que tanto o comerciante como a auxiliar de enfermagem tampouco atribuem ao turista a violência.

O tópico foi acrescentado devido ao destaque que a auxiliar de enfermagem deu a respeito dela na temporada:

Aumenta muito. É onde tem mais baleado e esfaqueado é no pronto socorro. Morre muita gente, porque os turistas vêm pra cá. Os bandidos acham que eles vêm com dinheiro. E na verdade vêm com dinheiro mesmo, porque a pessoa vem pra passar uma temporada, umas férias, então eles vêm pra cá com dinheiro e os bandidos aproveitam pra roubar máquina fotográfica, geralmente você não pode andar com máquina digital na rua, você não pode sair com celular, relógio. Porque o que você sai, é tudo pra atrair os bandidos. Eles roubam mesmo e se você reagir eles matam. Então aumenta muito [...]

[...] Esses números não são divulgados... com certeza porque o prefeito com certeza ele vai ocultar isso pra não afastar os turistas, vamos assim dizer, né?

Olha... eu acho que pelo menos triplica esse tipo de ocorrência. E assim, dá muito afogamento também... Bastante afogamento também... porque as pessoas bebem, comem demais e acabam entrando no mar e acabam ficando(auxiliar de enfermagem, 31 anos)

Quando questionada a respeito de números a profissional não soube responder ao certo, mas afirmou que pelo menos triplicam esses tipos de ocorrência. Entretanto sua queixa é maior para com o aumento de ocorrências no hospital. É isso que a incomoda. Nesse sentido, indiretamente acaba atribuindo ao turista esse aumento de ocorrências.

Como mencionado antes, o tipo de entrevista consistia em elaborar diferentes perguntas com os mesmos objetivos não com a finalidade de fazer com que o entrevistado mude de opinião ou se contrarie, mas com o objetivo de extrair dele algo mais e principalmente a confiança no sentido de dar abertura para que o mesmo revele extamente o que pensa.

Sob este aspecto foi nítida a mudança de tom nas entrevistas das duas mulheres, que demonstraram mudanças na maneira de pensar em relação ao turista quando questionadas sob diferentes enfoques.

Um tipo de questão que se repetiu foi em relação a presença dos turistas no município. A única entrevistada a apresentar rejeição declarada em relação ao turista (conforme observa-se no quadro a seguir) foi a auxiliar de enfermagem.

Entrevistados	Objetivo: Identificar a modalidade de sentimento em relação ao turista.
Funcionária Pública	-
Comerciante	-
Profissional da área da saúde	Apresenta sentimento negativo em relação ao turista.

Quadro 22 - Sobre a presença do turista

Cabe destacar trechos desse momento:

Não... Não irrita não... concordo e não concordo, né? Porque não irrita muito. É que assim, não dá pra você entrar no supermercado, né? porque tudo fica superlotado. Um pouco incomoda sim, porque mesmo pra entrar dentro do PS o movimento é muito maior. O movimento é muito maior em pronto socorro, em farmácia, em padarias, que a gente fica em filas enormes pra você comprar um pão você fica horas na fila, no supermercado também. Quer dizer, eu mesma chego do hospital cansada, aí tenho que entrar no supermercado e fico horas no supermercado esperando pra passar no caixa. Se eu quiser ir e não ficar muito tempo na espera, eu tenho que ir durante a madrugada que é a hora que diminui um pouco, as pessoas que vão dormir, né? Deixam... fica menos movimento. Os mercados funcionam 24 horas, né? Farmácias... só durante a temporada. Fora da temporada não funciona, só até as 8 da noite[...]

[...] Tem que ter turista, né? [riso] É assim... é bom e não é. É bom ter turista, mas assim... pouco, não muito turista também, né? Porque muito turista também não dá, né? Você acaba não tendo nem onde guardar o carro também, né? Tem problema com estacionamento, falta de água, né? Falta de água também é uma coisa absurda. Aqui no prédio não falta, mas na cidade em geral falta muita água, né? Menos turista seria melhor, com certeza (auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Ressalta-se que este momento da entrevista, embora encerre esse bloco de análise, na verdade realizou-se no início da entrevista com a profissional da área da saúde. Retrata a timidez da entrevistada em revelar sua verdadeira opinião sobre o turismo e os turistas, pois nas demais questões foi possível identificar o sentimento negativo desta mulher em relação a eles, diferente do que se extrai do trecho acima, onde a fala dela se inicia afirmando que não irrita a presença do turista até o fechamento que revela que menos turista seria melhor com certeza.

3.2 Análise dos tópicos guias complementares

Ainda que a análise até aqui estabelecida tenha sido de grande contribuição para identificar a natureza do relacionamento existente entre turistas de segunda residência e moradores de Praia Grande, resolveu-se colocar aos mesmos entrevistados perguntas objetivas com o cunho de qualificar o relacionamento do ponto de vista do morador.

Quando questionados se possuem vínculos com os turistas de segunda residência, todos afirmaram positivamente, porém em graus diferentes (observe o quadro 23). Nesse sentido faz-se pertinente uma análise de trechos das entrevistas de cada um.

Tenho alguns conhecidos. Eles que eu conheço, são sociáveis. Tem uma família que mora na Mooca e passa de dezembro a fevereiro aqui, temos um relacionamento mais família. (funcionária pública, 42 anos)

Entrevistados	Objetivo: Identificar a existência de vínculos no relacionamento entre turistas de segunda residência e moradores.
Funcionária Pública	Possui vínculos com poucos vizinhos (uma família em específico).
Comerciante	Possui vínculos com vários turistas de segunda residência.
Profissional de saúde	Possui vínculos que classifica como coleguismo.

Quadro 23 – A modalidade de relacionamento do morador com o turista de segunda residência

A funcionária pública refere-se especificamente a uma família de São Paulo moradora do bairro da Mooca, qualificando-os como “sociáveis”, revelando, em sua fala, que o motivo dessa sociabilidade, em grande parte, se estabelece pelo fato da família frequentar a residência por longo período, estendendo-se do início ao fim do período de férias escolares, o que equivale aos meses de dezembro a fevereiro.

Realmente três meses constitui um período considerável de tempo em relação ao ano, suficiente para que se estabeleçam laços de proximidade (BAPTISTA, 2005), ainda que pautados em relações de vizinhança (GODBOUT, 1999). Esses laços foram descritos com maior propriedade pela funcionária nas questões subseqüentes.

O comerciante afirmou possuir vários amigos que possuem segunda residência em Praia Grande conforme é possível abstrair a partir da transcrição do trecho abaixo:

Sim, tenho, há vários anos. Se desenvolve desde a infância até a velhice (todas as faixas etárias, todos têm seus “parceiros” de temporada). Existem as turmas: a turma dos jogos de frescobol, de jogar futebol, a turma da pescaria, do passeio de barco.

Existe até uma expectativa quando criança, chegando as férias, de reencontrar determinadas pessoas. E também tristeza, quando descobre que fulano vendeu o apartamento e não voltará mais.

Quando adolescente, principalmente na idade entre 11 e 13 anos, a expectativa pra reencontrar as meninas é grande. Você sempre fica de olho e comenta: “ Nossa... você viu aquela? Como está gostosinha... [risos].

Existe desde as relações comerciais, afinal de contas sou comerciante, até as relações pessoais (comerciante, 36 anos).

Infere-se que o entrevistado se sente a vontade em contato com os turistas de segunda residência, tanto que, para ele, esse contato se amplia para todos os moradores, em todas as faixas etárias. Nesse sentido cabe destacar, de acordo com seu relato, que existem vários grupos que se formam até mesmo pela modalidade de lazer realizada em conjunto: frescobol, futebol, pescaria e passeio de barco.

O entrevistado revela que as relações com esse tipo de turista fazem parte de sua memória de vida, pois relata que essas relações estabelecem-se desde que era criança, passando pela adolescência e se estendendo na fase adulta, a qual se encontra, destacada em outro momento de sua entrevista.

A auxiliar de enfermagem também destacou a existência de vínculos com os turistas:

Sim, tenho amizade. Geralmente são pessoas que têm amizade com a minha filha. São pais que vêm com filhos e a Júlia brinca muito e a gente acaba se relacionando. Mas é um coleguismo, não passa muito disso (auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Infere-se que o tipo de relacionamento descrito pela profissional de saúde difere dos demais em intensidade, embora não deixe de existir. Tal aspecto será analisado com maior propriedade teórica após a menção das demais respostas dadas às perguntas, visto que reforçam essa constatação.

Quando questionados se percebem no turista de segunda residência alguma tentativa de se relacionar e que tipo de aproximação geralmente ele faz, os entrevistados revelaram que a tentativa existe, conforme demonstra o quadro 24.

Entrevistados	Objetivo: Verificar se o morador percebe alguma atitude de apaziguamento por parte do turista de segunda residência.
Funcionária Pública	Sim. “Querem que fiquemos atentos à casa deles aqui.”
Comerciante	Sim.
Profissional de saúde	Sim, a aproximação ocorre por causa das crianças que brincam juntas.

Quadro 24 - A modalidade de comportamento do turista de segunda residência: relacionamento e nível de aproximação

Mas cada entrevistado percebe essa aproximação de maneira diferente.

A funcionária pública acredita existir um motivo natural para essa aproximação, que relaciona-se ao fato do turista sentir-se mais seguro caso estabeleça relações com alguém que passa a maior parte do ano no município, nesse sentido a aproximação garante o fato dela, como moradora, poder observar de perto o imóvel e comunicar algo que possa acontecer na ausência do proprietário, que geralmente é prolongada. Repare na transcrição do trecho abaixo:

*Tentam criar um vínculo com os moradores. Ele cria esses vínculos, até entendo o motivo, porque querem que as pessoas fiquem de olho na casa quando não estão. E querem fazer amizade que não têm em São Paulo, sei porque já morei lá. Do tipo, ô vizinho, to fazendo um churrasco aqui do lado agora, quer vir? Depois de um tempo que estão em São Paulo, ligam, conversam pelo MSN, pelo orkut.
Mas têm uns que não têm vínculos, que criam aversão porque usam a residência para auferir lucros, alugam pra qualquer um (funcionária pública, 42 anos).*

É possível identificar também em sua fala outro motivo ao estabelecimento de vínculos, o fato do turista buscar um tipo de relacionamento que não tem por hábito exercer em sua cidade de origem, no caso, laços de proximidade com seu vizinho. A funcionária

pública afirmou já ter morado em São Paulo e saber dessa ausência de sociabilidade entre vizinhos, o que o turista quer fazer em seu momento de lazer, segunda a interpretação da moradora.

O comerciante revelou que também existem relações comerciais com os turistas, afinal de contas isso faz parte de sua profissão. Mas conforme foi revelado por ele e constatado no trecho transcrito anteriormente, as relações pessoais são muito mais marcantes para ele.

Já a profissional de saúde revela um terceiro tipo de aproximação:

Mais de amizade por causa das crianças. E a gente acaba se aproximando. Mas nada de muita aproximação. Ex: levar as crianças juntas pra praia, pro parque, etc. isso acontece muito (auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Infere-se que a profissional de saúde revela uma relação mais superficial com os turistas, limitando seu relacionamento à aproximação existente entre as crianças que brincam juntas.

De acordo com Baptista (2005, p.15) “A experiência de relação entre duas pessoas que, em rigor, só pode ser vivida como hospitalidade, implica que a consciência desenvolva a capacidade de acolhimento da alteridade que a interpela e a interrompe [...]”. No caso da profissional de saúde, observando o trecho de sua entrevista acima transcrita, a mesma não parece ter desenvolvido a capacidade de acolhimento da alteridade que a interpelou conforme Baptista (2005) nos revela como condição necessária para a relação, no caso mencionado, os pais das crianças que brincam com sua filha. O simples fato de desconsiderar tal aproximação como sinal de apaziguamento (COLOMBO, 2008) já revela essa falta de capacidade de acolhimento à alteridade.

Ainda assim, pode-se considerar a existência de uma relação, pois quando questionada se havia relação a entrevistada afirmou que sim, apenas a qualificou como superficial ao descrevê-la e denominá-la de coleguismo. No entanto, para Godbout (1999) a camaradagem e a vizinhança (relação da qual a entrevistada referia-se) são imbuídas de relações que promovem a dádiva.

Já nos trechos transcritos das entrevistas realizadas com o comerciante e com a funcionária pública, nota-se que as relações descritas são mais próximas ao conceito de encontro de Baptista (2007) como experiência de hospitalidade e solidariedade.

De acordo com Baptista (2007, p.139) no encontro solidário “[...] É preciso fazer mais, saber entrar efectivamente em relação, dispendo-se a entregar e a ceder, seja o conhecimento,

a terra, a casa, a posição ou o lugar. [...]” É o que parece acontecer de fato entre a funcionária pública e o comerciante com os turistas de segunda residência.

Essa partilha da qual Baptista (2007) descreve, denominada por ela de solidariedade é o sacrifício implícito nas relações de dádiva e hospitalidade ressaltados por Camargo (2004) e que podem ser averiguados em trechos das entrevistas concedidas após a última pergunta realizada aos entrevistados.

Isso fica claro também ao se observar no quadro 25 o comparativo de respostas dadas pelos entrevistados quando questionados sobre a preservação do contato com os turistas de segunda residência após o retorno deles a São Paulo. Repare que apenas a profissional de saúde respondeu não haver a continuidade da relação.

Entrevistados	Objetivo: Verificar a permanência do vínculo por meio de contradádivas e retribuições.
Funcionária Pública	Sim.
Comerciante	Sim.
Profissional de saúde	Raramente.

Quadro 25 - A preservação do contato após o retorno do turista

Sobre a última questão, extrai-se da entrevista com a funcionária pública os seguintes trechos:

[...] E querem fazer amizade que não têm em São Paulo (sei porque já morei lá) Do tipo, ô vizinho, to fazendo um churrasco aqui do lado agora, quer vir? [...]
[...] Depois de um tempo que estão em SP,ligam, conversam pelo MSN, pelo orkut.[...]
[...]Já fui em São Paulo. Inclusive me emprestou a casa dela para uma cirurgia do meu filho.(funcionária pública, 42 anos)

Percebe-se no trecho acima o convite para a partilha da refeição, ato de dádiva e hospitalidade que simboliza ao mesmo tempo sinal de apaziguamento (COLOMBO,2008), sacrifício implícito na dádiva (CAMARGO, 2004) e encontro solidário conforme Baptista (2007).

O fato da entrevistada ter precisado de abrigo para realizar com o filho uma cirurgia num hospital especializado em São Paulo e a família a qual a moradora se remete ter oferecido a ela essa hospedagem demonstra a perpetuação de contradádivas e retribuições presentes no relacionamento entre as duas famílias, compondo a tríade dar-receber-retribuir da teoria de Mauss e nesta pesquisa expressa pela obra de Camargo (2004).

Por outro lado, quando a funcionária pública foi questionada a respeito de como ela percebe que o turista de segunda residência se aproxima, a mesma respondeu que entende a

aproximação desse tipo de turista e a criação de vínculos com ele também como um interesse em obter alguém que “fique de olho” na casa dele enquanto estiver fora.

Percebe-se aí o que Camargo (2004) identifica como o interesse implícito na dádiva e o que Caillé (2006) discute como fator fundamental da criação de seu conceito restrito ou mínimo de dom.

Algumas das constatações realizadas no relacionamento da funcionária pública com os turistas de segunda residência são válidas para o relacionamento expresso nos trechos abaixo transcritos da entrevista realizada com o comerciante:

*Existe desde as relações comerciais, afinal de contas sou comerciante, até as relações pessoais, que de repente aparecem na festa de aniversário de seu filho, fora da temporada. As pessoas vêm aqui só pra isso. É o caso da festa da minha filha agora em junho, vem gente de Fortaleza, de São Paulo, de todos os lugares. Hoje, minha amizade mais recente é de três anos pra cá, mas tem também as de quinze anos. Tem aquelas famílias que possuem casa aqui há muito tempo mas que conhecemos há pouco. E temos amigos aqui que possuem casa desde 1979. No caso da minha amizade mais recente, vou a São Paulo no casamento de um casal que conheço há 3 temporadas.[...]
[...]Sim, existem convites para almoço, jantar. É um comportamento característico do povo latino, diferente de fora do país, que pra jantar na casa de alguém você tem que programar com um ano de antecedência, o norte-americano é assim. Aqui é freqüente. É freqüente você ouvir: “passa lá em casa pra tomar uma cerveja”. E você passa... até sem camiseta depois de vir da praia. Aliás, a amizade na fase adulta se caracteriza exatamente dessa forma, é o primeiro passo: comer uma pizza na casa dele. É bem diferente da amizade quando você é criança, que não inclui relações de poder e socioeconômica (comerciante, 36 anos).*

É possível inferir que nestes trechos aparecem vários indícios de relações: convites para uma cerveja ou refeição; contradádivas e retribuições expressas na relação com o casal que virá para o aniversário da filha do entrevistado e para cuja cerimônia de casamento foi convidado a participar.

Destaca-se de forma interessante na fala do entrevistado o fato de vir gente de outras cidades somente para participar da festa de aniversário da filha dele. Esse trecho transcrito revela o reconhecimento da dádiva ou contradádiva do outro expressa somente pelo comparecimento, ou seja, a presença do outro que vem de longe já é considerada uma dádiva e um sacrifício. Tal indício revela a possibilidade de inferir-se que tratam-se de relações, de encontros solidários conforme expressa Baptista (2007).

Cabe ressaltar mais um trecho da entrevista com o comerciante, quando o mesmo identifica nos convites feitos pelos turistas de segunda residência para almoço, jantar ou uma simples cerveja, o “primeiro passo” para se estabelecer um relacionamento. Em outras palavras, o sinal de apaziguamento presente em pequenos gestos expresso por Colombo (2008) como condição de se estabelecer relações.

No caso da profissional de saúde, ressalta-se a transcrição do trecho de sua entrevista abaixo para posterior análise:

O relacionamento só retorna com a temporada. Indo embora, perde-se o contato. Já me convidaram para festa em São Paulo de criança, mas pra mim não dá, porque estudo e trabalho. Mas quando estamos aqui, saímos pra comer pizza, tomar sorvete (auxiliar de enfermagem, 31 anos).

Conforme análise de outro trecho da entrevista desta profissional, infere-se novamente aqui o fato da mesma não estar aberta a alteridade, estado necessário para que haja o encontro, de acordo com Baptista (2005). O fato da entrevistada não ter comparecido ao aniversário infantil em São Paulo impôs a condição do relacionamento com o turista a encontros de temporada. Não é de surpreender que o relacionamento não supere a sazonalidade turística.

Isso explica o fato da entrevistada ter respondido às questões do bloco anterior revelando uma certa hostilidade quando se remetia ao turista. Mas ainda que o sentimento desta entrevistada para com o turista em alguns momentos seja de hostilidade, não significa a ausência da relação. Pois de acordo com Selwyn (2004) a hospitalidade e hostilidade são irmãs gêmeas, duas possibilidades de uma relação. Para Camargo (2004, p.21) “ A hostilidade é a outra face da hospitalidade. É um risco também para quem dá como para quem recebe hospitalidade.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas observações a respeito das entrevistas devem ser tecidas antes das considerações finais. Tais observações incluem um parecer geral sobre os resultados obtidos.

A entrevista realizada com o comerciante de materiais recicláveis foi a que mais demonstrou aprovação a atividade turística e aos turistas, pois de acordo com a análise das entrevistas foi possível notar que o entrevistado demonstrou abertura a alteridade, que segundo Baptista (2005;2007) é condição fundamental para a existência do encontro e da hospitalidade. Mais ainda mostrou que existe encontro entre turistas de segunda residência e moradores em Praia Grande.

A entrevista com a profissional de saúde, ao contrário da acima citada, demonstrou falta de abertura a alteridade e até mesmo sentimento de hostilidade perante a atividade turística, principalmente pela sobrecarga que os serviços de saúde sofrem quando a cidade recebe um fluxo muito grande de visitantes aumentando a demanda por serviços básicos de abastecimento urbano e de saúde.

Sob este aspecto cabe destacar que as condições que o município de Praia Grande apresenta na alta temporada, tais como superlotação e sobrecarga dos serviços de infraestrutura básica, não favorecem o encontro. Levando em consideração que um profissional da área da saúde compõe uma rede de serviços de atendimento ao público que sofre diretamente com esse aumento de fluxo de pessoas, seria muito difícil haver encontro no relacionamento entre esse tipo de profissional e o turista.

Por outro lado, a mesma entrevista revelou que existem relacionamentos com os turistas, como por exemplo o fato da filha da entrevistada brincar com os filhos dos turistas de segunda residência. Ainda que esses contatos tenham sido considerados superficiais e que a hostilidade tenha aparecido na fala da auxiliar de enfermagem, não deixam de revelar um tipo de relação.

Infere-se que, pautando-se na entrevista concedida pela profissional da área da saúde, a teoria estudada com maior profundidade no segundo capítulo, a dádiva e o encontro, não se reconhecem na realidade vivida pela moradora.

Apesar de inferir-se que a profissional da área da saúde se demonstra hostil à atividade turística e ao turismo, não foi possível aqui verificar se o relacionamento que ela mantém com os turistas é hostil. Inicialmente até se pensou em entrevistar turistas com o intuito de averiguar se a hostilidade existe, mas devido ao tempo essa faceta do estudo foi adiada buscando-se privilegiar a voz do morador que recebe os turistas em sua cidade.

A respeito da funcionária pública da Secretaria de Turismo, além de frisar que em sua entrevista a mesma foi questionada como pessoa e como técnica que representa a administração pública municipal do setor de turismo, em vários momentos da entrevista a própria funcionária discorria sobre os procedimentos do departamento em que trabalha para comentar os problemas que ficavam evidentes a medida que os temas eram questionados durante as entrevistas.

Apesar dos momentos como funcionária não aparecerem tão evidentemente no capítulo três, vários desses momentos podem ser constatados na transcrição integral das entrevistas.

Houveram momentos da análise dos temas tratados na primeira entrevista realizada com a funcionária que colocou-se em dúvida suas respostas, chegou-se a acreditar que as contradições presentes na entrevista fossem coniventes com o discurso da administração pública. Ou seja, a análise das entrevistas demonstrou ao mesmo tempo bom relacionamento com os turistas (postura que seria exigida da funcionária por trabalhar num setor que existe essencialmente pela presença do turismo no município) e sentimentos negativos quando mencionadas determinadas situações (sobre o comportamento dos turistas, por exemplo).

Tal contradição foi esclarecida ao responder as questões realizadas por telefone, onde a funcionária revelou relacionar-se bem com alguns proprietários de residências secundárias, como a família que ela citou que é de São Paulo e vive no bairro da Mooca, mas que também sente aversão pelos turistas que freqüentam as casas de segunda residência que são alugadas pelos proprietários que as mantêm apenas como forma de investimento e não criam vínculos com as pessoas e o próprio local.

Sob este aspecto a funcionária foi clara ao estabelecer a distinção entre turistas de segunda residência considerados sociáveis e os outros. Tal assertiva demonstra forte ligação com o que Krippendorf (2003) já havia alertado a respeito da distinção entre “hóspedes” e “turistas” em uma estação climática européia. Embora devamos considerar os contextos distintos dos estudos tais como as paisagens dos locais, a sociedade, a cultura e etc., não pode-se negar a semelhança de sentimentos compartilhadas entre as populações residentes de ambas localidades em relação aos turistas.

Ainda de acordo com Krippendorf (2003), que descreveu as condições desfavoráveis ao encontro entre moradores e turistas, o caráter transitório do turista nas localidades visitadas colabora para a inexistência de um encontro, pois ele não conhece ninguém no local e muito dificilmente retornará, ou seja, não existe o vínculo.

Esse caráter transitório e efêmero do turista que não se envolve com o local foi retratado na entrevista da funcionária pública e identificado como o turista que aluga a segunda residência, ou seja, que não é proprietário do imóvel em que se hospeda.

Por outro lado, ressalta-se a possibilidade de existência de relacionamento com o proprietário de segunda residência que frequenta a localidade e desenvolve vínculos com o local. É o caso do turista que retorna sempre e, por ser proprietário, desenvolve um sentido de pertencimento ao local, uma relação com o espaço, ou seja, cria sua territorialidade.

Chegou-se a determinar que a seleção de entrevistados seria mais representativa se fossem selecionadas pessoas com profissões diferentes acreditando que aqueles que entram em contato direto com o turista, como a funcionária da Secretaria de Turismo, tenderiam a manter relações mais próximas com os turistas em virtude de seu sustento advir da atividade turística. Surpreendeu até mesmo a resposta desta entrevistada que afirmou que o turista é importante economicamente para apenas uma parte da cidade. E o mesmo se repetiu com os demais.

Em outras palavras, o que parecia lógico mostrou-se mais complexo. O resultado das entrevistas nos mostra uma profissional da área do turismo que mantém relações com alguns turistas de segunda residência, mas que por outro lado não gosta de outros. Nos mostra um comerciante que não tem como foco de sua atividade a presença do turista, que tem lá sua vantagem com a presença dele pelo volume de materiais recicláveis que o excesso dele traz, que deveria apresentar uma postura mais neutra e, no entanto, se demonstrou totalmente favorável ao turismo, aberto a alteridade e exercendo muitos relacionamentos com turistas de segunda residência. E finalmente nos mostrou o que se esperava ao se entrevistar uma profissional da área da saúde que sofre toda a pressão dos fluxos excessivos de turistas, apresenta sentimentos de hostilidade em relação à presença de muitos turistas e falta de abertura a alteridade para se relacionar com eles. Mas nem mesmo ela escapou de apresentar aspectos positivos na relação.

Enfim, constituiu-se num estudo que trata de pessoas e por esse motivo demonstra a diversidade própria do ser humano em seus resultados.

Sob a perspectiva teórica trabalhada, deve-se ressaltar que os objetivos iniciais de averiguar se o encontro entre turistas de segunda residência e moradores de Praia Grande acontece foi atingido.

Demonstrou-se que o encontro interpessoal que exige alteridade e solidariedade e que tem na hospitalidade condição necessária à relação entre duas pessoas de acordo com as teorias de Baptista (2002;2005;2007) notaram-se presentes.

Demonstraram-se sinais de apaziguamento conforme Colombo (2008) acrescentou a discussão estabelecida, bem como o sacrifício e o interesse implícitos na dádiva e na hospitalidade de acordo com a teoria de Camargo (2004) expressas por meio das relações estabelecidas entre turistas e moradores.

Dentro da mesma linha de pensamento, destaca-se o conceito restrito do dom dado por Caillé (2006) que não existe dádiva sem interesse ou motivação, aspecto mencionado pela funcionária pública ao afirmar que entende a tentativa de aproximação do turista de segunda residência como uma forma de interesse em ter alguém para “ficar de olho” em sua casa enquanto estiver fora.

A hostilidade fez-se presente nos sentimentos revelados pela auxiliar de enfermagem quando questionada sobre a presença dos turistas. E embora isso não signifique que há hostilidade no relacionamento entre ela e os turistas, ao menos evidencia a teoria de Selwyn (2004) de que a hostilidade não é o oposto da hospitalidade (aqui tratada como relacionamento), mas apenas outra faceta dos relacionamentos. Caso contrário a profissional da área da saúde não teria absolutamente nada de bom para falar sobre os turistas e, no entanto revelou existir uma aproximação proporcionada entre (eles) os filhos dos turistas e sua filha ao brincarem juntos, saírem para comer pizza e tomar sorvete.

Compartilha-se aqui com a opinião de Camargo (2004, p.87) de que “[...] a verdadeira doença do turismo que é a inospitalidade, na raiz de todas as manifestações que vimos sobre hostilidade.” exige uma mudança de postura.

O autor chama atenção ao excesso de turistas em uma localidade, tais como o caso estudado que muitas vezes ultrapassa o número de um milhão nos feriados de reveillon e carnaval, extrapolando qualquer capacidade de carga de um município que tem como população fixa pouco mais de 240.000 habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARTS, Bas & BAUER, Martin W. *A Construção do Corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ALBAGLI, Sarita. *Território e Territorialidade*. In: BRAGA, Christiano; LAGES Vinícius Nobre; MORELLI, Gustavo. *Territórios e Movimento: cultura como estratégia de inserção competitiva*. Brasília: Relume Dumará, 2004.

ANDREWS, Hazel. *O consumo da hospitalidade nas férias*. In: LASHLEY, Conrad & MORRISON, Alison. *Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

ARAÚJO, Silvana Miceli de. *Artifício e Autenticidade: o turismo como experiência antropológica*. In: BANDUCCI JUNIOR, Álvaro & BARRETTO, Margarita (orgs.). *Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica*. 5ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2006.

BAPTISTA, Isabel. *Lugares de hospitalidade*. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri, SP: Manole, 2002.

_____. Para uma geografia de proximidade humana. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano 2, n.2, p. 11-22, 2. sem. 2005.

_____. Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social. *Cadernos de Pedagogia Social*. Porto, ano 1, n. 1, 2007.

BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BAUER, Martin W. *Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão*. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2004.

CAILLÈ, Allain. *O Dom entre Interesse e “Desinteressamento”*. In: MARTINS, Paulo Henrique & CAMPOS, Roberta Bivar C. (orgs.). *Polifonia do Dom*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

CALIS, Magna Flora; SILVA, Mônica Solange Rodrigues; SIQUEIRA, Fátima Valéria. *Paisagens da Memória: história de Praia Grande*. Praia Grande: Prefeitura Municipal da Estância balneária de Praia Grande. Secretaria de esportes, Cultura e Turismo. Secretaria de Educação, 2002.

CAMARGO, Luis Octávio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

COLOMBO, Lina Biselli. *O Valor das Relações: Um olhar Sobre o Trabalho das camareiras a partir da Hospitalidade e da Dádiva*. Universidade Anhembi Morumbi: São Paulo: 2008. Dissertação de Mestrado, 104 p.

CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Schwarcz, 1989.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2003.

_____. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto, 2000.

DA VIÁ, Sarah Chucid; DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Pesquisa empírica em ciências humanas*. São Paulo, Futura, 2001.

FERNANDEZ, Leandro Rodrigues Gonzalez. *Impactos Sociais da Obra de Reurbanização da Orla Marítima de Praia Grande*. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Centro Universitário Ibero-Americano. São Paulo, 2000.

FREDERICO, Paulo Renato de Paula. *A Hospitalidade de Santos e a Convivialidade nos Jardins da Orla*. Universidade Anhembi Morumbi: São Paulo: 2004. Dissertação de Mestrado, 97p.

GASKELL, George. *Entrevistas Individuais e Grupais*. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GODBOUT, Jacques T.. *O Espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1999.

HALL, Colin Michael & MÜLLER, Dieter K. *Tourism, Mobility and Second Homes: Between Elite Landscape and Common Ground*. Channel View Publications, 2004.

KNAFOU, Remy. *Turismo e Território – para um enfoque científico do turismo* In: RODRIGUES (org.). *Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.

LASHLEY, Conrad. *Para um entendimento teórico*. In: LASHLEY, Conrad & MORRISON, Alison. *Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. *Urbanização Turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo*. In: BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P.; SERRANO, Célia (orgs.). *Olhares Contemporâneos Sobre o Turismo*. Campinas, SP: Papyrus editora, 2000.

MONTANDON, Alain. *Hospitalidade Ontem e Hoje*. In: BUENO, Marielys Siqueira & DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2003.

PADILLA, Oscar de La Torre. *El turismo: fenómeno social*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

RUBINO, Sílvia. *Políticas Públicas de Turismo: A Hospitalidade Pública ao Excursionista em Bertioga*. Universidade Anhembi Morumbi: São Paulo: 2004. Dissertação de Mestrado, 173 p.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e Planejamento Sustentável – A Proteção do Meio Ambiente*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

SELWYN, Tom. *Uma antropologia da hospitalidade*. In: LASHLEY, Conrad & MORRISON, Alison. *Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

TULIK, Olga. *Turismo e Meios de Hospedagem: casas de temporada*. São Paulo: Roca, 2001.

YÁZIGI, Eduardo. *Turismo Uma Esperança Condicional*. São Paulo: Plêiade, 1998.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

Censo Demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2007.

Duplicação da Imigrantes . Disponível em: <http://www.ecovias.terra.com.br>. Acesso em: 27 mar. 2007.

História das Rodovias. Disponível em: <http://www.estradas.com.br>. Acesso em: 27 mar. 2007.

Histórico. Disponível em: <http://www.praia grande.sp.gov.br>. Acesso em: 23 jul. 2007.

Histórias e Lendas de Praia Grande – de Sítio Ubatuba a Cidade Ocian. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br>. Acesso em 12/01/2009

Mapas das Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.igc.sp.gov.br/mapasRas.htm> . Acesso em: 04/03/2009

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 10/01/2009

Agência Metropolitana da Baixada Santista.

Disponível em: <http://www.agem.sp.gov.br> Acesso em 07/01/2009

Pranviat Produções. Disponível em: <http://www.pranviat.com.br> Acesso em 07/01/2009

ANEXO 1 - Atrativos Turísticos de Praia Grande

A área de lazer Ézio Dall 'Acqua, mais conhecida como Portinho, constitui-se em ponto de encontro de grupos de amigos e famílias. Localizada na margem do Mar Pequeno, tem fácil acesso a partir do Portal da Cidade. Possui 26 quiosques de alvenaria equipados com churrasqueiras, mesas e bancos. No local funciona também um pier de 150m para pesca e locação de barcos. A entrada é gratuita (www.praia grande.sp.gov.br).



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A área de lazer Esporte Clube Jacaré, localiza-se entre as ruas Afrânio Peixoto e Joaquim Ozório. Trata-se de uma infra-estrutura esportiva muito utilizada pela população de Praia Grande – SP. Abriga uma quadra poliesportiva que conta com cobertura de asfalto monolítico, adequado à prática de futebol de salão, basquete e vôlei. Possui também uma pista de skate. Foi inaugurada em janeiro de 2007. (www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A embarcação do passeio de escuna tem como ponto de partida a área de lazer Portinho, com acesso pela Avenida Ayrton Senna da Silva, na altura do Portal de entrada da Cidade. O passeio dura aproximadamente uma hora e meia e leva os grupos a manguzais, passa sob as pontes Pênsil e do Mar Pequeno, pela orla da Praia do Gonzaguinha em São Vicente – SP e retornando a Praia Grande faz uma parada na Praia de Paranapuã, pertencente ao Parque Estadual Xixová-Japuí.(www.praiagrande.sp.gov.br)



Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

A Pista de Skate Ocian é uma área de 500m² instalada no calçadão da orla do bairro Cidade Ocian, bem próxima a Estátua de Netuno, possui formato de bacia e também permite manobras com patins e bicicletas. É revestida com granilite e possui profundidade que varia de 1,40 m a 1,60 m. esta área foi inaugurada em julho de 2007. (www.praiagrande.sp.gov.br)



Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

O Skate Park localiza-se no calçadão da orla na Praia da Aviação. A pista foi inaugurada em janeiro de 2006 é equipada com oito módulos de diferentes graus de dificuldade. (www.praiagrande.sp.gov.br).



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A Estátua de Iemanjá foi construída há mais de 30 anos e pode ser considerado um marco histórico de Praia Grande. Localizada na Praia Mirim, tem 8 metros de altura. A imagem fica sobre dois espelhos d'água: um junto à areia e outro suspenso, na altura do calçadão da orla. Em sua base há uma cascata e espelho d'água, dando a sensação de que Iemanjá está sobre o mar. Há espaço protegido para a colocação de velas. O sistema de iluminação, com luminárias submersas na lâmina de água, tem foco direcionado à estátua. O espaço é ladeado por 16 coqueiros que representam os orixás (deuses) da Umbanda.(www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

O Portal da Cidade, construído em 1993, localiza-se na Avenida Ayrton Senna da Silva, bem próximo ao shopping Litoral Plaza, antes da entrada da cidade. Conta com construção em alvenaria e tem 10,5 metros de altura, possui vitrais de fibra de vidro, com iluminação interna. Tem o nome de "A entrada para o século XXI", alusivo ao marco do progresso da Cidade. Junto ao monumento há réplica do capacete do tricampeão de Fórmula 1, Ayrton Senna. (www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

A Praça 19 de Janeiro situa-se em frente ao antigo prédio da Prefeitura, hoje ocupado pela Faculdade de Tecnologia (Fatec), no bairro Boqueirão. O nome é uma homenagem à data de emancipação político-administrativa de Praia Grande, ocorrida em 1967. O local, arborizado, conta com bancos e mesas de concreto. Nos finais de semana, suas alamedas recebem caminhantes. Nos jardins há bustos de personalidades de importância nacional tais como o Almirante Tamandaré (patrono da Marinha), Duque de Caxias (patrono do Exército) e Alberto Santos Dumont (Pai da Aviação). Está localizada na altura do número 386 da Avenida Costa e Silva. (www.praiagrande.sp.gov.br)



Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

A praça “A Tribuna” fica próxima ao Portal e é o principal acesso da cidade para os primeiros bairros para quem vem de São Paulo: Forte e Boqueirão. Possui uma torre de transmissão de TV, iluminada durante a noite, em meio a um anel viário que desvia o trânsito para várias direções. De acordo com o site oficial da Prefeitura Municipal na base da torre que possui altura de edifício de 25 andares, há painéis de granito em alto relevo retratando a imprensa escrita, radiofônica e televisiva. Foi inaugurada em 1996. (www.praiagrande.sp.gov.br).

A praça Ceferino Gonzáles Vega, mais conhecida como Praça das Bandeiras, situa-se a duas quadras da praia, no cruzamento entre duas vias importantes do bairro Guilhermina: Avenida Guilhermina e Rua Embaré. A área central possui bandeiras do Brasil, do Estado de São Paulo, de Praia Grande e outra em comemoração aos 500 anos de descobrimento. Em outro ponto estão as demais 26 bandeiras dos estados brasileiros. De acordo com informações do site oficial do município: “Há ainda duas áreas anexas com paisagismo estilo europeu, com muitas rosas em meio a fontes e espelhos d’água. É muito procurada por casais de noivos, que elegem o local como cenário para fotos”.(www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A Praça Duque de Caxias situa-se na orla marítima da praia do Forte. Possui esculturas que são réplicas de dois canhões utilizados na Segunda Guerra Mundial. A peça original encontra-se no topo do morro da área militar.



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A Praça Emancipadores foi inaugurada em 1995, possui três esculturas de concreto armado que simbolizam a federação, estado e Município e homenageia a emancipação político-administrativa da cidade em 1967.

A Praça Integração dos Bairros chama atenção por sua composição colorida. Possui bolas de 1,5 m de diâmetro suspensas em estruturas metálicas que representam as cores dos bairros identificados pelo Projeto Rumo, que auxilia moradores e turistas na identificação dos bairros pelo qual circula. São 15 tubos metálicos que formam um túnel, embaixo do qual

existe uma pista de patinação de 300m de extensão. As bolas recebem iluminação especial durante a noite. A praça foi premiada na 5ª Bienal Internacional de Arquitetura e Design, no Ibirapuera, em 2003. (www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A praça Lions é conhecida por **Praça do Barquinho**, em razão do pescador de madeira em tamanho natural, instalado sobre espelho d'água. Situa-se em frente a orla marítima na Praia Guilhermina, presta homenagem ao primeiro clube dessa entidade em Praia Grande e também à atividade comercial inicial do Município, a pesca. No local, há um portal de alvenaria de estilo mouro, que dá acesso ao barco e a um chafariz. Pintado de branco, vermelho e azul, a embarcação recebeu o nome de Praia Grande. Em seu entorno, encontra-se um jardim ornado com palmeiras trazidas das Ilhas Canárias e coqueiros, além de vasos de barro.



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A praça da Paz situa-se no cruzamento das Avenidas Brasil e São Paulo. possui sete esculturas de aço carbono e ferro, com cerca de 10 metros de altura e até 30 toneladas cada uma. Os bustos, de autoria do escultor Gilmar Pinna, representam personalidades que defenderam a paz no mundo: Sérgio Vieira de Mello, Jesus Cristo, Maria Mãe de Jesus, Papa João Paulo II, Madre Tereza de Calcutá, Mahatma Gandhi e Néelson Mandela . Conforme informações do site oficial do município “O local é referência ao turismo de acessibilidade,

com piso tátil e placas em braile. Locadas em “ilhas”, as estátuas têm ao redor espelhos d’água com jatos dirigidos e iluminação especial à noite”. (www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

A praça Mamonas Assassinas faz homenagem ao grupo musical de mesmo nome. Possui área para lazer de 2.960 m², permitindo a prática de patinação e skate. Há um monumento, formado de tubos coloridos, representando os integrantes da banda. De tamanhos diferentes, os tubos têm cortes especiais - quando soprados em dias de ventania, emitem diferentes sons. (www.praia grande.sp.gov.br)

A Rotatória Parceria é uma praça dentro de uma rotatória, está localizada ao lado do Terminal Rodoviário Tude Bastos. Possui 60 metros de diâmetro, composta por um vasto jardim, que circula uma escultura que simboliza três corpos, unidos por uma única cabeça. Essa estrutura representa uma única forma de pensamento para três segmentos distintos: o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil. Ao redor da praça está um painel, composto de 12 quadros em alto relevo que contam a história de Praia Grande. Há imagens da Cidade como a Fortaleza de Itaipu, do antigo emissário, da primeira atividade econômica, da pesca, além de projeções sobre o futuro e outras. Foi inaugurada em 1996. (www.praia grande.sp.gov.br)



Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

Anexo 2 – Pesquisa sobre o perfil do turista de Praia Grande



Secretaria de Turismo de Praia Grande

PESQUISA SOBRE O PERFIL DO TURISTA DE PRAIA GRANDE

Comparativo 2006/2007/2008

INTRODUÇÃO

O formulário utilizado nessa pesquisa é formatado com perguntas abertas e fechadas. O objetivo principal é traçar um perfil deste turista e avaliar sua percepção em relação à infraestrutura de Praia Grande, utilização dos equipamentos turísticos, e identificar os pontos fracos e fortes do município.

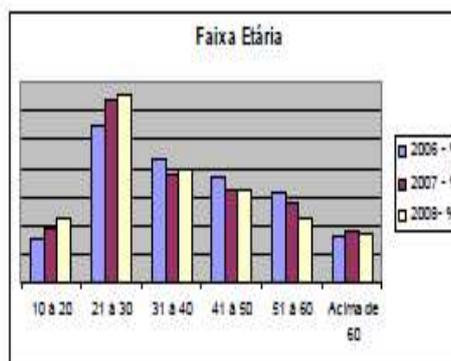
Essa pesquisa foi aplicada nos anos de 2006, 2007 e 2008 e o objetivo dessa análise é traçar um comparativo a respeito no decorrer dos anos e verificar possíveis tendências em relação ao perfil do turista.

Para a apresentação dos resultados, o presente relatório, caracteriza inicialmente o turista segundo seu perfil sócio-econômico, frequência de visitas, meio de transporte etc. Em seqüência se avalia permanência dos turistas, despesas realizadas, finalizando com seus desejos e percepções no que tange ao serviço público e privado oferecidos.

Idade

A faixa etária de 21 à 30 anos foi a que sofreu um maior aumento no decorrer dos anos 5,23% em relação a 2006, podemos visualizar também um decréscimo na faixa etária de 51 à 60 de 4,33%.

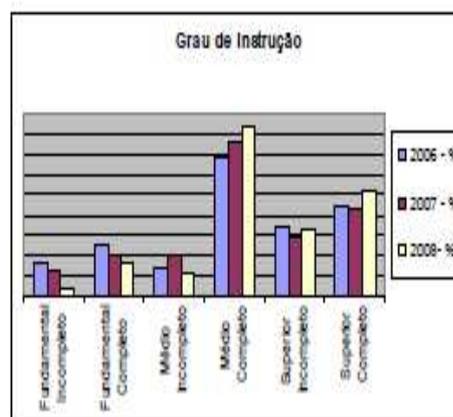
Faixa Etária	2006	2007	2008
10 à 20	7,91	9,74	11,04
21 à 30	27,44	31,94	32,67
31 à 40	21,86	18,74	20,09
41 à 50	18,60	16,23	16,11
51 à 60	15,81	14,24	11,48
Acima de 60	8,37	9,11	8,61



Grau de instrução

A escolaridade dos turistas que visitam Praia Grande tem aumentado 7,3% de turistas com ensino médio e 3,97 % com Superior Completo.

Grau de Escolaridade	2006	2007	2008
Fundamental Incompleto	7,91	6,39	1,77
Fundamental Completo	12,56	10,05	8,17
Médio Incompleto	6,51	9,74	5,96
Médio Completo	34,42	37,91	41,72
Superior Incompleto	16,74	14,35	16,56
Superior Completo	21,86	21,57	25,83

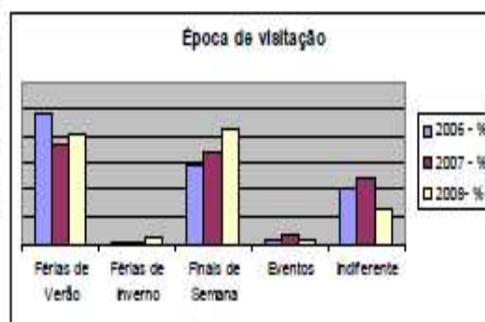




Época de visitação

Em relação ao período em que visita o município podemos analisar uma característica, um decréscimo de 5,84 % nos turistas que visitam o município durante as férias de verão e um aumento de 13,08 % nos turistas que freqüentam a cidade somente nos finais de semana.

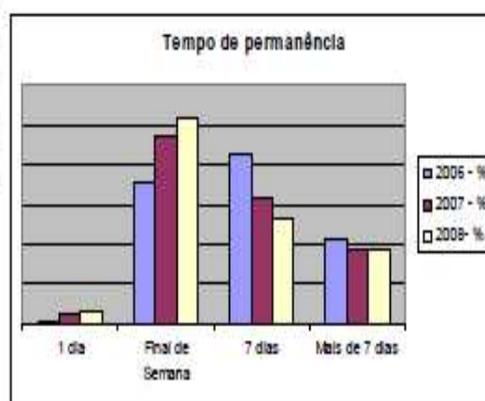
Período de Visita à Cidade	2006	2007	2008
Férias de Verão	48,46	38,54	40,62
Férias de Inverno	0,44	0,31	2,65
Finais de Semana	29,52	34,55	42,6
Eventos	1,32	3,98	1,1
Indiferente	20,26	24,81	13,02



Permanência na cidade

Quanto à permanência na cidade houve um aumento considerável de 15,85% de turistas que permanecem na cidade durante o final de semana, e também está visível o decréscimo do tempo de 16,06% dos turistas que permanecem 7 dias no município.

Tempo de Permanência	2006	2007	2008
1 dia	0,47	2,51	3,53
Final de Semana	35,81	47,02	51,66
7 dias	42,33	31,83	26,27
Mais de 7 dias	21,40	18,64	18,54

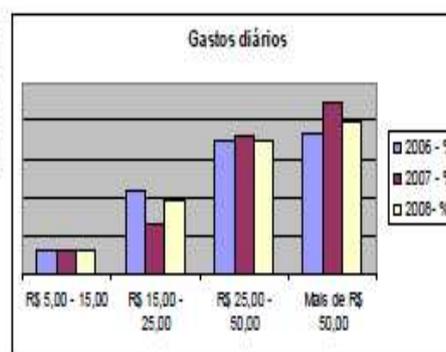




Gastos diários

No que concerne os gastos diários no município, os turistas que gastam mais de R\$ 50,00 continuam maioria, no entanto não consta uma grande elevação no percentual em relação aos anos anteriores. O mesmo pode ser analisado nos itens subseqüentes.

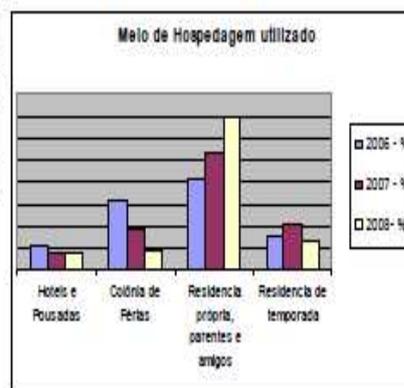
Gastos Diários	2006	2007	2008
R\$ 5,00 - 15,00	6,51	6,18	6,82
R\$ 15,00 - 25,00	21,86	12,77	19,21
R\$ 25,00 - 50,00	34,88	36,34	34,44
Mais de R\$ 50,00	36,74	44,71	39,74



Meio de Hospedagem

A hospedagem em sua maioria é efetuada em imóvel próprio, parentes e amigos e no decorrer do período é o item que vem sofrendo um aumento de 28,14%. E existe um decréscimo de 23,48 % na ocupação turística das colônias de férias.

Meio de Hospedagem	2006	2007	2008
Hoteis e Pousadas	11,16	8,08	8,17
Colônia de Férias	32,09	18,85	8,61
Residência própria, parentes e amigos	41,40	52,67	69,54
Residência de temporada	15,35	20,42	13,69

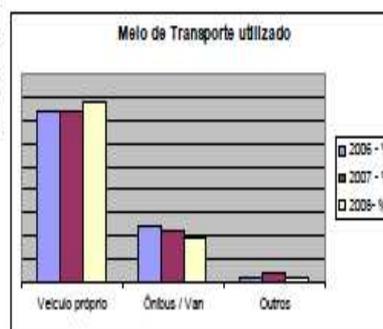




Meio de transporte

Os participantes vem no decorrer do período utilizando prioritariamente o veículo próprio para se locomover até o município e essa tendência em relação a 2006 aumentou em 4,43 %.

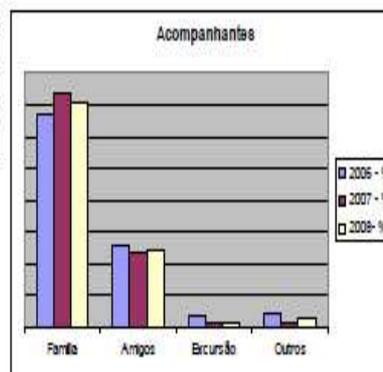
Meio de transporte	2006	2007	2008
Veículo próprio	73,49	73,72	77,92
Ônibus / Van	24,85	22,72	19,65
Outros	1,86	3,56	2,43



Acompanhantes

Este item não obteve aumento visível no período sendo a característica predominante os turistas que viajam com a família e com os amigos.

Com quem costuma viajar	2006	2007	2008
Família	66,67	73,40	70,98
Amigos	25,51	23,81	24,63
Excursão	3,70	1,34	1,67
Outros	4,12	1,44	2,71

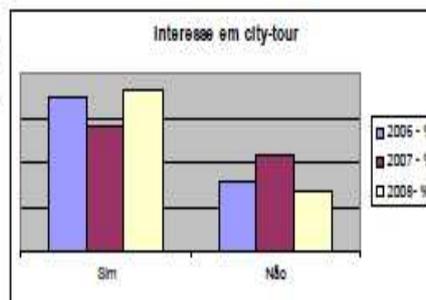




Interesse em city-tour

O interesse em realizar um city-tour pelo município aumentou 3,77 %.

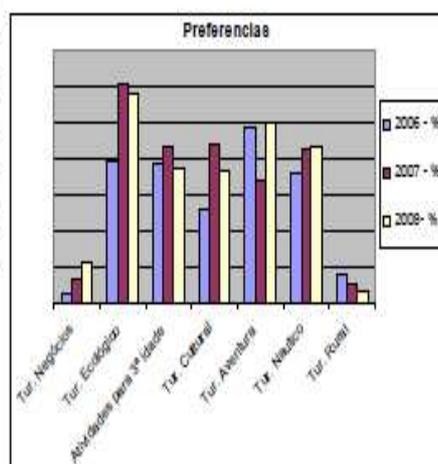
Interesse em City-Tour	2006	2007	2008
Sim	69,30	56,23	73,07
Não	30,70	43,77	26,93



Qual atrativo preferencial

Foi perguntado aos participantes qual atrativo que eles gostariam que fosse implantado ou otimizado, e em todos os anos o principal atrativo sugerido pelos turistas foram o "turismo ecológico" que obtiveram um aumento de 9,29%, outros atrativos também devem ser destacados devido ao aumento gradual de interesse por parte dos entrevistados, como o turismo náutico 3,56% e o turismo cultural 5,24%, no entanto vale ressaltar que o turismo de aventura apesar de não ter sofrido um aumento considerável permanece em segundo na preferência turística entorno de 25%.

Atrativo Preferencial	2006	2007	2008
Tur. Negócios	1,56	3,35	5,52
Tur. Ecológico	19,63	30,37	28,92
Atividades para 3ª idade	19,31	21,88	18,76
Tur. Cultural	13,08	22,20	18,32
Tur. Aventura	24,30	16,90	25
Tur. Náutico	18,07	21,15	21,63
Tur. Rural	4,05	2,83	1,77

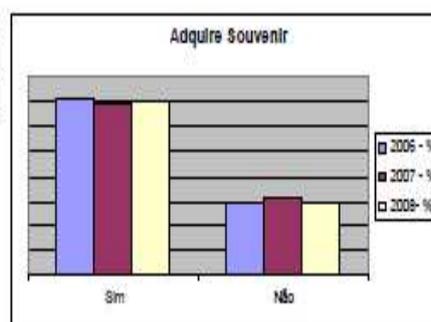




Compras de souvenir

Este item permaneceu estável não havendo mudanças consideráveis durante o período.

Aquire Souvenir	2006	2007	2008
Sim	71,16	68,80	70,64
Não	28,84	31,20	29,36

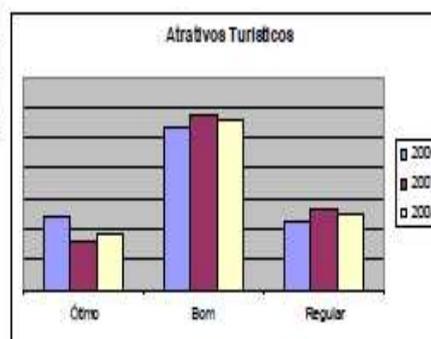


CLASSIFICAÇÃO DA CIDADE

Atrativos Turísticos

Os atrativos turísticos do município foram avaliados como bons em todos os anos, sofrendo apenas uma pequena queda de 1,95% em comparação aos anos de 2007/2008.

Atrativos	2006	2007	2008
Ótimo	23,72	15,60	18,76
Bom	53,49	57,80	55,85
Regular	22,79	26,60	25,39

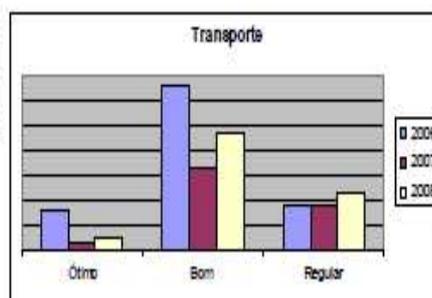




Transporte Público

A respeito do transporte público houve uma elevação de 14,91% nas opiniões que o consideram de boa qualidade.

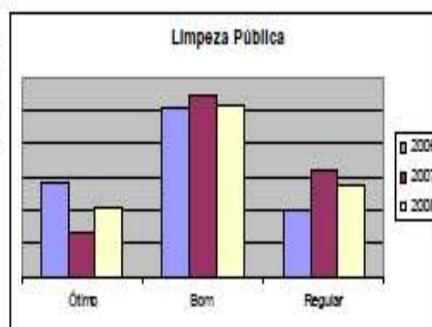
Transporte	2006	2007	2008
Ótimo	15,35	2,93	4,64
Bom	66,51	32,77	47,68
Regular	18,14	17,38	22,52



Limpeza pública

A limpeza pública no decorrer dos anos foi taxada como boa por mais de 50% dos entrevistados.

Limpeza	2006	2007	2008
Ótimo	28,84	13,51	20,97
Bom	50,70	54,55	51,21
Regular	20,47	31,94	27,81

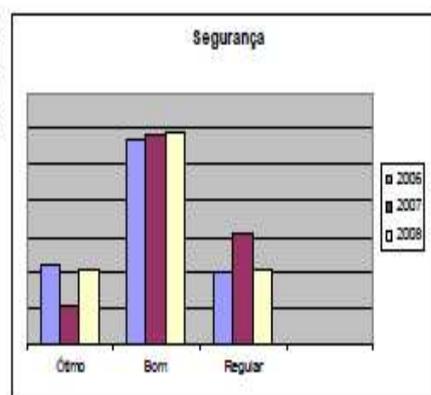




Segurança

A segurança foi sempre bem avaliada por parte dos entrevistados sofrendo um aumento gradual de 1,51%

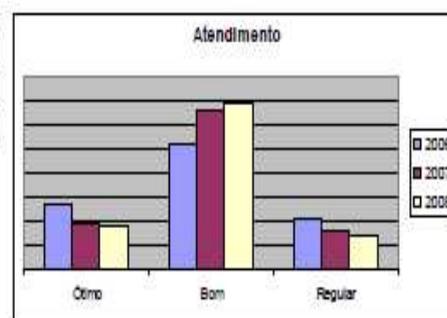
Segurança	2006	2007	2008
Ótimo	22,33	10,88	20,75
Bom	57,21	58,53	58,72
Regular	20,47	30,79	20,53



Atendimento

O atendimento é o item com maior aprovação positiva por parte dos turistas e obteve um grande aumento de 16,8% .

Atendimento	2006	2007	2008
Ótimo	26,98	18,64	17,88
Bom	51,63	65,86	68,43
Regular	21,40	15,50	13,69

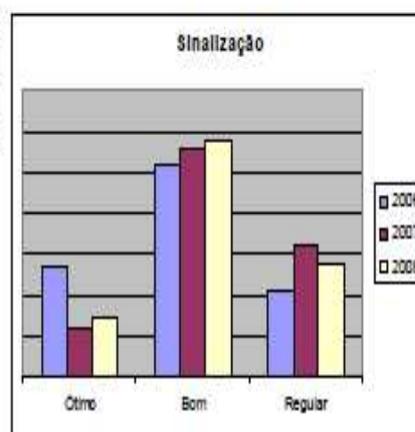




Sinalização Turística

A Sinalização Turística obteve um aumento de 6,21% por parte dos turistas que o avaliaram como bom.

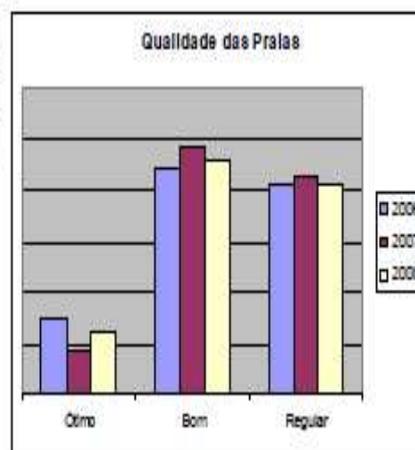
Sinalização Turística	2006	2007	2008
Ótimo	26,98	11,94	14,79
Bom	51,63	55,81	57,84
Regular	21,40	32,25	27,37



Qualidade das Praias

A qualidade das praias é o item que obteve o maior índice de avaliação regular tendo sofrido um aumento de 0,5%.

Qualidade das Praias	2006	2007	2008
Ótimo	14,88	8,69	12,36
Bom	44,19	48,48	46,14
Regular	40,93	42,83	41,5

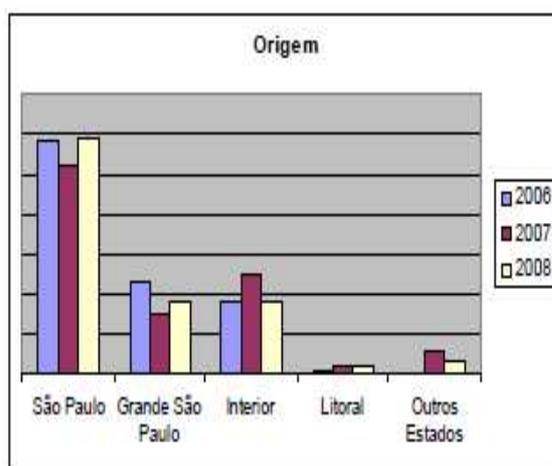




Procedência do turista

No que concerne a procedência do turista houve um pequeno aumento de 1% dos turista provenientes de São Paulo

Origem	2006	2007	2008
São Paulo	58	52	59
Grande São Paulo	23	15	18
Interior	18	25	18
Litoral	1	2	2
Outros Estados	0	6	3



ANEXO 3 - Transcrição das Entrevistas

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA COM A ASSISTENTE TÉCNICA DE
TURISMO DA SECRETARIA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE – SP
DATA: 12/07/07

SOBRE O CONGESTIONAMENTO DE PESSOAS NA ALTA TEMPORADA, A SAZONALIDADE DA DEMANDA TURÍSTICA:

Fila no supermercado, falta de água, filas na padaria, supermercados você não encontra nada para comprar, a cidade você não anda ela pára, entendeu? É isso que acontece.

Bom, você imagina, de 250.000 habitantes pula para 1.500.000, a cidade não tem infraestrutura pra tudo isso

O morador se irrita... o morador irrita

É, é pesado, mas é assim é aquele pesado, mas muitos dos moradores eles vivem dos turistas, então pra alguns é muito bom isso, então, o quê que acontece? Em Praia Grande o movimento é assim até outubro (refere-se ao movimento do mês de julho, momento em que ocorria a entrevista) novembro. A população, os moradores, a comunidade, eles se abastecem pra quando chegar dezembro, final de dezembro que é onde dá o boom do movimento eles já estarem com freezer, geladeira, tudo abastecido pra não ter que ir no supermercado, não ter que ir em lojas, entendeu? É isso o que acontece em Praia Grande.

E isto é comum, já virou rotina.

A única coisa que ainda atrapalha, que nem agência bancária, isso não tem como você prever, fazer antes do tempo. Chega a acabar dinheiro em agências bancárias, muitas vezes já chegou a acabar gasolina no posto de gasolina.

E muitas pessoas não falam

Se a sazonalidade não fosse só naquele período, se fosse mais distribuída. É o que agente tenta fazer aqui na Secretaria.

O PAPEL DO PODER PÚBLICO FRENTE A SAZONALIDADE

Eventos. Agente tenta mostrar que Praia Grande não é só praia e sol. Porque o pessoal vem pra cá quando está calor, quando dá praia, quando não dá praia a cidade fica vazia. A beira da praia você anda mesmo hoje, não tem nada.

Agora ... agente quer movimentar a cidade fora da sazonalidade. O nosso medo também é esse, a cidade lota na sazonalidade aí não tem infra-estrutura para poder agüentar tudo isso.

E o prefeito quer transformar Praia Grande num porto seco.

O Porto de Santos está aqui pertinho. Então você sabe que toda cidade que tem um porto se desenvolve mais. Aqui o que ele quer fazer? Ele quer um aeroporto para estar recebendo as mercadorias para serem levadas ao porto. Então por isso que ele fala porto seco.

Não tem atracadouro, mas vai ter aeroporto onde ele vai estar recebendo as mercadorias e redistribuindo. Porque aqui ele vai ter armazéns, mais empregos.

A DIFERENÇA ENTRE O PERÍODO ANTERIOR E POSTERIOR A REURBANIZAÇÃO DA ORLA MARÍTIMA E READEQUAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA DO MUNICÍPIO

Eu já moro na Praia Grande há 22 anos. Antes do turismo, de ela estar sendo transformada numa cidade turística mesmo, ela era a cidade da farofa, a cidade do turismo de massa. Aí nós não tínhamos infra-estrutura, saneamento básico, bem se dizer... não tinha nada. Você é dessa época, você deve conhecer.

A praia, agente tinha ônibus parado na areia da praia, esgoto correndo a céu aberto. Hoje a gente tem a orla toda urbanizada. O turista não teve uma distribuição equitativa do turista. Então, esse lado aqui da Prefeitura (local da entrevista) pro Boqueirão é a parte onde a cidade ainda é turística. O outro lado da cidade, ainda é uma cidade mais calma, mais tranqüila. Embora na sazonalidade, na temporada, ela fique cheia, você ainda consegue conviver. Só que você não tinha asfalto, não tinha pra onde correr, não tinha hospital, não tinha nada em Praia Grande. Então a partir do momento que passou a ter o horário turístico, aí sim a Praia Grande modificou bastante. Hoje você viu na beira da praia? Modificou a nossa orla urbanizada.

AÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FRENTE AO TURISTA DE UM DIA:

Agente não pode impedir o direito de ir e vir do cidadão. Só que assim, o quê que o prefeito fez? Ele controlou essa entrada.

Ônibus de turismo pode entrar na cidade. Só que... ele tem que estar cadastrado em uma colônia de férias onde ele vai ficar estacionado. E as pessoas do ônibus vão ficar hospedadas na colônia de férias. Se ele vier aqui para ficar 1 dia, ele vai ter que entrar em contato com a colônia para poder utilizar banheiro, sanitário, tudo direitinho, para não poder defecar na praia, não fazer a limpeza do ônibus na via pública, ele tem que estar estacionado num lugar onde ele possa estar limpando aquele ônibus.

O terminal turístico foi negociado, ele vai ser o Parque da Mônica.

A localização do terminal é no Paquetá, na beira da praia. É... pra lá... (apontando a direção). Entre Vila Mirim e Vila Caiçara. Só em Praia Grande são 22,5 Km de litoral.

O empreendimento ainda não começou a construir, mas já está tudo acertado, a previsão de inauguração é pra 2008.

O COTIDIANO DO MORADOR NA ALTA TEMPORADA

Não são todos os turistas que são mal educados. Mas aqui é assim... a turma de São Paulo vem pra cá. Eles vêm pra cá eles pensam: Bom, eu estou de férias, naquela cidade é minha cidade de férias. Então eu estou lá a vontade e eu posso escutar rádio até 3, 4 horas da manhã. Eu posso fazer bagunça na rua. Eu posso tomar cerveja na rua como se eu estivesse na minha casa. Só que aí eles têm que entender que a cidade tem moradores. E têm uns que não entra

isso na cabeça deles. Pra eles, eles estão de férias. Agora, tem aquele coitado que mora lá do lado da casa dele que tem que acordar no outro dia 6 horas da manhã pra trabalhar. Não têm respeito. Eles acham que são os donos da cidade. Eles pensam: Ah! Eu posso, eu tenho uma casa lá e eu tenho outra aqui. Então eu sou melhor do que você, que tem uma só aqui. É bem por aí mesmo. É o caso da segunda residência, né?

A INFRA-ESTRUTURA IMPLANTADA PARA O TURISMO

O shopping foi muito bom. Em Itanhaém é normal. O diretor de turismo de Mongaguá, eu to cansada de encontrar ele no cinema, no shopping de Praia Grande. Eu passo; Oi, tudo bem professor? Agente se encontra, eles freqüentam aqui o shopping, como se fosse o shopping da cidade deles, porque na cidade deles não tem.

AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA COM O PROPRIETÁRIO DE SEGUNDA RESIDÊNCIA NA VILA CAIÇARA

Eu falo assim, que a cidade fica meio dividida. Vila Caiçara é um local onde os turistas, você percebe que eles são de melhores condições financeiras. E é um pessoal muito gente boa.

É um turista de segunda residência, eles têm segunda residência na cidade. E eles são assim, aquele pessoal sociável. Onde te vê assim. Não que nem te conhece. Agente frequenta muito a feirinha do Caiçara, porque agente está lá todo final de semana fazendo pesquisa, essas coisas. Eles passam, pros barraqueiros: Oi , como é que ta? Tudo bem? É aquela, sabe aquela convivência que já parece... de 10, 11 anos, são amigos já de moradores da cidade.

EFEITOS DA SAZONALIDADE NA INFLAÇÃO DOS PREÇOS

Não são os turistas que são culpados pelos aumentos na alta temporada. O culpado dos preços, os turistas não consomem, mesmo estando alto, os culpados são os comerciantes.

O turista não compra no quiosque, ele não consome no quiosque. Quando ele chega lá e vê que a garrafa de cerveja custa 5 reais ele não consome. Ele pega um isopor, ele compra a cerveja no supermercado, põe gelo no isopor e leva para a praia.

Aí o quiosqueiro, o comerciante fala: ah, o comércio tá fraco. Quem manda colocar a cerveja a 5 reais. Ele não vai consumir. O morador também não. Se ele quiser ele vai no mercado, põe a cerveja na geladeira e toma.

Então o comerciante reclama que o comércio ta fraco. É isso o que acontece em Praia Grande.

E olha que tinha gente aqui na última temporada ! a cidade não andava. 1.500.000 turistas! Primeiro de ano e carnaval. Parecia formigueiro. Você olhava na praia assim, eu passei o carnaval no Forte, você olhava na praia e só via aquele mar de gente.

Os comerciantes tentam ganhar mais dinheiro na alta temporada. Mas não é isso que acontece. Se eles fossem espertos eles poderiam ter movimento o ano inteiro, ta? Porque a praia ta aí. O frio... inibe o turista de pegar sol ? Inibe, mas ele não inibe o turista de freqüentar a orla marítima. É muito gostoso você sair de São Paulo, quando eu morava em São Paulo eu fazia isso, e vir jantar na praia, e vir tomar uma cerveja na beira da praia mesmo com frio, ou tomar um vinho quente na beira da praia, qual é o problema? Só que como eles colocam o preço tão alto na época de temporada, nem moradores nem turistas vão freqüentar.

A DEPENDÊNCIA ECONÔMICA DO TURISMO

Os turistas são indispensáveis para a sobrevivência de uma parte dos moradores... porque muita gente vive do turismo aqui em Praia Grande. Mas já pra outra que tem seu serviço... Mas que nem agente fala, é um “iceberg”, né? O turista está aqui, porque é um círculo vicioso, porque o turista está aqui, e eu estou aqui no fundo. O turista vem e gasta aqui, o rapaz que gastou e comprou as coisas dele aqui vai no mercado. O mercado que recebeu o dinheiro dele aqui vai gastar lá, na minha firma, na minha empresa. Eu tenho em casa uma oficina de funilaria e pintura... o quiosqueiro, o barraqueiro vende pro turista na praia, ele vai juntando dinheiro, ele vai vim pra casa dele porque geralmente os barraqueiros da beira da praia eles moram na terceira zona da cidade, lá atrás, ta? Então o que é que ele vai fazer? Ele vai pegar o dinheiro dele e vai reformar o carro dele na minha oficina. Então acaba sendo o quê? Um círculo vicioso.

CIDADE DORMITÓRIO

A Praia Grande também tem muito dormitório. Tem muita gente que trabalha em São Paulo e mora aqui. Com a expressa sul e a Imigrantes Nova. É mais fácil você chegar em São Paulo, do que quem mora em São Paulo em certas localidades. Agente leva 40 minutos pra chegar em São Paulo. Eu levo 5 minutos pra chegar daqui ao Boqueirão, entendeu?

SOBRE A LIMPEZA PÚBLICA E O TURISMO E OS INVESTIMENTOS EM INFRA-ESTRUTURA

Falta educação do turista. O mar fica poluído? Fica, porque por mais que a Prefeitura vá e limpe, o mar já veio e já puxou e já levou, aí depois no outro dia de manhã ele joga tudo pra fora de novo. Aí o turista fala: Nossa como a praia ta suja! Mas o trator passou, deixou limpinho, só que o que o mar levou ele está jogando fora.

Saneamento básico, pode-se dizer que 95% da Praia Grande já tem esgoto encanado, faltam ainda 5% que precisam ser feito, que é a parte de trás da cidade.

Todo esgoto coletado é tratado e depois jogado no mar a 2 Km da costa.

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DOS MORADORES E CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DA 3ª IDADE

A da feirinha do Vila Caiçara é muito freqüentada por moradores

Tem uma casa noturna aqui, que o próprio proprietário diz que ele não trabalha pra turista, ele trabalha pra moradores daqui.

Chama-se Boulevard.

Fica na Vila Tupi. É uma casa noturna onde toca muito funk, pagode, forró. É, mas não tem shows assim, como eu posso te dizer? Como Gabriel Pensador. Uma vez veio o Ira, mas isso já faz muito tempo.

Mas ele é bem claro, na temporada ele fecha.

São shows legal, é... como fala? São músicas como Jota Quest já tocou aí. Então tem alguns shows bacana, só que assim, ele coloca esses shows fora da temporada. Na temporada ele simplesmente fecha a casa.

Ele diz que não trabalha pra turista, ele trabalha pro morador. E a casa noturna vive lotada. Vive lotada. É adolescente, de 16 pra cima. Mas a casa vive lotada.

E fora isso tem o Ocian Praia Clube, mas aí o público já é misto, tem muita gente da terceira idade.

A nossa cidade pode ser considerada não da terceira idade, mas 60% daqui são aposentados e idosos.

É aquela velha história que agente tava falando da segunda residência. Quando você tá na ativa você junta dinheiro e compra sua segunda residência como símbolo de status. Você vai, passeia no final de semana e volta. Só que aí o que é que você faz? Você fica velho, pega sua senhora, deixa aquela sua casa para seu filho que tem 18 ou 19 anos e vem morar na praia.

Outro funcionário: No Portinho de domingo também vai bastante gente.

Funcionária pública: É verdade, diz que quinta-feira a noite lá tem um forró muito bom, de madrugada. Começa a partir das 23h00

Leandro: Se eu quiser ir lá no Boulevard...

Funcionária pública: É sexta, sábado e domingo na baixa temporada.

CARACTERIZAÇÃO DAS FÉRIAS EM JULHO

Leandro: Então, agora em julho, é alta temporada.

Funcionária pública: Não, não, não tem, é muito fraco. Julho aqui é baixa temporada, não é alta temporada aqui em julho.

Leandro: Por quê? Tem muito movimento, tem muita gente.

Funcionária pública: Ter, tem. Mas perto do que agente tem na época de verão, tá? É muito pequeno

Outro funcionário: É mais assim, vêm algumas famílias que ficam a mulher e as crianças e os pais vêm no final de semana. Mas é muito pouco. Tem movimento, você percebe mais gente no supermercado, até altera nosso cotidiano, mas perto da temporada não é nada.

CONVIVÊNCIA COM OS TURISTAS E EDUCAÇÃO PARA O TURISMO

É assim, aquele turista de segunda residência já criou uma afinidade com os vizinhos, com os moradores, então ele é tratado como um amigo que vai e tá retornando, um parente que vem te visitar de vez em quando. Agora, aquele turista que vem aqui e passa dois ou três dias e vai embora, não retorna, dificilmente ele faz amizade. Isso acaba fazendo com que haja um tratamento um pouco diferenciado, mas não que o morador de Praia Grande crie esse bloqueio. Teve uma época dos caiçaras não se daram bem com os paulistas, que todo mundo que vem pra cá, pode ser do Mato Grosso ele é tratado como paulista. Em vez de ser paulistano era paulista. Ainda tem um pouquinho dos jovens, aquela coisa que: Ah! Esse paulista é folgado, uma coisa assim, só que já caiu um pouco. A Secretaria de Turismo mesmo trabalha com conscientização turística, agente trabalha com conscientização turística na escola, na escola primária. Então o quê que acontece, agente tá informando a criança desde pequena que aquele turista, ele não vem aqui, vamo falá a verdade, a máquina digital e o celular pra ser roubado. O turista vem aqui pra trazer dinheiro pra melhoria da comunidade,

pra melhorar a qualidade de vida dele. Então agente tá trabalhando, agente tá usando isso pra tá mostrando pras crianças, que tem que trabalhar, tem que acolher bem os turistas, mas que também não vai fazer tudo o que o turista quer.

SOBRE A SEGURANÇA PÚBLICA:

Hoje em dia são 1200 câmeras. Então onde você estiver em Praia Grande você é monitorado. É na Praia Grande toda, é que eu não posso te levar na central de monitoramento.

Outro funcionário: Se você parar pra olhar na orla, na Cidade Ocian, em cada poste tem uma câmera.

Funcionária pública: Você vê aqui a via expressa, em cada viaduto desse aqui tem câmera tanto pra baixo como pra cima. Pra onde você for está sendo monitorado. A passagem de pedestres que tem embaixo da via sul, são monitoradas. Na terceira zona, não tem como deixar as câmeras muito baixas porque eles vão visualizar uma pequena área. Eles fizeram altos postes com as câmeras lá em cima que vira 360 graus e visualiza o bairro quase todinho. Hoje em dia estão fazendo flagrantes de tráfico de drogas pelas infovias, é monitorado.

Então, o turista que chega aqui não sabe, o turista que chega aqui apronta, rouba toca-fitas, rouba rádio de carro, estoura porta de carro. Ele não sabe que está sendo filmado. Aí aparece lá: Assalto em Praia Grande. Ontem mesmo apareceu lá que dois rapazes roubaram a bicicleta de uma moça na portaria de um prédio. Os turistas não sabem que estão sendo filmados. É aquela velha história, quem quiser rouba de qualquer jeito. O morador daqui sabe onde estão todas as câmeras. Nós tivemos aqui uns cadetes de West Point que eles vieram aqui e eles foram filmados, e nós fizemos isso de propósito. Desde que eles saíram da Ponte do Mar Pequeno, lá próximo a entrada do Shopping eles foram monitorados até a entrada da Prefeitura. A hora que eles chegaram aqui foi apresentado pra eles, filmaram tudo. Filmou um deles jogando um papel no chão, ele ficou ruborizado. Pôxa vida, uma autoridade, vinda de tão longe, fazer sujeira aqui. West Point, EUA, eles não têm, nós sim. A segunda cidade no mundo a ter toda essa quantidade de câmeras é Praia Grande, a primeira é uma cidade da França. Aí é interligado Guarda Municipal e Polícia Militar, um aciona o outro e daí um pouco a viatura já está chegando. Acidente aqui, num prazo de 5 minutos o resgate já está chegando. Não precisa ninguém chamar.

Outro funcionário: Tem sensor nos prédios públicos, nas escolas...

Funcionária pública: Tá boa a Praia Grande.

Outro funcionário: A prefeitura tem um adesivo que custa R\$25,00 e vem com um código de barras que é monitorado. Se seu carro for roubado, você avisa a polícia, eles têm condição de ir atrás do seu carro, porque vão saber pra onde levaram seu carro, por qual saída, se por Santos ou São Vicente, por Mongaguá, etc. E eles vão atrás.

PERGUNTAS OBJETIVAS (09/03/09, 19h37 – 19h47, por telefone):

Pergunta 1 - Como se relaciona com os turistas que passam a temporada em suas casas de veraneio no município de Praia Grande e qual a modalidade desse relacionamento?

Tenho alguns conhecidos. Eles que eu conheço, são sociáveis. Tem uma família que mora na Mooca e passa de dezembro a fevereiro aqui, temos um relacionamento mais família

Pergunta 2 - A modalidade de comportamento do turista de segunda residência: relacionamento e nível de aproximação

Tentam criar um vínculo com os moradores. Ele cria esses vínculos, até entendo o motivo, porque querem que as pessoas fiquem de olho na casa quando não estão. E querem fazer amizade que não têm em SP (sei porque já morei lá) Do tipo, ô vizinho, tô fazendo um churrasco aqui do lado agora, quer vir?

Depois de um tempo que estão em SP, ligam, conversam pelo MSN, pelo orkut.

Mas têm uns que não têm vínculos, que criam aversão porque usam a residência para auferir lucros (alugam pra qualquer um)

Pergunta 3 - A preservação do contato após o retorno do turista Por exemplo: telefonemas, encontros na cidade de origem do turista, refeições compartilhadas, etc.

Já fui em SP. Inclusive me emprestou a casa dela para uma cirurgia do meu filho.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA COM UM PROFISSIONAL QUE NÃO ATENDE TURISTAS (COMERCIANTE QUE TRABALHA COM RECICLAGEM DE MATERIAIS)

DATA: 13/07/08

O turismo é bom. Ele traz o fluxo de capital pra cidade. É uma cidade turística, é uma estância balneária, ela precisa de fluxo turístico.

SOBRE O COTIDIANO NA ALTA TEMPORADA

Eu acredito que tudo é uma questão de tolerância. Todas as cidades são cheias. A minha tem dias que ela é cheia e tem dias que ela é vazia. São poucos os dias que ela está cheia.

Comerciante: Tem alterações no cotidiano. Tem alterações no meu ritmo, tem alterações nos meus hábitos de consumo, tem alterações nos trajetos que eu faço, tem alterações na minha programação de final-de-semana, tem uma série de alterações. Mas o que cabe a mim como município é não me alterar; É muito pouco tempo, o resto do ano eu tenho o ano inteiro pra fazer essas coisas. A minha vida normal é o ano inteiro. Dias excepcionais são esses e nos dias excepcionais eu tenho novas rotinas.

Existe alteração de rotina, não tenha dúvida. Na padaria, você não pode mais ir na padaria as 9h00 da manhã, você tem que ir as 6h30. Nove da manhã tem fila.

São hábitos que chateiam, mas depois de 10 anos. A pessoa que muda de São Paulo pra praia, no primeiro ano ela estranha, mas no décimo ano ela já sabe que na temporada não se vai na padaria nove horas da manhã. Na temporada não se vai no supermercado de sexta-feira a noite. Quer dizer, ela aprende por alternativas acerto e erro. Na terceira sexta-feira que ela vai no supermercado de temporada ela nunca mais esquece.

SOBRE AS IMPRESSÕES DO PASSADO DE PRAIA GRANDE

Eu penso pra frente. Senão tudo vai ser como era antes, eu quero carros a gasogênio, andar de bonde, eu vou querer navio a vapor, vou querer avião a turbohélice. As pessoas elas têm impressões de que o passado foi melhor. Eu escuto pessoas falarem que têm saudades da ditadura, que na ditadura tinha as coisas. Essa é uma visão antiga, visão de velho. Velho pensa pra trás. Tem que pensar pra frente, eu quero a cidade com mais gente. Eu quero a cidade melhor estruturada. Eu quero a cidade com melhor estrutura de transporte. Eu quero uma cidade com mais rodovias, mais supermercados, com mais coisas. Isso é desenvolvimento. Eu não quero ver supermercados fechando, rodovias sendo demolidas, pontes sendo implodidas, prédios sendo demolidos. Eu quero ver prédios novos, rodovias novas. Isso é progresso.

OS TURISTAS E A EDUCAÇÃO

Isso é um fenômeno nacional. Nós vivemos hoje uma quebra de valores de educação. As pessoas não são mais educadas como eram antigamente, então isso vai ser sempre motivo de estranhamento. Por outro lado existe um avanço, as crianças não jogam mais papel no chão, as crianças se atentam ao lixo reciclável, não esse lixo não é aqui, esse lixo é ali. De maneira geral acredito que é um fenômeno de educação generalizada

Situações cotidianas, pela maneira como se trata o seu lixo, com descaso, você atirar ele pela janela. Isso gera volume, são muitas pessoas numa cidade pequena com hábitos desregrados. Então isso gera muito acúmulo de lixo. O lixo é um dos maiores problemas da conduta do turista. Ele não sabe o que fazer com o lixo dele, gerado por ele.

Leandro – Afirmação 7: só porque têm casa (apartamento) em Praia Grande, os turistas sentem-se donos do mundo

Comerciante: do mesmo jeito que o paulistano se acha dono do Ibirapuera. É uma relação de identidade. Eu discordo, existem vários tipos de pessoas com vários tipos de abordagens. Tem gente que aluga um apartamento e se acham mais donos do mundo do que aqueles que têm apartamento há mais de 30 anos. Mas todos nós temos a nossa parcela de propriedade dentro da cidade. O que acontece muito é o estranhamento da pessoa que mora aqui o ano inteiro, que se sente invadia, ou seja, onde não tem fila passa a ter, onde. Então, ela tem essa visão invertida de que o turista é dono do mundo. Não, o turista simplesmente está ali, com fila ou sem fila, com gente ou sem gente, com sol ou com chuva. Quem tem essa visão é o contrário, é o morador que na sua visão de proprietário da cidade, ele acha que o turista é folgado, que o turista, só porque aquela pessoa está com a pele mais branca, ele é uma pessoa que ta causando aquilo. Não... o morador ta causando aquilo. Ele mora numa cidade que vive do turista. Ele tem que estar preparado pra receber o turista. Tudo bem, se uma pessoa se muda pra uma cidadezinha pequena, lá pra Passa Quatro de Minas, que não recebe turista, ela não vai ter problema com o turista. Essa pessoa não vai ter problema nenhum com o turista. Tem

lá, o fluxo de turismo da cidade é de mil pessoas por ano, não vai haver problema. O choque aqui é muito grande, de uma hora pra outra você passa de 200 mil pra um milhão de pessoas.

SOBRE O COMPORTAMENTO DO TURISTA

O turista está em estado de lúdico, ele vive um fenômeno único que é de relaxamento total. Arrogante é aquele que não consegue lidar com outro tipo de pessoa. Acho que arrogância não tem nada a ver com turismo. O arrogante é aqui, é na cidade de origem, na França, dentro do avião, não importa.

SOBRE A INFLAÇÃO OCACIONADA PELA SAZONALIDADE TURÍSTICA

Hoje isso não acontece mais. Isso é coisa do passado, quando a cidade não tinha estrutura pra receber. Eu quando vim pra cá há 25 anos, nós tínhamos um supermercado de médio porte e inúmeros de pequeno porte. Hoje temos mais de 2 dezenas de supermercados de grande porte e incontáveis de pequeno porte, que sobrevivem de turismo, então é a lei de mercado. O município desenvolveu. Então temos redes Carrefour, Pão-de-Açúcar, Barateiro, Makro, Atacadão, inúmeras opções de compra. Então hoje, de 2000 em diante, não justifica aumentar preço por causa de turista. Existe um preço local, que agente chama de inflação big mac, que é a coca-cola na beira da praia com certeza em dezembro é mais cara que em agosto. Mas isso agente entende porque. O gelo é mais caro, a mão-de-obra pra aquele produto estar a disposição pro turista na orla da praia é outro. Não é uma inflação generalizada. É uma inflação específica para produtos específicos num local. Então não é um fenômeno de inflação.

SOBRE A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DO TURISMO

O tamanho que o município tem hoje, com a capacidade administrativa que ele tem, ele é muito importante, mas ele não é mais a peça fundamental. A cidade hoje tem um fluxo de capital vindo de outras fontes, ela já caminha por conta própria, ela já tem uma vida própria. A região da baixada santista se desenvolveu e a Praia Grande junto. Ela também serve de dormitório para cidades que estão aqui em volta que também cresceram. Então a cidade hoje não é 100% turística, que seja 70% e 30%, mas não é mais 100% turística. É uma cidade que já caminha, ela já dá suporte de mão-de-obra, já dá suporte para a construção civil, mas turística mesmo, a cidade não teria como estar deste tamanho se fosse 100% turística.

Os turistas trazem dinheiro para a cidade em todas as instâncias. Desde a hora que ele compra um apartamento, desde a hora que ele abastece o carro, a hora que ele compra uma porção de camarão na praia, que ele toma uma cerveja, a hora que ele compra gelo, a hora que ele ascende a lâmpada, a hora que ele é multado, entendeu? Não importa, ele traz fluxo de capital indubitavelmente. Muito ou pouco, regrado ou desregrado, essa condição do turista ela é real.

SOBRE OS EFEITOS DA SAZONALIDADE, O COLAPSO DOS SERVIÇOS:

Sujeira ? Eu concordo com isso. É um fenômeno humano. Onde há aglomeração humana além da capacidade de recepção, há resíduo, é tudo proporcional. Eu não posso dizer que o turista é responsável pela poluição. Não, é o acúmulo humano em determinado espaço e tempo é responsável por gerar lixo. O ser humano gera resíduo naturalmente, pode até ser CO2. Vai da maneira como você aborda esse resíduo. Minha cidade hoje ela vive com 200 mil habitantes. De 25 de dezembro a 5 de janeiro ela tem que viver com 1 milhão e meio de habitantes. Então tudo entra em colapso, os bancos entram em colapso, a coleta de lixo entra em colapso, a estrutura de abastecimento de água, a estrutura de abastecimento de energia entra em colapso, a estrutura de abastecimento de bebidas entra em colapso, a estrutura de abastecimento de supermercado entra em colapso, tudo entra em colapso. No dia 2, 3 de janeiro aqui dependendo da época, você entra num supermercado você pensa que passou um furacão, você só encontra absorvente. Não tem feijão, não tem óleo, não tem cerveja, não tem água, não tem açúcar, não tem café, não tem bala, não tem biscoito, não tem nada. Porque não teve estrutura de abastecimento e teve uma demanda muito além da capacidade de abastecimento daquela época e do suporte do supermercado. Isso é um fenômeno muito comum, você chegar após o Reveillon no estabelecimento e não ter nada, por quê? porque foi tudo consumido. Não existia espaço físico pra armazenar e nem previsão de tanta gente, foi uma catástrofe.

Isso aconteceu muito nos anos 80, diminuiu nos anos 90 e esses últimos 2 anos voltou a acontecer novamente. É um fenômeno isolado. Não existe estrutura de abastecimento e existe uma demanda muito grande. Eu vi casos de pessoas, do dia 31 para o primeiro andar duas horas procurando coisas pra comer e não achar. Não ter um salgadinho, você chegar num carrinho de cachorro quente acabou, nenhum sanduíche. Você chegar num supermercado e não ter nada, nenhum tipo de comida. É um estado de calamidade até, mas é real. O que acontece, é uma demanda muito grande e o abastecimento não dá conta, porque o trânsito não permite, toda estrutura de abastecimento entra em colapso.

Esse ano foi atípico. Agente não sabe se é falta de previsão do comerciante local ou se a estrutura realmente entra em colapso. Nesses últimos 2 anos a estrutura entrou em colapso, é muita gente. Se você for comprar lá feijão no supermercado tem. O problema é aquela comida rápida, aquela que você não tem estrutura de preparo. É um sanduíche, é um salgadinho, é uma bolacha, um chocolate, alguma coisa que você consiga abrir uma embalagem e comer. Feijão tem. Óleo lá na prateleira tem, só que ... não é uma catástrofe onde tudo foi dizimado, é complicado de você entender, mas produtos de consumo rápido é um problema sério.

Pra voltar ao normal levam 2 dias, questão de horas, na verdade 70 horas já está tudo normalizando, talvez você não consiga 50 marcas do mesmo produto, mas você já tem alguma coisa normalizada. A estrutura produtiva já consegue. Porque entra em colapso a estrutura de abastecimento e produtiva. Porque eles também estão de férias. As férias são estendidas a todos. É o motorista de Jundiaí que está de férias, é o padeiro da Wickbold de Campinas que está de férias, todos estão querendo passar reveillon na praia.

SOBRE O CONSUMO E ALTA DE PREÇOS NA TEMPORADA:

A alta dos preços, ela é localizada, ninguém vai aumentar o combustível porque chegou a temporada, ninguém vai aumentar o preço do papel higiênico porque chegou a temporada. Mas a cerveja na bera da praia, gelada... o turista vai pagar caro. Porque ela sofre pra chegar, ela sofre pra gelar, ela sofre pra chegar na beira da praia, porque tudo tem inclusão de preços, de tarifas. O gelo fica mais caro, o carregador de gelo cobra mais caro, o guardador de gelo

cobra mais caro. Todas essas pessoas passam a ter ganho real nesse período. Ou seja, você passa a terceirizar mais a mão-de-obra, porque tudo você encarece pra chegar até a demanda. Hoje em dia ninguém mais fabrica gelo em casa. E o preço é só um detalhe, não tem questionamento de preço. O turista está num outro tipo de estado. É que nem você estar de férias numa cidade que você não conhece e não pegar um táxi. Ah... vou pegar um ônibus. Não, você está de férias, você gastou 2 mil dólares de passagem aérea, não vai gastar 10 dólares num táxi ?

SOBRE A NECESSIDADE DE GANHAR MAIS DINHEIRO NA TEMPORADA

Isso é automático. Não é que ele ganha mais dinheiro, ele ganha mais volume de dinheiro. A capacidade dele de atender se normalmente é 5, ele passa a atender 150. Então a margem é a mesma, os produtos são os mesmos. O que ele tem é um aumento de demanda e funciona em sua capacidade máxima, ele faz das tripas coração pra fazer o máximo. Ele traz o parente do norte, ele aumenta a capacidade produtiva dele pra ele acumular maior quantidade de capital, porque aquele capital vai ser imprescindível, o que não significa que ele obtém mais lucro. Ele ganha mais dinheiro em capital. Ele tem que acumular mais capital. O serviço dele tem que ser bem mais eficiente. Se ele for ineficiente, o dinheiro muda pro vizinho dele. Ele tem que ter aquilo que o turista quer na hora que o turista precisa. Não adianta ele querer cobrar 10 reais uma cerveja, aumentar o lucro, o turista não é bobo, ele vai migrar para o de 2 reais. Ele tem que aumentar a capacidade para ganhar volume de capital para compensar a baixa temporada.

Ninguém toma uma caixa de cerveja no inverno, congela. Já no verão...

SOBRE COMO SE ABASTECER E PREPARAR-SE PARA O PERÍODO MAIS CRÍTICO

Sim, eu, o morador, o comerciante, todo mundo.. Como vivemos num país tropical, aqui não neva. O alemão, o norueguês, começa a chegar o outono, ele começa a estocar a casa dele de lenha, de comida, de bebida, do diabo que o carregue, porque a hora que começar a nevar ninguém sai de casa. É que nem agente comparar, vivemos essa situação aqui também. Nas vésperas do reveillon todo mundo tá abastecido de pão de forma, leite de caixinha, carne está congelada. O que você conseguir prever e comprar antes, com os anos você aprende que você não vai sofrer no Reveillon, você não vai ter que ficar pegando fila em supermercado. 26 de dezembro, 27 de dezembro, abastece o tanque, enche, completa porque você não vai ter fila, porque tudo entra em colapso. O posto que atende 10 pessoas por dia passa a atender 100 pessoas por dia. Então ele não tem porque contratar mais frentistas sendo que daqui a alguns dias vai voltar tudo a estaca zero. Não, ele atende até a capacidade dele. Quem está na cidade tem que se adequar a um atendimento lento. O processamento das necessidades são reduzidos. O desejo continua intacto, mas os processos são congestionados.

O processo turístico, dentro da visão do turismo, ele é natural. Você acha que lá o morador de Copacabana, que se mantém naquele apartamento bacana, ele tem 360 dias de paz e tranquilidade e em 5 dias a vida dele é um inferno e nem por isso ele se ataca pela janela.

OS MORADORES EVITAM PASSAR O REVÉILLON NA AREIA

Já começou esse processo. Eu digo por mim. Já é o quinto ano que eu não passo o reveillon na areia. Porquê ? Eu sempre adorei passar, desde criança, perdi as contas de quantos Reveillons eu passei na areia. Porque não tem mais novidade pra mim. Eu to tentando um movimento contrário. Mas, passa pelo mesmo processo de você ter que viajar, de você ter que pegar o trânsito, você vai ser o turista em outra cidade. Então... eu tenho sentido das pessoas, dos

amigos daqui da cidade essa tendência de sair fora no reveillon, está passando a ser uma coisa comum entre os moradores da cidade. Menos os que estão envolvidos com a recepção do turista, dono de posto de combustível, dono de supermercado, dono de fábrica de gelo. Esse esquece, ele não vai sair. É que nem eu como comprador de latinha. Que nem um amigo me falou: eu peguei férias no começo de dezembro. Eu falei: Bom, dezembro é só até dia 20, porque depois o movimento só acaba na quarta-feira de cinzas.

SOBRE O VOLUME DE LIXO:

A latinha que é dispensada na praia de manhã, está no meu depósito a tarde. Eu que mexo com resíduos eu vejo no que acarreta às vezes no lixão. O lixão entra em colapso. Hoje o município processa 80 toneladas diárias de resíduo doméstico. Na temporada, brincando, brincando 500 toneladas

PERGUNTAS OBJETIVAS (04/03/09, 19h00, por telefone):

Pergunta 1 - Como se relaciona com os turistas que passam a temporada em suas casas de veraneio no município de Praia Grande e qual a modalidade desse relacionamento?

Sim, tenho, há vários anos. Se desenvolve desde a infância até a velhice (todas as faixas etárias, todos têm seus “parceiros” de temporada). Existem as turmas: a turma dos jogos de frescobol, de jogar futebol, a turma da pescaria, do passeio de barco.

Existe até uma expectativa quando criança, chegando as férias, de reencontrar determinadas pessoas. E também tristeza, quando descobre que fulano vendeu o apartamento e não voltará mais.

Quando adolescente, principalmente na idade entre 11 e 13 anos, a expectativa pra reencontrar as meninas é grande. Você sempre fica de olho e comenta: “ Nossa... você viu aquela? Como está gostosinha.... (risos).

Existe desde as relações comerciais (afinal de contas sou comerciante) até as relações pessoais, que de repente aparecem na festa de aniversário de seu filho, fora da temporada. As pessoas vêm aqui só pra isso. É o caso da festa da minha filha agora em junho, vem gente de Fortaleza, de São Paulo, de todos os lugares.

Hoje, minha amizade mais recente é de três anos pra cá, mas tem também as de quinze anos. Tem aquelas famílias que possuem casa aqui há muito tempo mas que conhecemos há pouco. E temos amigos aqui que possuem casa desde 1979.

No caso da minha amizade mais recente, vou a São Paulo no casamento de um casal que conheço há 3 temporadas.

Pergunta 2 - A modalidade de comportamento do turista de segunda residência: relacionamento e nível de aproximação

Também existe as relações mais comerciais.

3 - A preservação do contato após o retorno do turista Por exemplo: telefonemas, encontros na cidade de origem do turista, refeições compartilhadas, etc.

Sim, existem convites para almoço, jantar. É um comportamento característico do povo latino, diferente de fora do país, que pra jantar na casa de alguém você tem que programar com um ano de antecedência, o norte-americano é assim. Aqui é freqüente. É freqüente você ouvir: “passa lá em casa pra tomar uma cerveja” E você passa... até sem camiseta depois de vir da praia. Aliás, a amizade na fase adulta se caracteriza exatamente dessa forma, é o primeiro passo: comer uma pizza na casa dele. É bem diferente da amizade quando você é criança, que não inclui relações de poder e socioeconômica.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA COM UMA PROFISSIONAL DA ÁREA DA SAÚDE (AUXILIAR DE ENFERMAGEM)

DATA: 15/07/08

AUMENTO NA DEMANDA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE NA TEMPORADA:

Aumenta muito o movimento do pronto socorro, muito... aumenta muito na parte de emergência, né? Dá muito atropelamento, muito baleado, esfaqueado... muito. E muita virose também porque a cidade fica muito cheia. A poluição, né? Vai todo mundo pro mar. E acaba fazendo as coisa tudo no mar e... E acaba que, dá muita virose, né/ Então fica muito vômito, diarreia. Então o PS fica lotado, lotado...

SOBRE A VIOLÊNCIA

Aumenta muito. É onde tem mais baleado e esfaqueado é no pronto socorro. Morre muita gente, porque os turistas vêm pra cá. Os bandidos acham que eles vêm com dinheiro. E na verdade vêm com dinheiro mesmo, porque a pessoa vem pra passar uma temporada, umas férias, então eles vêm pra cá com dinheiro e os bandidos aproveitam pra roubar máquina fotográfica, geralmente você não pode andar com máquina digital na rua, você não pode sair com celular, relógio. Porque o que você saí, é tudo pra atrair os bandidos. Eles roubam mesmo e se você reagir eles matam. Então aumenta muito.

Esses números não são divulgados... com certeza porque o prefeito com certeza ele vai ocultar isso pra não afastar os turistas, vamos assim dizer, né?

Olha... eu acho que pelo menos triplica esse tipo de ocorrência. E assim, dá muito afogamento também... Bastante afogamento também... porque as pessoas bebem, comem demais e acabam entrando no mar e acabam ficando

O INCÔMODO CAUSADO PELA PRESENÇA DO TURISTA

Não... Não irrita não... concordo e não concordo, né? Porque não irrita muito. É que assim, não dá pra você entrar no supermercado, né? porque tudo fica superlotado. Um pouco incomoda sim, porque mesmo pra entrar dentro do PS o movimento é muito maior. O movimento é muito maior em pronto socorro, em farmácia, em padarias, que agente fica em filas enormes pra você comprar um pão você fica horas na fila, no supermercado também. Quer dizer, eu mesma chego do hospital cansada, aí tenho que entrar no supermercado e fico

horas no supermercado esperando pra passar no caixa. Se eu quiser ir e não ficar muito tempo na espera, eu tenho que ir durante a madrugada que é a hora que diminui um pouco, as pessoas que vão dormir, né? Deixam... fica menos movimento. Os mercados funcionam 24 horas, né? Farmácias... só durante a temporada. Fora da temporada não funciona, só até as 8 da noite.

SOBRE A PRESENÇA DE TURISTAS

Tem que ter turista, né? (riso) É assim... é bom e não é. É bom ter turista, mas assim... pouco, não muito turista também, né? Porque muito turista também não dá, né? Você acaba não tendo nem onde guardar o carro também, né? Tem problema com estacionamento, falta de água, né? Falta de água também é uma coisa absurda. Aqui no prédio não falta, mas na cidade em geral falta muita água, né?

Menos turista seria melhor, com certeza

COMPARANDO A CIDADE ANTES E DEPOIS DA REURBANIZAÇÃO DA ORLA

É... eu preferia a cidade de antigamente porque não era tanto movimento. Mas a cidade era muito feia, né? Assim, o prefeito que entrou, ele é um construtor, o prefeito que está no momento. Ele é construtor, então pra ele é melhor ele melhorar a cidade, deixar a cidade bastante bonita que é pra ele vender os apartamentos que ele constrói. Porque ele constrói muito prédio, tem que vender os apartamentos e com isso aumentar o número de turistas, né? Na cidade. Então assim... eu preferia porque não vinha tanta gente pra cidade. Mas só que agora a cidade ficou muito mais bonita, né? Os pronto socorros inclusive, né? Eram horríveis e não tinham estrutura para atender ninguém. Hoje em dia os pronto socorros são bons. Têm bom atendimento, prestam um bom atendimento, mesmo para os turistas.

Houve uma melhora pra cidade em si em questão de rendimentos. Rendimentos , né? rendimentos pra ... na parte de comércio, assim pros comerciantes é muito bom, né?

Agora, assim pra agente da área da saúde, acho que fica ruim é que fica muito sobrecarregado, né? Sobrecarrega muito.

Agora muita gente também veio morar na Praia Grande. Aumentou também o número de moradores da Praia Grande. Muita gente veio morar na Praia Grande. Hoje em dia muita gente mora aqui e trabalha em São Paulo. Muita gente mesmo.

SOBRE O COMPORTAMENTO DOS TURISTAS

A maioria é mal educada. Eles chegam aqui e acham que são donos da cidade

Acham que porque estão aqui eles chegam aqui e parece que assim, abriram as porteiças e jogaram os bois pra fora, entendeu? Porque eles chegam detonando tudo, eles destroem tudo e.. sabe? é uma bagunça generalizada, realmente...

Alguma coisa que acontece, vamos dizer, antes dos turistas irem embora pra São Paulo, é... acabam passando no pronto socorro porque. Ahhh... porque ta vomitando, eles querem entrar na frente, querem passa na frente. Ah porque eu tenho que ir embora então eu tenho que passar na frente com meu filho, meu filho está passando mal e eu vou embora agora e eu preciso passar, entendeu? Então arma o barraco no pronto-socorro na verdade

Agora outra situação não me lembro, mas acontece muita coisa. É que eu não sei te dizer agora no momento, uma outra coisa que tenha acontecido assim.

Os turistas são arrogantes. Não todos, mas a maioria, eles não têm educação mesmo. Chegam aqui, aí vão pro mercado, tudo... compram as coisa que têm que comprar. E muitos deles bebem demais, né? Excede o álcool, aí é briga na rua no trânsito, é briga em todos os lugares que nem no pronto socorro, nas farmácias, na padaria, em todos os lugares eles arrumam briga, porque estão bêbados e se sentem os donos do mundo, né?

INFLAÇÃO NA TEMPORADA

Os turistas são culpados pelo aumento dos preços em alta temporada. Aumenta tudo. Tudo tem bastante aumento, porque os comerciantes daqui abusam um pouco sim, porque eles querem ganhar tudo o que eles não faturaram durante o ano, né ?

É todo tipo de comércio. Não acho que é específico, é geral... parte de alimentos, parte de... até combustível, tudo. Tudo! Tudo! Tudo é mais caro. Então... até em feiras livres eles aumentam muito os preços. Aumenta muito o preço nas feiras.

Tem uma feira do lado do posto onde eu trabalho. Do lado do Quietude, tem uma feira enorme na quinta-feira. Uma feira muito grande e o preço é muito bom. Aí depende do bairro também. Aí quando é sábado eles vão pro Boqueirão. Aí , os mesmos barraqueiros, aí lá a feira é menor e mais cara.

É, mas é porque lá o pessoal tem um poder aquisitivo melhor , né?

É, eles não abusam em todos os alimentos, em todas as coisas. Mas o que eles puderem aumentar, eles aumentam, entendeu? Então vamos dizer assim hoje eles aumentam muito o arroz, amanhã o óleo, depois de amanhã é uma fruta. Então eles vão aumentando aos poucos, mas é um absurdo. Principalmente época de Natal e Ano Novo e Carnaval, porque a cidade fica lotada, né? Fica cheia, dizem que vem mais de um milhão de turistas pra cidade, né?

Aí eles querem abusar. Estacionamento... que você não acha lugar pra estacionar nem na rua. Então os estacionamentos cobram um absurdo pra você estacionar o carro. É R\$15,00 por 12 horas, R\$20,00 dependendo. Então é complicado.

Eu mesma, moro aqui. Em vez de deixar meu carro aqui, que não tem garagem suficiente, durante o ano inteiro eu pago estacionamento no prédio vizinho, o ano inteiro. Eu pago pra mulher o ano inteiro e uso só em julho, dezembro, janeiro e fevereiro que são as épocas de alta temporada ou quando tem um feriado prolongado que não tem onde por o carro, lá vou eu estacionar lá. Mas tem que pagar o ano inteiro por isso, né?

Leandro: mas não é só em temporada?

Auxiliar de enfermagem: Não, aí as pessoas não alugam. Ou se alugam, é um absurdo também. Então é melhor você ficar pagando o ano inteiro o mesmo valor, pelo menos você não sente.

Ah... É um absurdo, mas vai fazer o quê?

SOBRE ABASTECIMENTO PRÉVIO PARA SE PREPARAR PARA O PERÍODO DE MAIOR MOVIMENTO:

Geralmente no começo de dezembro porque dezembro e janeiro são os piores meses, né? Vai ao supermercado e compra tudo que puder, tudo o que é possível, o que não estraga e armazena o tempo que conseguir. Só feira que não tem jeito. Vou de quinta-feira na feira. Carne também você congela, porque tem açougue que você não consegue entrar. Banco também é um absurdo...

Isso irrita muito e incomoda.

DEPENDÊNCIA ECONÔMICA DO TURISMO E SAZONALIDADE

Para os comerciantes os turistas são indispensáveis mesmo.

Porquê pra prefeitura não, porque todo mundo tem que pagar imposto de qualquer jeito, né/ Então pra Prefeitura o que eles ganham de impostos, eles fazem o que têm que fazer. Agora pros comerciantes é indispensável, porque a época que eles ganham dinheiro, né? Eles ganham dinheiro na temporada. Igual formiga, né/ trabalha no verão pra comer no inverno. Porque durante o inverno é horrível o comércio na Praia Grande. Só parte assim onde é feito comida, que nem, um barzinho que faz alguma comida, uma chuleta, alguma coisa assim que eles durante o ano inteiro tem movimento. Agora, supermercado também tem movimento durante o ano todo. Mas assim, tem muitos comércios, parte assim de... Ahhh... a maioria do comércio mesmo em geral... só funciona em época de temporada, né? Lojas de roupa, lojas de brinquedo. É... esse tipo de coisa, né?

SOBRE POLUIÇÃO

Os turistas trazem bastante dinheiro sim. Mas também muita poluição, por isso que acaba tendo muito movimento do pronto socorro. Os pronto- socorros ficam lotados, pessoas com o que chamam de jeca, né? Que é vômito e diarreia. Tem um nome científico que já esqueci. Eu sei que é problema intestinal, gastrointestinal. Eles têm muito por causa da poluição mesmo, né? Porque já pensou um milhão de turistas todo mundo fazendo cocô e xixi nessa água e você tomando essa água? A parte de criança e adulto mesmo, todo mundo vai pro hospital com problema no estômago porque não tem jeito. Muito poluído, muita poluição. Aí o médico fala: é virose. E o pessoal: Ah... quando o médico fala que é virose é que não sabe o que é. Mas todo mundo com o mesmo problema, né? Complicado.

SOBRE INFLAÇÃO

Os comerciantes aumentam mesmo porque eles querem abusar, né? Costumam falar que eles enfiam a faca no turista, né? Porque eles cobram a mais mesmo que é pra poder sobreviver no inverno. Eles têm que faturar agora. Esses barraqueiros mesmo de praia, eles trabalham muito na temporada, acabou a temporada, acabou. Eles nem trabalham, né? Eles nem ficam na praia porque daí eles vão gastar o que eles ganharam durante a temporada. Olha que eles ganham bastante dinheiro na temporada. Trabalham muito, né? Mas ganham bastante também.

É isso mesmo, porque durante o ano é bem complicado. Dependendo do tipo de comércio é bem complicado. Tem que trabalhar na temporada pra conseguir sobreviver no inverno, senão não tem jeito. Ainda mais no frio, dependendo do que eles fizerem. Tem barraqueiros que

trabalham na praia debaixo do sol. No frio ninguém vai pra praia então o pessoal não gasta, né? Só na época da temporada.

Eu já moro aqui há 30 anos, em Praia Grande, no mesmo lugar. Eu já estou acostumada. Pro pronto socorro não aumenta o número de funcionários, sobrecarrega muito, porque não aumenta o número de funcionários, nem médicos, nem auxiliar, nem faxineiras, nem nada, são sempre os mesmos. E é muita gente. Então a demora é muito maior. A espera para passa pelo médico é muito maior e em outros casos de emergência, acabam esperando e nem passam na frente. E muitas coisas são besteiras, casos que podem ser contornados.

MOVIMENTO TURÍSTICO NAS FÉRIAS DE JULHO

Muito pouco, porque geralmente são férias só das crianças. Altera muito pouco. Só nos finais de semana que aumenta o movimento, mas também é pouco.

PERGUNTAS OBJETIVAS (06/03/09, 19h30, por telefone):

Pergunta 1 - Como se relaciona com os turistas que passam a temporada em suas casas de veraneio no município de Praia Grande e qual a modalidade desse relacionamento?

Sim, tenho amizade. Geralmente são pessoas que têm amizade com a minha filha. São pais que vêm com filhos e a Júlia brinca muito e agente acaba se relacionando. Mas é um coleguismo, não passa muito disso.

2 - A modalidade de comportamento do turista de segunda residência: relacionamento e nível de aproximação

Mais de amizade por causa das crianças. E agente acaba se aproximando. Mas nada de muita aproximação. Ex: levar as crianças juntas pra praia, pro parque, etc. isso acontece muito.

3 - A preservação do contato após o retorno do turista Por exemplo: telefonemas, encontros na cidade de origem do turista, refeições compartilhadas, etc.

O relacionamento só retorna com a temporada. Indo embora, perde-se o contato. Já me convidaram para festa em São Paulo de criança, mas pra mim não dá, porque estudo e trabalho. Mas quando estamos aqui, saímos pra comer pizza, tomar sorvete.